

COLEÇÃO APLAUSO **TEATRO BRASIL**

ENCONTRO DAS ÁGUAS

FUNIL DO BRASIL

ANDAIME

ABRE ASAS SOBRENÓS

O TEATRO DE

SÉRGIO ROVERI

imprensa oficial

O Teatro de Sérgio Roveri

O Teatro de Sérgio Roveri

O Encontro das Águas

O Funil do Brasil

Andaime

Abre as Asas Sobre Nós

| imprensaoficial

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O Encontro das Águas

*A Gabriel Bastos Júnior, o Gabaju,
que não pôde esperar este trabalho ficar pronto*

CENÁRIO – Uma grande ponte sobre um rio a poucos quilômetros do seu encontro com o mar. Os personagens irão se cruzar em um vão inferior da ponte, embaixo da pista onde passam os carros.

PERSONAGENS – Apolônio e Marcelo

CENA 1

Marcelo chega à ponte em passos vagarosos e indecisos. É um rapaz de aparência soturna. Carrega uma mochila nas costas. Caminha até o ponto mais alto da estrutura da ponte e olha para baixo, em direção ao rio. Projeta o corpo para frente, alongando o pescoço e apoiando-se na mureta da ponte. É uma coreografia arriscada, que poderia culminar num salto. Sua presença já foi notada por Apolônio, que está sentado, com as costas apoiadas em um dos pilares da ponte. Marcelo não o viu. Apolônio tem nas mãos um fio de metal maleável, que usa para atravessar os orifícios de minúsculas pedras falsas, em um paciente trabalho que irá resultar numa pulseira. Mal levanta a cabeça para se dirigir a Marcelo.

APOLÔNIO (*absorto em seu artesanato*) – Ainda não é uma boa hora...

Marcelo se assusta, afasta-se da mureta e olha para trás. Vê Apolônio impassível em seu trabalho. Marcelo fica calado.

Apolônio levanta-se indiferente e vai em direção à mureta. Leva o artesanato na mão. Olha o rio com atenção.

APOLÔNIO – Ainda é muito cedo. (*Olha para o relógio*) – Acho que ainda vai levar umas duas ou três horas pra ficar no ponto. Tá vendo lá embaixo? Dá só uma olhada. Ainda dá pra ver as pedras no fundo do rio.

Apolônio retorna ao local onde estava sentado e, alheio, prossegue em seu trabalho. Marcelo aproxima-se de Apolônio e observa suas coisas. Volta para a mureta e olha o rio.

16 MARCELO – Duas ou três horas pra quê?

APOLÔNIO – Pra ficar no ponto.

MARCELO – Você está falando da maré?

APOLÔNIO – Não está vendo as pedras lá no fundo do rio? A maré tá muito baixa, ela só enche no finalzinho da tarde. (*Levanta-se e se aproxima de Marcelo*) – Tá vendo aquela faixa escura ali no pilar, aquela marca de musgo no concreto? Daqui a umas duas horas a correnteza vai estar batendo ali, daí vai ser bem melhor pra você.

Marcelo permanece calado, com os olhos fixos no pilar que Apolônio lhe indicou.

APOLÔNIO – Você tá pensando em esperar? Aqui em cima aparece de tudo, viu. Tem quem espera, tem quem diz que volta depois. (*Olha para o rio, e diz baixo*) – Se bem que...quem diz que volta depois nunca mais dá as caras. Teve um cara, um pouco mais velho que você eu acho, que uma vez jurou que ia voltar dali a uma horinha. Ele prometeu que era o tempo de escrever um bilhete e voltar. Na hora, eu pensei aqui comigo – se o cara for parar para escrever bilhete, desiste. Aquele lá nunca mais voltou. Você já pensou se todo mundo que chegasse no topo de uma montanha-russa se arrependesse e pedisse pra descer? Não pode. É muita subversão. A gente precisa seguir algumas regras. (*Para Marcelo*) – Se eu fosse você, eu esperava. Já chegou até aqui mesmo.

17

Marcelo continua calado, dividindo o olhar entre Apolônio e o rio.

APOLÔNIO – Escuta, você não subiu até aqui só pra olhar a paisagem, subiu? Se ainda desse pra ver alguma coisa bonita daqui, eu até entenderia... Eu sempre achei que eles deviam ter feito esta ponte mais lá pra frente. Assim a gente podia enxergar o mar, pelo menos...

MARCELO – Olha, eu...

APOLÔNIO – Quietos! Presta atenção. (*Aproxima-se de Marcelo e coloca os dedos perto de sua boca, impedindo-o de falar*) – Tá ouvindo as gaivotas? São elas que me lembram que tem um mar lá adiante. (*Pausa*) – No começo eu sentia falta de uma vista mais bonita, sabe? Mas, com o tempo, fui me acostumando. Hoje eu nem dou mais bola para o barulho dos caminhões que circulam aí em cima, para os pneus que às vezes passam boiando no rio. A única coisa que me irrita aqui é ter de mudar de lugar a toda hora... A ponte vive me empurrando...

MARCELO – Quê?

- 18 APOLÔNIO (*apontando para cima*) – Já reparou naquela rachadura? Toda vez que chove, ela aumenta um pouquinho. E as goteiras vão me empurrando cada vez mais para trás. Parece que a cada chuva a ponte me diz: chega pra lá.

Apolônio volta a se sentar.

APOLÔNIO – E então, já sabe o que veio fazer aqui em cima?

MARCELO – É proibido subir aqui?

APOLÔNIO (*olhando atentamente para Marcelo*) – Você não parece ser do tipo que vai querer se arreentar lá embaixo. Tá vendo as pedras?

Dezessete metros daqui até lá. Deve fazer um barulho seco se a maré está baixa. Bom, eu acho que o pior nem é o barulho. Você não acha?

Marcelo não responde, mas deixa claro seu desconforto..

APOLÔNIO – Eu acho que o pior é ficar lá embaixo, estirado. Não sei, parece que o sujeito tá querendo se mostrar pra todo mundo. Ficar assim, exposto depois, pra quê? (*Animado*) - Mas quando a maré sobe é diferente. Eu acho que fica mais elegante, tem mais classe. É assim como...como comer *fondue*, entende?

MARCELO – Escuta, na boa, pra ficar um pouco aqui em cima eu tenho de agüentar este seu papo? Até agora, eu não sei do que você está falando, cara.

APOLÔNIO – Agora eu estou falando de comer *fondue*. Nunca comeu? (*Bem didático*) – Você pega a torradinha e mergulha naquele mar de queijo derretido. A torradinha afunda no queijo suavemente, sem fazer barulho. Ela desaparece quieta, tragada pelo queijo. Você já pensou quanta dignidade tem essa torradinha que mergulha e se afoga no mar de queijo? As outras, aquelas que caem no chão, no seco, o que que a gente faz com elas? Despreza, chuta debaixo

da mesa. Por isso que eu digo – é melhor esperar a maré subir...

Apolônio volta a se sentar no seu canto. Retoma o trabalho com a bijuteria.

APOLÔNIO – No seu lugar, eu esperava.

Marcelo lança um olhar demorado para os dois lados da ponte.

APOLÔNIO – Nem adianta ficar procurando, este aqui é o trecho mais alto mesmo...

20

MARCELO (*reticente*) – Você pretende ficar por aqui, até o final da tarde, quando a maré tiver subido...

APOLÔNIO (*de cabeça baixa, entretido com as bijuterias*) – Pode ser. (*Irônico*) – Não tenho nenhum compromisso assim...urgente. Que dia é hoje?

MARCELO – Quinta-feira

APOLÔNIO (*retirando uma agenda da sacola e folheando rapidamente*) – Tst, tst. Não tenho nada marcado pra hoje, nadinha. (*Olhando provocativo para Marcelo*) – Uma tarde inteira livre, à espera de algum acontecimento.

MARCELO – E quando a maré estiver alta...

APOLÔNIO faz um sinal com a cabeça para que ele continue.

MARCELO – Quer dizer, depois que a água chegar naquele ponto, ali no musgo, o que você vai fazer?

APOLÔNIO – Eu acho que não é o que *EU* vou fazer que interessa, não é?

MARCELO – Quando você vem pra cá, você fica pensando em...

APOLÔNIO (*interrompendo-o*) – Você não consegue simplesmente falar uma coisa sem perguntar? Vem cá, me empresta seu braço.

21

MARCELO – O quê?

APOLÔNIO – Me dá seu braço. Arregaça um pouco a manga.

MARCELO – Dá um tempo, cara.

Apolônio levanta-se, segura o braço de Marcelo e coloca a pulseira que acabou de fazer em seu pulso. Afasta-se um pouco para ver o resultado.

APOLÔNIO – Não sei...o que você achou?

MARCELO (*olhando para a pulseira*) – Disto aqui? Sei lá...É legal...mas...não é mais pra mulher?.

APOLÔNIO – É, eu acho que ficou um pouco feminina, sim...se eu usar umas pedras maiores, ou de uma cor só...daí acho que pra homem ia ficar um pouco mais maneiro...Você curtiu essa aí? Quer? Eu faço por vinte...

MARCELO (*tirando a pulseira*) – Não, até achei legal, mas não assim pra comprar. Eu não ia usar... eu não uso nada, pulseira, anel, essas coisas... Nem de relógio eu gosto. Toma ela aqui.

22

Apolônio pega a pulseira e coloca em seu próprio braço. Olha com curiosidade para o objeto.

APOLÔNIO – Agora não, mas pra quando chegar o verão, até que pode ser uma...

Apolônio retira a pulseira do braço e a guarda no bolso.

APOLÔNIO – De que signo você é?

MARCELO (*com voz baixa e irritada*) – Vá se foder.

APOLÔNIO – Qual?

MARCELO – Libra!

APOLÔNIO – Libra..libra...é quartzo.

Apanha a sacola e começa a remexer seu interior.

APOLÔNIO – Quartzo, quartzo...Caralho, não tenho nada de quartzo aqui hoje. É libra mesmo, é? Então fodeu. Seu ascendente qual que é?

MARCELO (*olhando para as coisas de APOLÔNIO*) – Escuta, é isso que você vem fazer aqui em cima? Colar, pulseirinha...E aposto que à noite vai encher o saco de quem está nos botecos, pra ver se consegue vender alguma coisa, não é? E o que é pior – ainda cobra caro. Qualquer camelô decente não ia pedir mais do que cinco pilas por esta bugiganga aí que você me mostrou. E agora ainda vem com este papo besta de signo.

23

APOLÔNIO (*irônico*) – Reação estranha pra quem é de libra...Deve ter uma influência fodida do ascendente aí...

MARCELO (*ainda alterado*) – Não sei qual é meu ascendente. (*Outra pausa, e agora em tom de frustração*) – Minha mãe não lembra direito da hora em que eu nasci.

Apolônio retira um *walkman* do meio de suas coisas e coloca os fones no ouvido. Observa Mar-

celo, que volta a se aproximar da mureta para olhar o rio. Depois de alguns instantes, percebe que alguma coisa atraiu a atenção de Marcelo. Retira os fones de ouvido e corre até ele.

VOZ EM OFF – Vê se hoje não caga aí no vão, hein, Apolônio.

MARCELO – Apolônio?

APOLÔNIO (*encobrindo a boca de Marcelo*) – Cala a boca, idiota. Quer que eles descubram que você tá aqui, é? (*Falando alto, em resposta à voz em off*) – Eu já falei que não sou eu que cago aqui.

24

MARCELO (*rindo*) – Apolônio? Catzo. Que raio de nome é este?

APOLÔNIO (*sussurrando*) – Quietos, cacete. É a polícia. É a hora que eles fazem a ronda aí em cima.

VOZ EM OFF – Tá estranho hoje, Apolônio! Não tá cagando aí embaixo, tá?

APOLÔNIO (*impaciente*) – Tô trabalhando.

MARCELO – O que que você tem com a polícia? Como é que eles sabem o seu nome? Você não

sobe até aqui pra...pra fazer isso que eles falaram, sobe?

APOLÔNIO – Eu não tenho nada com a polícia, cara. Mas se eles vêem você aqui, vão querer te levar. E daí dançou, meu. Você vai ter que ir.

MARCELO – Por que a polícia ia querer me levar daqui? Eu não estou fazendo nada de mais.

APOLÔNIO – Não está fazendo nada agora, mas daqui a pouco vai pensar em fazer, não vai? E é pra impedir isso que eles ficam passando aí em cima. Duas vezes por dia, desde que... (*Olhando para cima*) – Eles já foram.

25

MARCELO – Desde que o quê?

APOLÔNIO – Hã?

MARCELO – A polícia. Você disse que eles passam aqui duas vezes por dia desde que...

APOLÔNIO – Ah, sei lá, desde que eles fizeram a ponte, eu acho.

Marcelo volta a se aproximar da mureta e lança um demorado olhar para o rio.

MARCELO (*introspectivo*) – Você já viu alguém que tenha ido até o fim?

APOLÔNIO – Já.

MARCELO – Viu...é muito foda?

Apolônio dá de ombros.

MARCELO (*insistente*) – É muito foda, cara? Me diz aí como é que é, vai...

APOLÔNIO – A pessoa se atira e cai, ué. É simples assim. E depois afunda, às vezes se debate um pouco antes. E depois o rio leva para o mar, lá na frente. E depois de uns dias, aí sim é que é foda, o mar devolve. (*Caçoando*) – Parece que isto aqui não tem saída, cacete. Até o mar cospe a gente pra fora de novo. Aonde a gente vai parar desse jeito? Você nunca pensou nisso? Depois de uns dois ou três dias, nem o mar mais aguenta a gente...vomita a gente na praia e larga lá. O mar, com aquela imensidão toda, e nem assim ele aceita ficar com um desgraçado qualquer...

26

MARCELO – Não é disso que eu estou falando. Eu quero saber como é que é na hora, se eles falam alguma coisa, se choram, dão um grito, olham pro céu, mandam tudo à merda, sei lá.

APOLÔNIO – Eu só vi uma vez, caralho.

MARCELO – Homem ou mulher?

APOLÔNIO – Mulher.

MARCELO – Como é que ela era?

APOLÔNIO – Normal.

MARCELO – Como assim, normal?

APOLÔNIO – Normal, caramba. Normal, como toda mulher, com peito, bunda, cabelo...

MARCELO – A cara dela, como é que era...como é que estava a cara dela?

APOLÔNIO – Você acha que eu vou lembrar da cara de todo mundo que já veio até aqui em cima? Eu só lembro bem da cara daquele bundão que ficou me enrolando com a história do bilhete.

27

MARCELO – Ela parecia muito triste?

APOLÔNIO (*sádico*) – Não, ela veio, ligou o som, estourou um champanhe, começou a dançar aí na mureta, tomou um ácido, perguntou se eu não tava a fim de dar uma última trepada e daí pulou gargalhando...

Marcelo fica em silêncio.

MARCELO – E o que que você fez?

APOLÔNIO – O que que eu podia fazer?

MARCELO – Você deixou a mulher se jogar? Não correu pra segurar ela?

APOLÔNIO – Eu não.

MARCELO – Mas por que não? Não era só largar um minuto essas porcarias que você faz e segurar a mulher?

Silêncio

MARCELO – Por que não, cara?

28 APOLÔNIO (*introspectivo*) – Porque eu fiquei aqui olhando pro jeito dela.

MARCELO – Que jeito?

APOLÔNIO – Daquele jeito, é difícil de explicar, mas ela tinha um jeito de quem não queria ser salva. Acho que aquele era o último desejo dela, que ninguém segurasse ela ali.

MARCELO (*decepcionado*) – Então você não fez nada...

APOLÔNIO – Eu já disse. Tava escrito na cara dela que ela não queria ajuda.

MARCELO – Como é que você pode ter certeza disso, cara? Sabe qual é a única certeza que você pode ter, sabe? A de que você não fez nada por ela, isso sim.

APOLÔNIO (*em voz baixa*) – Eu fiz um poema...

MARCELO – O quê?

APOLÔNIO – Um poema, nunca ouviu falar? Uma poesia, versos, saca? Métrica, rimas... Eu fiz um poema para ela, entende o que é isso?

MARCELO - A mulher se afogando e você fazendo um poema?!

29

APOLÔNIO – Não foi na hora que eu fiz, foi depois. É o melhor poema que eu já escrevi na vida. (*Pausa*) – Eu sempre achei que tudo tem um preço. Vai ver que o preço do meu poema foi ter visto aquela mulher se jogando ali, na minha frente. Paciência...Ela já tinha se jogado mesmo, nem sei se alguém ia sentir falta da coitada. Pelo menos, a morte dela rendeu um poema.

MARCELO – Foi depois desse dia que a polícia começou a fazer tanta ronda aqui, não foi?

Apolônio apenas consente com a cabeça.

MARCELO (*anda um pouco pela ponte, confuso*)
– Você lembra do que escreveu?

Apolônio vai até uma sacola que está no chão e, do meio de vários cadernos, escolhe um, do tipo brochura.

MARCELO – Ué, é o melhor poema da sua vida e você não sabe de cor?

APOLÔNIO – Sei, mas eu acho que lendo fica mais formal.

Apolônio apóia o caderno na mureta e lê –
No tempo de semeadura, aprende; na colheita,
ensina;

30

no inverno, desfruta.

Conduz teu carro e teu arado sobre a ossada
dos mortos.

Aquele que deseja e não age engendra a peste.

O verme perdoa o arado que o corta.

Imerge no rio aquele que a água ama.

O tolo não vê a mesma árvore que o sábio vê.

À laboriosa abelha não sobra tempo para as
tristezas.

As horas de insensatez, mede-as o relógio; as de
sabedoria, porém, não há relógio que as meça.

Apolônio fecha o caderno e volta a colocá-lo no meio de suas coisas. Marcelo encosta o corpo na mureta e olha para o rio.

MARCELO – Subiu mais um pouco.

APOLÔNIO (*enquanto coloca suas coisas na sacola*) – Hoje tá indo bem depressa, acho que mais uma hora e pouco...

Marcelo olha para o chão e encontra uma pedra. Ele a joga no rio e acompanha com os olhos a duração da queda. Depois diz, sem encarar Apolônio.

MARCELO – Você não devia gostar deste poema. Custou muito caro. Acho que ele é mais dela do que seu, se você quer saber. (*Pausa*) Tem nome?

APOLÔNIO – O poema? Não, nem pensei nisso.

MARCELO - Você devia ter perguntado o nome dela pelo menos. Pra batizar o poema...já que não fez nada pra salvar a coitada mesmo...

APOLÔNIO – Pode ser...Mas nem deu tempo. Ela chegou, olhou o rio e saltou. Foi tudo muito rápido. (*Irônico*) – Ela não ficou aí enrolando...

Marcelo faz que não registra.

Apolônio começa a guardar suas coisas na sacola. Está de costas, de novo indiferente à presença de Marcelo.

MARCELO – O que você tá fazendo?

APOLÔNIO – As coisas não entram sozinhas na sacola...

MARCELO – Pensei que você fosse ficar por aqui até a maré subir.

APOLÔNIO – Eu já vi a maré subir ontem, anteontem, semana passada, posso ver amanhã de novo. Não vou perder nada se for embora agora. *(Cínico)* – Ou será que vou? *(Pausa)* – Eu ganho alguma coisa se ficar? Vou ver algum gesto que vale a pena?

32 Marcelo permanece em silêncio. Olha de novo para o rio.

MARCELO – Ainda não tá no ponto...

APOLÔNIO *(já levando seu grande saco às costas)* – Se você vai ficar por aqui, é melhor não fazer barulho. Daqui a pouco a polícia aparece pra outra ronda. E se eles te encontram aqui, te levam embora na hora. E é bem capaz ainda de você tomar uns cascudos na cabeça, isso sim.

Apolônio começa a deixar a ponte, enquanto Marcelo o observa calado. Passam-se alguns instantes e Apolônio volta.

APOLÔNIO – Esqueci de perguntar uma coisa.

MARCELO – O que foi?

APOLÔNIO – De qual profeta você gosta mais?

MARCELO – O quê?

APOLÔNIO – Os profetas... Isaías, Jeremias, Ezequiel, Lucas...de qual deles você gosta mais?

MARCELO – Tava demorando pra vir com papo de beato, né? Sei lá, não conheço nenhum deles. Se é algum jogo, eu tô fora.

APOLÔNIO – É bem melhor que jogo. *(Coloca o saco no chão e retira um livro de dentro dele)* – Eu vou ajudar você a escolher. Eu vou falar três passagens, e depois você escolhe uma, tá bom assim?

33

MARCELO – Mas que brincadeira é essa? Cara, eu não vim aqui pra rezar, sacou?

APOLÔNIO – Vamos lá, tá pronto? *(Apolônio abre o livro e começa a ler)* –

A primeira – Deus promete também eliminar as coisas que causam infelicidade – a morte, o pranto e a dor. Por ser Todo-Poderoso, Deus pode fazer isso.

A número dois – O deserto se alegrará, e crescerão flores nas terras secas; cheio de flores, o deserto cantará de alegria.

Agora a última, hein, presta atenção – Com laços de amor e de carinho eu os trouxe para perto de mim; eu os segurei nos braços como quem pega uma criança no colo. Eu me inclinei e lhes dei de comer.

Apolônio termina de ler e olha curioso para Marcelo, à espera de uma resposta.

APOLÔNIO – E então?

34

MARCELO – Não sei, eu...

APOLÔNIO – É só escolher uma, não enrola. Da qual você gostou mais?

MARCELO – Da primeira que você falou... aquela que Deus promete acabar com o pranto, a dor...

APOLÔNIO – Hum, nada mau, hein. É a minha favorita também.

Apolônio então arranca uma página do livro e a rasga em várias tiras finas.

MARCELO – Que que é isso agora?

Apolônio coloca o livro no chão e sobre uma das tiras finas despeja um pouco de erva e começa a enrolar. Marcelo vai até o livro.

MARCELO – A Bíblia, você é louco, cara?

APOLÔNIO – Deixa esta aí, eu tenho outras.

MARCELO – Mas você está rasgando a Bíblia...

APOLÔNIO – Como é que eu ia enrolar isso aqui se não rasgasse? Toma, dá uma tragada.

MARCELO – Cara, quem precisa tomar cuidado com a polícia é você, não eu. Se eles te pegam fumando maconha aqui, você tá ferrado.

35

APOLÔNIO – Eles fazem tanto barulho quando estão chegando que dá tempo de esconder legal. *(Pausa)* – Relaxa, cara.

Marcelo fica imóvel.

APOLÔNIO – Deixa de ser babaca, fuma aqui. *(Apolônio dá uma tragada e diz com a boca ainda cheia de fumaça)* – É o melhor jeito de lidar com a Bíblia, cara, eu tô falando. Se não fosse pra fumar, porque que iam fazer essas páginas assim fininhas?

Marcelo aceita o baseado e os dois fumam quietos por alguns momentos.

MARCELO (examinando o baseado atentamente) – Eu nunca consegui enrolar assim fininho. Que beleza...

APOLÔNIO – Alguma coisa a gente precisa aprender a fazer bem na vida.

MARCELO – Tô ouvindo as gaivotas agora...

Apolônio ri e dá outra tragada.

APOLÔNIO – Parabéns, cara

MARCELO – Por quê?

36 APOLÔNIO – Sabe o que você tá fumando?

MARCELO – Não.

APOLÔNIO – O Apocalipse, versículo 21.

Marcelo se engasga com a fumaça, mas depois não consegue conter o riso. Os dois se recostam nos pilares da ponte e em alguns minutos estarão cochilando. As luzes se apagam.

CENA 2

Luzes vão se acendendo. Marcelo é o primeiro a acordar. Levanta-se sem fazer ruído e vai observar o rio. Volta e senta-se em silêncio ao lado de Apolônio, que continua dormindo. Cuidado-

samente, Marcelo abre o saco com as coisas de Apolônio e começa a examiná-las. Detém-se por alguns momentos em um determinado livro. Ao perceber que Apolônio está acordando, guarda rapidamente os objetos. Finge que também estava dormindo. Apolônio levanta-se com calma e caminha até a mureta. Lança um demorado olhar para o rio.

APOLÔNIO (*para si mesmo*) – Quase no ponto...

Marcelo levanta-se e caminha até onde está Apolônio.

MARCELO – Está subindo mais rápido do que você falou. Nem duas horas...

APOLÔNIO – Às vezes até a maré me engana... (*Apóia-se na mureta e olha ao longe*) – Naquela tarde, depois que a mulher se jogou, eu fiquei aqui na ponte um tempão. Quando eu percebi, já tinha anoitecido. Eu achava que já tinha visto coisa demais pra um dia só, mas daí apareceu a lua. Não é que a mulher tinha dado sorte, cara? Ela se matou no primeiro dia da lua cheia. A lua começou a nascer ali na frente... (*Aponta*) – Conforme ela ia subindo no céu, a danada ia esparramando uma mancha dourada no rio. Você já viu aquelas manchas de óleo que vão avançando na água, encobrindo tudo. Era

igualzinho, só que parecia um derramamento de ouro. Aquela mancha dourada foi vindo cada vez mais pra perto da ponte...Quando aquele brilho todo chegou aqui embaixo, bem onde a mulher tinha caído, eu fui embora correndo. *(Pausa)* – Às vezes, a gente não sabe o que vai aparecer quando a luz começa a bater, não é? Eu sempre achei que o escuro é mais seguro.

Apolônio volta a se sentar ao lado de suas coisas.

APOLÔNIO – Acredita que nunca ninguém subiu aqui para perguntar daquela mulher?

38 MARCELO – Nem a polícia?

APOLÔNIO – Ninguém. Me dá a impressão de que nada do que ela fez na vida valeu a pena. Eu fiquei aqui no dia seguinte, no outro, no outro também... e nunca ninguém veio saber dela. É como se ela tivesse saltado à toa, você entende? Ou como se ela tivesse vivido à toa, o que é pior.

MARCELO – Apolônio...

APOLÔNIO – Hã?

MARCELO – Por que você disse que era seu?

APOLÔNIO – O quê?

MARCELO – Aquele poema que você leu, eu vi...

Apolônio começa a se exaltar

APOLÔNIO – Viu o quê?

MARCELO – Eu mexi na sua sacola. Desculpa, eu só queria...

APOLÔNIO – Queria o quê, caralho, queria o quê?

MARCELO – Queria ler um outro, só isso. Aquilo lá que você leu, aquele poema, não sei... Eu nunca gostei muito de poesia, sabe? Mas achei aquilo triste pra caramba. Mais triste do que eu ando nesses dias, te juro. Até aquela hora, eu não te dava nada, cara. Pra mim você era só um metidão desocupado que vinha aqui em cima fazer estas pulseirinhas... Depois que você leu o poema eu me toquei que você também devia andar fodidaço, pra escrever aquilo... Eu fui mexer nas suas coisas não foi pra xeretar, cara... Eu só queria ler mais um.

APOLÔNIO – Quem deu ordem pra você olhar minhas coisas, seu putto?

MARCELO – Eu já pedi desculpas. Não precisa ficar assim. Eu não vou mexer mais em nada.

(Pausa) – Aquele cara que escreveu o poema, William Blake, né? Eu vi o nome dele na capa. Um livrinho amarelo, com a capa bem surrada.

APOLÔNIO – Vá à merda, cara, eu devia ter falado pra você pular naquela hora que você chegou aqui, seu bosta. Devia era ter deixado você se arrebentar lá nas pedras.

Marcelo fica calado por alguns segundos.

MARCELO – Apolônio?

APOLÔNIO – Me deixa quieto, cacete. Dá o fora daqui, vai.

40

MARCELO – Apolônio, você me empresta aquele livro, quer dizer, se ele for seu mesmo... Eu leio e devolvo logo.

Apolônio salta sobre Marcelo e o segura pelo pescoço, ameaçando jogá-lo no rio. Marcelo se desespera.

MARCELO – Que é isso, cara, ficou maluco?

APOLÔNIO – Some daqui, tá ouvindo? O rio já tá cheio, tá vendo? Basta um empurrãozinho e a gente acaba com isso num instante. Eu já vi uma coitada se afundar aí, posso agüentar ver outro.

Apolônio continua a apertar o pescoço de Marcelo, mantendo-o colado à mureta. Toca um celular.

APOLÔNIO – O que é isso?

MARCELO (*quase sufocado*) – Telefone...

APOLÔNIO – Aonde tá essa porra?

MARCELO – Na mochila...

Com a mão esquerda Apolônio puxa a mochila das costas de Marcelo, enquanto a direita continua apertando seu pescoço. Vasculha a mochila e não encontra o celular. Despeja todo o seu conteúdo no chão, e vários recortes de jornal caem do seu interior. Encontra e atende o celular.

41

APOLÔNIO – Alô? Não, não é ele. (*Para Marcelo*) – Seu nome é Marcelo?

Marcelo faz que sim com a cabeça.

APOLÔNIO – É, ele tá aqui, sim, mas não tá podendo falar agora. Tá ocupado. Quem quer falar com ele? (*Para Marcelo*) – É a sua mãe. (*Ao telefone*) – Não, tá tudo bem, ele só não tá podendo falar. (*Ouve*) – É, eu sou amigo dele, por enquanto. (*Ouve*) – Não, nada. A senhora quer deixar recado? (*Ouve*) – Perguntar o quê? O

quê?! Não, eu não acredito que é pra perguntar isso pra ele, a senhora tá brincando comigo... Olha, então fala a senhora mesma com ele...

Apolônio entrega o celular a Marcelo e o solta. Marcelo se recompõe um pouco antes de falar ao telefone.

42 MARCELO – Oi, mãe. Não, tá tudo bem. (*Vê que Apolônio começou a ler os recortes*) – Devolve isso, cara. (*Gritando*) – Não mexe aí. (...) Não, mãe, não é com a senhora. É que... (*Tampa o celular com a mão e diz para Apolônio*) – Deixa isso aí, cara. Não mexe nessas coisas. (*Para a mãe, no celular*) – Pronto, ah, sei...(Ouve) – Ah, mãe, qualquer coisa...(Irritado) – Qualquer coisa, mãe, depois a gente vê isso. Depois a gente se fala, tá? Tá bom, tchau.

Coloca o celular no bolso e avança sobre Apolônio.

MARCELO – Me dá essas coisas, cara.

APOLÔNIO – Parado aí, senão eu jogo tudo no rio.

MARCELO – Não, cara, devolve aqui, por favor.

APOLÔNIO – Na hora de ir fuçar nas minhas coisas, tudo bem, né?

MARCELO – Eu já pedi desculpas, cara. Isso aí é tudo coisa pessoal, não interessa pra ninguém.

APOLÔNIO – O que tinha na minha mochila também era coisa pessoal, e você foi lá xeretar.

MARCELO – Mas isso aí é diferente. Tudo isso é meu mesmo, eu não fico usando isso para enganar as pessoas. Me dá aqui.

Apolônio observa os recortes.

APOLÔNIO – Você estava a 160 ou 180 por hora? (*Aponta para os recortes*) – Este aqui fala 180, este outro, 160....qual que tá certo? Ou você nem lembra, hein? Olha só – estudante, 23 anos, embriagado, excesso de velocidade...nossa...que noite!

43

MARCELO (*implorando*) – Devolve isso, caralho...

APOLÔNIO – Primeiro racha?

MARCELO – Vai se foder.

Apolônio ameaça atirar os recortes no rio.

MARCELO (*rapidamente*) – Primeiro, cara, primeiro racha. Agora devolve aqui. Não joga isso fora, por favor.

APOLÔNIO – Começou mal...

MARCELO (*agressivo*) – O carro não era seu, era? Então você não tem nada a ver com isso. Agora me devolve aqui. (*Pausa*) – A polícia que disse que foi racha, cara, mas não foi, não tinha outro carro na história.

Apolônio continua segurando os recortes.

APOLÔNIO (*sério*) – Quem era este cara da foto?

MARCELO (*um pouco contrariado*) – Um conhecido, eu nem sei direito, não é da sua conta. (*Pausa*) Por que você está fazendo isso, cara? Me dá isso aqui, vai...

44

Apolônio o encara, inquisidor, à espera de uma resposta. Como a resposta demora, Apolônio separa um dos recortes e o segura com a ponta dos dedos, ameaçando jogá-lo no rio.

APOLÔNIO – Vou começar jogando o menorzinho no rio...

MARCELO (*rápido*) – Eu não estou mentindo, cara, até a hora do acidente ele era só um conhecido mesmo, talvez um pouco mais do que isso, quem sabe. Quer dizer, a gente tinha se esbarrado numa festa naquela noite, ficou se azarando um pouquinho. Até que ele veio conversar co-

migo. Não teve nada demais, entende? Você vai a uma festa, dança, bebe, conhece alguém, dá um beijos depois...É assim que funciona, não é?

APOLÔNIO – Às vezes...

MARCELO – Ele tinha ido com dois amigos, que acabaram indo embora mais cedo. Eu que falei pra ele dispensar os caras, que depois eu levava ele pra casa. A gente ficou até o fim da festa, sentado um ao lado do outro, vendo o DJ desmontar o som, rindo daquele povo detonado que nem se agüentava em pé. Sabe quando você acha que é só mais alguém que pintou numa festa, mas ao mesmo tempo desconfia que também não é, ou que pode não ser? Você já teve esta sensação, não teve? Acho que todo mundo já teve. Acreditar que alguma coisa mais séria pode estar começando, alguma coisa de verdade...

45

Apolônio o observa calado, ainda segurando o recorte com as pontas dos dedos

MARCELO – O sol já estava quase saindo quando a gente decidiu ir embora. Acho que a gente chegou na estrada umas sete da manhã, não sei direito. Eu sei que eu tinha bebido bastante, ele também. Mas a gente tava mais feliz do que bêbado, entende? Aquela alegria não era de álcool. A gente também percebe isso, não percebe? (*Pausa*) – Se a gente pudesse voltar

pra...pra consertar uma coisa que durou só uns segundos... Pra apagar aquilo que levou só um instante, mas que vai perseguir a gente pelo resto da vida. Eu lembro que ele abriu o vidro do carro e depois soltou o cabelo. Esta foto que saiu aí no jornal, de cabeça raspada, é meio antiga, ele tava usando cabelo comprido. Eu me lembro dele tão radiante ali do meu lado, não é que ele fosse bonito, mas naquela hora, com o dia começando a amanhecer e ele fechando os olhos de sono, com a mão esquerda sobre a minha perna, acariciando de leve... não sei, ele era uma das imagens mais lindas que eu já tinha visto...

46

APOLÔNIO – Olha, deixa pra lá, eu...

MARCELO (indiferente) - Eu aumentei o som e acelerei mais...fui acelerando mais e mais...Acho que foi a primeira vez que eu tive vontade de mostrar pra alguém que...que...podia existir um pouco de aventura na minha vida, sabe? Depois eu não lembro de mais nada, só sei o que está aí, nestes recortes que você tá segurando...

Apolônio devolve os recortes para Marcelo, que os coloca cuidadosamente na mochila.

APOLÔNIO – Eu só não entendo por que você anda carregando tudo isso na bolsa, esses recortes que já estão começando a amarelar...

MARCELO – Pra não esquecer... Não pra não esquecer dele, não é isso. A gente ficou junto só umas três ou quatro horas, no máximo. Nem tem muita coisa pra lembrar, assim...muita coisa especial, eu quero dizer. A gente ficou falando de filme, de música, essas coisas que a gente sempre fala quando tá conhecendo alguém. Mente um pouco também, pra mostrar que é mais interessante do que a gente realmente é... Mas ele me pegou na minha primeira mentira, acredita? Começou a tocar um remix da Madonna na festa e daí ele disse que o show que ele mais queria ter visto no mundo era o dela, quando ela veio pra São Paulo. Daí eu falei que tinha visto, que foi do cacete, que o Pacaembu estava lotado...Sabe o que ele falou? Que se o Pacaembu estava lotado, eu devia ter visto um jogo de futebol, isso sim, porque o show da Madonna tinha sido no Morumbi...Eu ainda tentei continuar com a mentira, falei que tinha confundido de estádio, mas ele começou a rir e falou que...que...daquela vez não tinha colado, mas que eu tinha direito a mais uma mentira bonitinha. Ele falou desse jeito mesmo...mentira bonitinha. (*Pausa*) Eu carrego tudo isso na bolsa pra não esquecer do que não aconteceu, sabe? Do que poderia ter sido e não foi, entende? Sei lá. É tão estranho você ficar sabendo pelo jornal o sobrenome, a idade, a faculdade em que estudava um cara que morreu do seu lado, não é? Todas essas coisas que a gente sabe de uma pessoa...

eu fui saber depois, quando ele já tinha morrido, lendo aí no jornal... E é engraçado porque tinha tanta coisa boa nele que não saiu no jornal... que ele dançava sorrindo e com os olhos fechados, que ele não era canhoto, mas só segurava a latinha de cerveja com a mão esquerda, que ele passava perfume só na roupa, e nunca no corpo...Vai ver que essas coisas não interessam a ninguém, não é? Mas foi só isso que me restou...A minha história com ele podia ter terminado naquela mesma noite, era bem provável que terminasse mesmo, sempre termina, não é? Mas a gente podia estar junto até hoje também, não podia? Ele podia ter sido mais um carinha pra uma noite só, mas também podia ter sido muito mais do que isso. Podia ter sido o eleito, o cara que a vida reservou para ser o amor, o meu amor....que morreu ali na estrada...Às vezes eu fico me perguntando – se eu tivesse tido tempo, que mentira bonitinha eu teria contado pra ele? Eu acho que isto é muito mais dolorido, você não acha? Viver e não ter uma resposta?

Apolônio não responde. Os dois permanecem calados, olhando para o rio.

MARCELO (*apontando para o pilar*) – Olha lá, Apolônio, a água acabou de chegar naquele ponto que você falou, tá vendo? A maré tá batendo no musgo.

Apolônio consente com a cabeça e depois começa a rir, um riso sutil, delicado.

MARCELO – O que foi?

APOLÔNIO – Aquela hora, no telefone, a sua mãe...

MARCELO – Que é que tem minha mãe?

APOLÔNIO – Sabe o que sua mãe pediu para eu te perguntar no telefone? Se você ia querer carne de panela ou panqueca pra janta.

Marcelo fecha os olhos e também deixa escapar um sorriso triste.

APOLÔNIO – Não é engraçado, isso? A vida escolhe cada maneira de lembrar a gente que as coisas lá fora continuam... Quem ia imaginar isso? Panqueca ou carne de panela... Acho que esta vai ser a sua grande decisão do dia, meu caro...

49

MARCELO (*sem olhar para Apolônio*) – O que você faria no meu lugar?

APOLÔNIO – Depende... do que que é a panqueca?

MARCELO – Não sei...

APOLÔNIO – Assim fica difícil...

MARCELO – Depois do acidente, é só isso que a minha mãe consegue me perguntar – o que

eu vou querer de comida. (Pausa) – Quando ela foi me buscar, no hospital, ela só me abraçou e disse – graças a Deus. E nunca mais voltou a falar do acidente, nunca mais.

Apolônio tira a pulseira do bolso e se aproxima de Marcelo.

APOLÔNIO – Toma, é sua.

MARCELO – Eu não tenho 20 paus aqui, cara...

Apolônio acena negativamente com a cabeça e sorri.

50 APOLÔNIO - Naquela hora eu não tinha reparado, mas olha só, tá vendo? Ela é quase da cor dos seus olhos.

Apolônio observa Marcelo com carinho.

APOLÔNIO – Sabe que pedra é essa aí, da pulseira? É ônix...a pedra da sobrevivência. Pelo menos, é o que dizem...

Marcelo coloca a pulseira, dá um abraço desajeitado em Apolônio e começa a deixar a ponte. Quando Marcelo já se afastou alguns metros, Apolônio grita.

APOLÔNIO – Marcelo!

Marcelo olha para trás.

APOLÔNIO – É que...eu lembrei agora...amanhã vai ser noite de lua cheia de novo. Se você quiser voltar aqui na ponte, assim...pra ver como o rio vai ficando dourado...Você vai ver...eu te juro. É tão mais bonito do que tudo que você viu aqui até agora...

Marcelo acena com a mão e abandona a ponte. Apolônio permanece alguns segundos em silêncio e depois senta-se e abre a sacola. Retira dela outro pedaço de fio de cobre e espalha várias pedrinhas pelo chão. As luzes começam a se apagar enquanto ele vai, cuidadosamente, passando o fio pelas pedras que recolhe.

51

FIM

Trecho do poema *Provérbios do Inferno*, do escritor William Blake (1757-1827)

(Abril de 2003)

O Encontro das Águas estreou em maio de 2004 no Espaço dos Satyros Um, com direção de Alberto Guzik e os atores José Roberto Jardim e Pedro Henrique Moutinho no elenco. Em 2007 a peça recebeu uma versão para televisão, dirigida por Sérgio Ferrara e com elenco formado pelos atores Marat Descartes e Luciano Schwab.

O Funil do Brasil

*Ao mestre Paulo Autran,
que dirigiu duas leituras deste texto
e sonhava vê-lo encenado.*

PERSONAGENS – Roberto, o Apresentador

E OS CONCORRENTES – Gislaine, Homero, Igor, Lauro, Regina, Tatiana, Lima, o Segurança, Voz em Off do Diretor do Programa

CENÁRIO – Estúdio de tevê que reproduz uma ampla sala de estar, com sofás e poltronas de modelos diferentes e modernos. Em um dos pontos do cenário há um grande telão, que transmitirá, quase o tempo todo, a imagem do apresentador do programa televisivo chamado *O Funil do Brasil*. Quando a peça começa, o apresentador já está no telão.

APRESENTADOR – *(se aprontando para entrar no ar e conversando com alguém que está no estúdio, mas que não precisa ser visto e nem ouvido pelo público)* – Se eu fosse ligar pra essas críticas... *(Ouve)* – Prestígio o cacete. O que é que esta menina entende de prestígio? *(Tira a camiseta esporte sem gola que está usando para vestir uma camisa de mangas compridas, mais formal)* – Sei...e você guardou este jornal? *(Começa a arregasar as mangas da camisa)* – Este jornal não é um que só bota mulher pelada e crime na capa?

57

Tatiana entra em cena. Olha rapidamente para o apresentador e acomoda-se em uma das poltronas. Começa a ajeitar o figurino.

APRESENTADOR – Depois eu vou dar uma olhada neste jornal, separa aí que depois eu leio... Mas o que eu queria era perguntar pra essa repórter... como é mesmo o nome dela? (*Ouve*) – Juliana... eu queria perguntar pra essa tal de Juliana se prestígio é escrever pra um jornaleco que ninguém lê. (*Ouve*) – *E-mail, e-mail, quem responde e-mail, Sampaio? Parece tonto, cara.*

Entram Igor e Lauro. Este último traz nas mãos dois halteres. Acomodam-se em outras poltronas. Lauro dá início a uma série de exercícios com os halteres, contando baixo.

58

APRESENTADOR – Eu só queria saber desta garota o seguinte – se ela iria recusar se alguém convidasse ela pra vir apresentar o programa aqui no meu lugar. Faz uma coisa pra mim, Sampaio? Por que que você não chama essa tal de Juliana pra andar na rua cinco minutos comigo? Daí ela ia ver o que é prestígio.

Entra Gislaine, esforçando-se para carregar uma mala.

GISLAINE – Ninguém vai me dar uma mão?

Ninguém se move para ajudá-la.

APRESENTADOR – Não ouviu, Lauro? Ajuda ela com a mala.

LAURO – Você me fez perder a conta, Roberto. *(Dá um suspiro e recomeça a série)* – Um, dois, três...

GISLAINE *(irritada)* – Pode deixar que eu me viro.

Gislaine coloca a mala em um canto da sala, visível ao público, e senta-se ao lado dos outros concorrentes.

APRESENTADOR - Como é mesmo o título que deram pra esta porcaria que esta repórter escreveu? *(Ouve)* – Uma carreira indo para o lixo... Tá bom...Famosa tá ela, fazendo esta coluninha sem-vergonha de televisão...Como é o sobrenome da menina? *(Ouve)* – Carrão. Juliana Carrão, coitada... Há quanto tempo ela está no meu pé com estas bobagens que ela escreve, hein, Sampaio!!

59

Passa um fio por debaixo da camisa e prende o microfone na gola. Vira-se para os personagens que estão na sala. Dá uma olhada rápida pelo ambiente.

APRESENTADOR – Cadê a outra mala?

IGOR – O Homero tá terminando de arrumar.

APRESENTADOR – Cacete, faz uma semana que o cara sabe que pode cair fora hoje e ainda não fez a mala?

TATIANA – Ué, desde que a gente chegou aqui ele sempre deixou tudo pra última hora, por que que hoje ia ser diferente?

APRESENTADOR – O cara é mané mesmo, hein. Pô, o sujeito se aguentou aqui um mês e meio, se fingindo de morto. Às vezes eu acho que o público tinha até esquecido que ele tava no programa.

60 LAURO – Cinquenta! (*Colocando os halteres no chão, com ar de realizado*) – O cara ficou na dele, galera. Teve neguinho que quis bancar o esperto aí e, putz, caiu fora rapidinho. Acho que esta lesma do Homero até que funcionou bem. Levou o programa na maciota, não arrumou briga...

GISLAINE – Dá tempo de eu fazer um xixi?

TATIANA – De novo?

APRESENTADOR – Vai e volta rapidinho. Daqui a pouco a gente entra no ar. A novela já tá quase acabando. (*Olha para o relógio*) – Cadê aquela lesma do Homero?

Regina entra em cena. Veste uma bermuda e um top minúsculos.

IGOR (*para Regina*) – Quem é que reclamou de resfriado a tarde inteira?

REGINA – Reclamei porque o ar-condicionado estava muito forte. (*Passa a mão pelo corpo e alisa suas curvas*) – Mas uma entradinha ao vivo cura qualquer coisa, meu amor.

Tatiana aproxima-se de Regina e observa de perto seu pescoço.

TATIANA – Eu não disse que esta maquiagem era ótima? Olha só, quase nem dá para notar. (*Para Igor*) – Precisa aprender a pegar leve, né, Igor! Deixou a menina marcada...

61

REGINA – Tatiana, o pescoço é meu, dá licença?

APRESENTADOR – Lauro, vai lá dentro chamar o Homero. O cara deve tá vomitando de nervoso de novo. Lembra a outra semana que ele foi pro paredão? Eu tive de ficar enrolando com papo-furado enquanto ele se acabava lá no banheiro.

Quando Lauro se levanta para chamá-lo, Homero entra na sala, carregando uma mala.

HOMERO – Não precisa, tá tudo certo. Quando vocês inventam estas festas à fantasia aqui, nin-

quém dorme na casa. No dia seguinte, a gente tá morto. (*Olha ao redor e coloca sua mala ao lado da primeira*). – E a Gislaine?

LAURO – Três chances, seu Homero... Tá no banheiro, né.

62 APRESENTADOR – Pessoal, no capricho hoje, hein? Semana passada foi um desastre. O Guilherme foi eliminado e vocês ficaram aí, com umas caras de bunda. Vocês pensam que eu tô aqui pra quê? Segurar o rojão sozinho? Nem fodendo. Hoje vocês têm de fazer alguma coisa com quem for embora. Sei lá, chorar, dar um presente, acompanhar até a porta. O Guilherme indo embora e ninguém nem levantou. Tá pensando que este programa é da onde? Da Tevê Senado?. Não é, não, meu. Não importa quem for o eliminado de hoje, vai ter de ter cena, podem ir pensando.

IGOR – O Guilherme era o maior canalha, meu. Pô, foi tarde.

APRESENTADOR – Não interessa se ele era canalha, interessa que quando ele dava as baixarias dele por aqui o Ibope subia. E no dia seguinte ele tava em tudo quanto é jornal. Nem você, Tatianna, que passou duas semanas aí pelos cantos se atracando com o cara deu bola pra saída dele. Que é, ficou louca?

TATIANA – Fiquei me atracando porque vocês mandaram. Eu disse na primeira semana que não tava a fim de ficar com ele. (*Pausa*) – Pô, Roberto, o cara era gay. Eu ficava aqui o tempo todo me esfregando nele e nada. Parecia que eu tava dando uns malhos num orelhão.

REGINA – Vai ver que você não estava fazendo direito, Tatiana...

APRESENTADOR – Eu sei que ele era gay, mas e daí? Queria o quê? Que ele fosse de noite pra cama do Igor, ou do Lauro?

LAURO – Tô fora.

APRESENTADOR (*irritado*) – Faz tempo que você tá fora. Às vezes eu tenho vontade de mandar tirar a merda daquela esteira só pra ver se com as pernas paradas seu cérebro funciona.

LAURO – Já que você falou na esteira, Roberto, quando é que vão mandar consertar a ergométrica? Aquele close que o diretor deu em mim pedalando outro dia, com a musiquinha do *Caruagens de Fogo*, ficou show de bola...

TATIANA – Bom, eu fiz a minha parte. Vocês me mandaram passar duas semanas aqui beijando o cara que era pra não queimar o filme dele. E eu beijei.

APRESENTADOR – Alguém também mandou a senhora tirar a calcinha e o sutiã e jogar no chão na primeira noite que ele foi te procurar lá no seu quarto?

TATIANA – Aquilo eu combinei com o câmara do turno da noite, ele quis me dar um *help*. Ele me disse que fazia uns quatro ou cinco dias que os jornais não falavam nada de mim. Só ficavam falando da Regina, que tinha ido nadar pelada com o Igor, e da Gislaine, assaltando a geladeira à noite.

64

REGINA – Pelada o cacete. Eu só tirei a parte de cima do biquíni.

IGOR – Na piscina você tirou a parte de baixo também, amor. E eu nem precisei insistir muito.

REGINA – Bom, embaixo a câmara não mostrou, mostrou? Falaram que não ia mostrar.

Gislaine volta do banheiro.

APRESENTADOR – Gislaine, vê se colabora hoje. Eu tava aqui falando. Você foi outra que ficou com cara de pata quando o Guilherme saiu, na semana passada. Não disse uma palavra. Você tá grávida, mulher, esqueceu? Grávida chora,

grávida tem chique, grávida passa mal. Qual que é a vantagem da gente trazer uma mulher grávida pro programa se ela não age feito grávida? Não é só ficar comendo à noite, não, minha filha. Isso dá notícia um dia, dois...depois não tem mais graça. Conversa com essa criança aí na sua barriga, sei lá. Inventava que você tá aqui pra ganhar o prêmio e dar uma vida boa pra ela. Fala que você foi criada na miséria. Põe o público pra chorar, minha nega, põe o público pra chorar. Fala da porra do pai desta criança.

TATIANA (*gargalhando*) – Ai, cada coisa que você pede, Roberto...

APRESENTADOR (*para Gislaine*) - Pra quando que a gente marcou a cena da ameaça de aborto?

GISLAINE – Pra daqui a 15 dias, quando estiver mais perto do Dia das Mães. Aliás, Roberto, é bom você checar com a produção se esta cena da ameaça do aborto não vai deixar puto o povo da clínica que fez meu ultra-som aqui ao vivo. Eles falaram que estava indo tudo bem com o bebê, e ainda gastaram uma bela grana com *merchandising*... Duas semanas depois eu aborto, sei lá...

APRESENTADOR – Vai ser uma ameaça, não vai ser um aborto. E deixa que depois eu vejo isso. O problema é que a gente precisa pensar em

alguma coisa pra você já ir fazendo. Não dá pra segurar a audiência do pessoal da tevê a cabo só com assalto noturno à geladeira.

GISLAINE – Tá bom, tá bom, a gente arma alguma coisa...Se é pra chorar, eu choro. Mas não por aquele *filhadaputa* do Guilherme. Ele ficou aqui quatro semanas e só arrumou briga. O cara saiu daqui e na primeira entrevista que deu foi falar que eu não fazia nada na casa, que eu usava a gravidez como desculpa pra só comer e dormir. Sacanagem, Roberto. Até fora da casa o cara continua ferrando com a gente.

66

REGINA – Bom, se ele disse que você é uma folgada, ele não tava errado, tava? Do jeito que você tá indo, logo nem suas calcinhas mais você vai lavar.

GILSAINE – Eu não tô falando com você, sua tapada. E se é pra falar quem é a mais porca da casa, eu posso começar agora. O Igor até podia me ajudar a contar umas coisinhas sobre os seus belos modos, não é, Igor? Afinal...

IGOR – Afinal o quê, Gislaine?

GISLAINE – Afinal, quem anda ficando com ela desde a primeira semana do programa é você. E depois corre para contar uns detalhes tão bonitos para o Roberto...Um dia eu ouvi tudo.

IGOR – Olha aqui, ô, Gislaine – por que você não começa a se preocupar com a sua vida, hein? Tipo assim – por que você não tenta descobrir quem é o pai desta criança...

APRESENTADOR – Ê, ê, calma lá. Vocês têm de tomar cuidado com o que vocês falam, isso vai acabar dando merda. Tem coisa que o pessoal da edição segura, agora tem coisa que é ao vivo, minha gente. Vai que você deixa escapar aí, Gislaine, que está sabendo das entrevistas que o Guilherme deu aqui fora. Pronto, nunca mais ninguém vai acreditar que vocês tão aqui incomunicáveis.

REGINA – Eu já falei isso umas 500 vezes pra Gislaine. Mas parece que quanto mais a barriga dela cresce, mais burra ela vai ficando.

67

GISLAINE – Cala a boca, baranga. Um dia eu ainda te dou um tabefe que este silicone vagabundo da sua bochecha vai parar na testa. (*Pausa*) – Ia ser até bom pra você...ia ajudar a esconder um pouco deste seu chifre.

REGINA (*sarcástica*) – Isso é inveja, minha nega. Morra de inveja. A baranga, saindo daqui, vai direto pra Playboy, já tá tudo armado...E você, vai mostrar este seu culote aonde? Em algum frigorífico?

APRESENTADOR – Chega, chega. Você só reage quando a câmera tá desligada, Gislaine, qualé que é? E você, Homero, já fez o que tinha de fazer lá dentro? Hoje não vou ficar segurando porra nenhuma, não. Se te der dor de barriga na hora da votação de novo, eu vou falar pro País inteiro, no horário nobre, que você não passa de um cagão.

IGOR – Ué, e o País inteiro já não sabe disso?

Homero olha fixo para Igor, mas não revida a ofensa.

68 HOMERO – Hoje eu tô tranqüilo. Eu sei que de hoje não passa... Me pôr no paredão com a grávida...aí não dá jogo. Enquanto vocês não fizerem esta tal cena aí, da ameaça de aborto, todo mundo que for pro paredão com a gorda já tá fora da casa...

GISLAINE – Gorda é o teu cu.

APRESENTADOR – É voto popular Homero, voto popular...telefonemas, internet. É o público que decide quem vai pro paredão, quem fica e quem sai. *Catzo*, desde a seleção que vocês já sabem disso.

HOMERO (*resignado*) – Semana passada era pra Regina ter caído fora...

APRESENTADOR – Mas esqueceu que na última hora o placar mudou e o Guilherme acabou dançando...Que que é? Não conhece mais as regras do programa, não?

LAURO – É, o placar mudou, sim, Homerão. Disso eu lembro bem.

HOMERO – Que lembra, o quê? Você estava lá dentro fazendo abdominal, não lembra de coisa nenhuma. E o placar não mudou nada. Vocês pararam de contar as ligações que queriam expulsar a Regina, eu sei disso. As revistas já estavam falando que o Guilherme era gay e daí vocês decidiram limar o cara. Pelo menos foi isso que eu ouvi aqui. Eu sei também que vocês vão segurar a Regina mais duas semanas porque ela vai posar pelada...e daí vende mais revista.

69

Apresentador disfarça e faz que recebeu alguma ordem pelo ponto eletrônico.

APRESENTADOR (*ao ponto eletrônico*) – Ok... ok...já estou pronto. (*A Homero*) – Bom, deixa quieto. Depois a gente fala melhor sobre isso, Homero. Só não vai se esquecer do contrato que você assinou aqui com a gente, tá? Aquela clausulinha lá, que obriga o candidato a ficar de boca fechada quando for eliminado. Conselho de amigo, viu. (*Olha para o relógio*) – A gente

vai entrar ao vivo em três minutos. Todo mundo sentado, vamos lá?

GISLAINE – Será que dá tempo de fazer outro xixi?

REGINA – Então eu vou correr para colocar outro short.

TATIANA – Regina, passa mais um pouco de base no pescoço. Com a luz vai dar pra enxergar tudo...

APRESENTADOR – Três minutos, caralho...

70

Luzes se apagam.

CENA DOIS

Todos os participantes estão sentados nos sofás. Regina e Gislaine dividem a mesma poltrona. Estão abraçadas e trocam carinhos. Regina vestiu um short ainda menor que o anterior. Está com um lencinho no pescoço, do mesmo tom do short.

REGINA (*para Igor*) – Quando acabar o programa, você vai me explicar direitinho esta história de ter ido falar mal de mim pro Roberto.

APRESENTADOR – Silêncio!

LUZ DE NO AR SE ACENDE

APRESENTADOR – Boa-noite, Brasil. Boa-noite, galera aqui da casa. Noite de emoção aqui no *Funil do Brasil*. (Olha para o relógio) – Dois minutinhos pras dez e estamos começando mais uma eliminatória do programa. Foi uma semana de brincadeira no País inteiro, todo mundo querendo saber se a Gislaine, assim gordinha, passaria pelo funil. Mas as brincadeiras são carinhosas, viu, Gislaine... Seu fã-clube no País inteiro é imenso. Todas as futuras mães do Brasil estão do seu lado...

GISLAINE – Eu sei...

71

APRESENTADOR – Em quase um ano de *Funil do Brasil*, hoje é a primeira noite em que uma grávida vai pro paredão. Que emoção, hein, Gislaine. E que páreo duro pra você, hein, Homero. Daqui a pouquinho, você que está aí em casa, vai poder ver no seu vídeo como está a votação... quem vai passar pelo funil e quem vai pegar a mala e deixar o programa. Daqui a pouquinho. Se você ainda não votou, vamos lá. Se você quer que a Gislaine passe pelo funil e continue no programa, é só discar 0800-233334. Mas se você quer ver o Homero aqui com a gente semana que vem, então disque 0800-233335. São dez e dois da noite agora e você também pode votar

pela internet. É só acessar o nosso *site* www.funildobrasil.com e escolher qual candidato você quer deletar aqui do programa. No próximo bloco, vocês já vão ver os primeiros resultados da votação. Mas antes disso, vamos ver como é que está o Homero. Nervoso, Homero?

HOMERO – Ah, um pouco, né, Roberto... Mas acho que na semana retrasada o coração pegou mais, sabe... A segunda vez no paredão é mais fácil...a gente já se acostuma...

APRESENTADOR – Pra quem não se lembra, há 15 dias o Homero derrotou a Lueine, a primeira misse Xingu do Brasil. E agora, acha que vai mandar a Gislaine pra casa também?

72

HOMERO – É, agora que eu não sei, né... Vai depender de quem tá em casa, votando... A gente sempre quer ficar aqui no programa, mas a gente não pode escolher, não é?

APRESENTADOR – E você, Gislaine, segurando bem as pontas aí? O nenê tá chutando muito?

GISLAINE – Tá só um pouquinho...

Regina encosta a cabeça na barriga de Gislaine.

REGINA – Um pouquinho, Gi? Gente, isso aqui tá um jogo de futebol.

GISLAINE – Roberto, eu queria fazer um convite aqui no ar, antes do comercial...será que dá tempo?

APRESENTADOR – Opa, convite ao vivo, o que que é Gislaine? Conta aí pra gente.

GISLAINE – É que, eu não sei se eu vou ser eliminada ou não, e...eu sei que ainda tá um pouquinho longe, mas eu queria convidar a Regina pra ser madrinha de batizado do neném.

Os participantes da casa aplaudem e soltam gritos de uh-uh. Regina é pega de surpresa, mas em segundos se recompõe e abraça Gislaine. Apresentador vibra.

APRESENTADOR – Olha lá, Regina, que maravilha...vai virar titia Regina, quem diria...

Regina esconde o rosto com as mãos, como se estivesse chorando de emoção. Gislaine a abraça. Homero mantém sua habitual cara de pateta.

APRESENTADOR – Eu não falei que ia ser uma noite de emoção aqui no *Funil do Brasil*? Você que está em casa, não vá embora...depois dos comerciais, a gente volta com o segundo bloco da eliminatória de hoje. Quem vai deixar o programa? Gislaine, a escritã de polícia que está

grávida, ou o Homero? Os números pra você votar já estão aí na sua tela. Ou pelo nosso *site*, www.funildobrasil.com. Aproveite os comerciais para continuar votando. Nós voltamos já já.

Luz que indica que o programa está no ar se apaga. Imediatamente Regina tira as mãos do rosto e se afasta de Gislaine.

REGINA (*para Gislaine*) – Que papo é esse de madrinha, ficou louca? Se Deus quiser vou estar bem longe de você quando esta criança nascer...

TATIANA – Por que você convidou ela e não eu, Gislaine?

74

GISLAINE – Ah, sei lá. Pensei nisso na hora e ela tava aqui, grudada.

TATIANA – Deixa estar, você vai precisar de mim aqui ainda...

APRESENTADOR – Até que enfim, Gislaine, uma bola dentro, até que enfim. Puta idéia, convidar a outra para ser madrinha no ar, caramba. Ô, produção, a grávida tá reagindo, quem disse que ela ia sair daqui de quatro?

GISLAINE – Ué, era pra eu fazer alguma coisa, não era?

IGOR – Tá ficando meio foda pro Homero, gente. Daqui a pouco vão aparecer os primeiros resultados e, se a Gislaine estiver dando um banho, ó, fudeu. Todo mundo vai achar que a vitória da Gislaine tá no papo e vai mudar de canal.

APRESENTADOR – Ouviu isso, Homero?

HOMERO – Vocês querem que eu faça o quê? Eu não tô grávido, não posso chamar ninguém pra padrinho de nada.

TATIANA – Fala da sua mulher, Homero. Isso vai ajudar pra caramba.

HOMERO – Você prometeu que ia ficar quieta, Tatiana. Puta merda, a gente não pode confiar em ninguém aqui neste inferno.

APRESENTADOR – Que história é essa de mulher, Homero? O que é que tá acontecendo? Aqui a gente tem um trato que não rola segredo, que que deu agora? (*Coloca a mão no ouvido para ajustar o ponto eletrônico*) – Já vamos voltar pro ar... Regina, volta logo pro lado da Gislaine.

GISLAINE (*para Regina*) – Não quero mais que você encoste esta sua cabeça na minha barriga, já tá me dando enjôo. E nem morta que você vai ser madrinha do meu filho, nem que eu estivesse

gerando um rato eu dava pra você batizar. (*Olha para Tatiana*) – E você também, Tatiana, não vai ser madrinha de ninguém, nem pensar.

Luz de *No Ar* volta a se acender

76 APRESENTADOR – Estamos aqui, de volta com o segundo bloco de mais uma eliminatória do *Funil do Brasil*. No paredão, Gislaine e Homero. Já temos os votos, produção? Já? Podemos mostrar? Vamos lá, então... Ai, ai ai, ai ai... a disputa começou bem pro lado da Gislaine. Sessenta e oito por cento querem que Gislaine continue na casa. (*Regina dá um grito, pula no sofá e abraça a grávida*). Por enquanto, só 32% querem ver o Homero por aqui na semana que vem. Mas a votação está só começando gente, vocês ainda têm este bloco e mais dois para votar. E não se esqueça – o seu voto, pelo telefone ou pela internet, é que vai escolher quem vai ficar pra final e levar o prêmio de R\$ 400 mil. Os números dos telefones continuam aí no seu vídeo, e o nosso *site* você já sabe – *www.funildobrasil.com*. Não tem br hein, gente. E aí, Gislaine, tá achando que este resultado vai se manter até o final do programa?

GISLAINE – Ah, Roberto, eu tô torcendo, viu. (*Passa a mão pela barriga*) – Quer dizer, nós estamos, né?

APRESENTADOR – O que que você faria se ganhasse os R\$ 400 mil hoje, Gislaine?

GISLAINE – Nossa, eu nem pensei nisso, não... Mas acho que ia comprar um apartamento, com um quarto grande só pro neném... Mas antes eu ia dar uma festa pra todo mundo aqui da casa também. Eu fiz tantos amigos aqui nestas semanas... sabe, Roberto, quando eu entrei pro programa, eu só pensava mesmo nos R\$ 400 mil... É verdade, mas depois você vai conhecendo as pessoas, vai ficando amiga delas, não sei, eu gosto tanto de estar aqui, de ficar perto da Regina, que virou minha amigona do peito, da Tatiana... Tem horas que eu até esqueço do prêmio! O Igor, que sempre me dá uma força quando bate aquela saudade de casa, né, Igor? É tanto carinho, Roberto, que às vezes eu até esqueço que tem um prêmio. Te juro.

77

APRESENTADOR – Esquecer de R\$ 400 mil? A situação em casa tá boa, hein? Você também esquece do prêmio, Homero?

HOMERO – Eu não.

A resposta seca e direta de Homero deixa o apresentador momentaneamente sem ação.

APRESENTADOR (*pigarreando*) – Mas o que você faria com uma bolada dessas, Homero? Também ia comprar um imóvel?

HOMERO (*mais simpático*) – É, em primeiro lugar eu ia era parar de vender imóvel, isso sim. Eu sou corretor há quase 20 anos, né, Roberto... Acho que eu ia ver se conseguia mudar de ramo, abrir meu negocinho...

LAURO (*com halteres nas mãos*) – Eu falei pro Homero que ele devia abrir uma academia de ginástica. Eu ia levar a brodagem lá, Homero, vai por mim. O cara tem cabeça pra negócio, Roberto, a gente já levou altos papos, não levou, Homerão?

78

APRESENTADOR – As torcidas já estão nervosas do lado de fora da casa. Quem vai poder abraçar os amigos primeiro, Gislaine ou Homero? Você aí de casa, continue escolhendo. A gente volta em três minutinhos.

Luzes de *No Ar* se apagam.

APRESENTADOR – Que história era aquela da sua mulher, Homero? A gente tem dois blocos de votação ainda, dá pra reagir. E você baixa um pouco esta bola, viu, Gislaine. Vir falar que não tá dando bola pros 400 paus, faça-me o favor, vai. Quer deixar o patrocinador puto agora?

Tá insinuando o quê? Que ele tá dando pouca grana, é isso?

GISLAINE – Eu não falei que não tava dando bola pra grana, falei que a amizade aqui...ah, deixa pra lá...

IGOR – Vocês provocaram a gorda, agora aguenta.

GISLAINE – Gorda é a sua mãe, cacete. Pô, cara, tá foda, hein! É só eu abrir a boca que todo mundo fica me chamando de gorda. Que que virou isso aqui, agora? Desfile de moda? Dá um tempo. Você é outro, Igor, acha que é engraçado ficar o tempo inteiro falando do peso dos outros. Lembra um dia aí que te perguntaram o que que te deixava mais feliz? Você falou que era saber que só tinha 3% de gordura no corpo. Faça-me o favor, cara. A gente sabe que ninguém tá aqui pra dar aula, mas tem limite, né? Não consegue pensar em nada melhor pra falar, saco?

IGOR – Ué, ficou encanada com o quê, Gislaine? Com meus 3% de gordura no corpo? Melhor do que ser assim como você, que tem só 3% de corpo e o resto é gordura.

GISLAINE (*depois de respirar fundo*) – Mas eu posso emagrecer, Igor. Já o seu caso é bem pior... você nunca vai conseguir ficar branco...

IGOR – Se você não estivesse grávida, eu ia fazer você engolir isso que acabou de dizer.

APRESENTADOR – Caralho, vai começar esta palhaçada de novo? Eu quero saber o que que tá rolando com a mulher do Homero. O programa precisa dar uma reagida.

LAURO – Tá com problema em casa, Homerão?

TATIANA – Conta pra ele, Homero.

HOMERO – Não tem nada pra contar.

APRESENTADOR – O que que você tá sabendo, Tatiana?

80

TATIANA (*olhando para Homero*) – Há uns três dias, eu vi o Homero lá atrás da churrasqueira, naquele cantinho que a câmera não mostra, sabe? Lá onde o Igor deu aquele chupão no pescoço da Regina...

REGINA – Pára de ser recalçada, Tatiana.

APRESENTADOR – Não enrola, Tatiana.

TATIANA – O Homero estava ligando pra mulher dele. Depois ele saiu de lá arrasado. Eu vi e fui perguntar o que tava acontecendo. (*Para Homero*) – Homero, me desculpa, mas...

APRESENTADOR – Desembucha, Tatiana, o programa já vai voltar pro ar.

TATIANA - ...ele me disse que a mulher dele está com câncer. Tinha acabado de sair o resultado do exame. Parece que é bem sério.

LAURO – Pô, Homerão, que barra, cara. Por que que você não abriu o jogo pra mim, véio? A gente é quase brother. Bem que eu vi que nos últimos dias você não tinha pique nem pra fazer uns alongamentos. Não fica assim, Homerão, tem muito exame fajuto por aí. E câncer a gente manera com alimentação. Comida macrô, bróda, nós vamos segurar sua mulher com comida macrô.

81

APRESENTADOR – É verdade isso, Homero?

HOMERO – Eu não quero misturar as coisas. O que está acontecendo lá fora é uma coisa, o que acontece aqui é outra. Eu só comentei esta história com a Tatiana porque ela me viu na hora que eu estava saindo de trás da churrasqueira, eu não consegui disfarçar. Mas eu quero deixar a doença da minha mulher fora do jogo, ouviu, gente?

APRESENTADOR – Claro, claro, isso é uma coisa muito íntima. Aqui a gente tem limites também,

o que é que é? (*Leva as mãos ao ouvido e presta atenção no aviso do ponto eletrônico*) – Estamos entrando no ar. Três segundos.

Lâmpada de *No Ar* volta a se acender.

APRESENTADOR – Pra você que ficou aí em casa, estamos de volta. Pra você que acabou de chegar – bem-vindo a mais uma eliminatória do *Funil do Brasil*. Esta noite estão no paredão Gislaine e Homero. Até agora, Gislaine está ganhando fácil. Já temos um novo placar, produção? Olha aí no seu vídeo. Opa, quase igual – 65% dos telespectadores querem que Gislaine continue na casa. Homero tem os votos dos outros 35%. Se o placar não mudar neste bloco e no outro, Homero vai pegar a malinha e voltar para Santo André, certo, Homero?

82

Homero apenas consente com a cabeça.

APRESENTADOR – Mas o público precisa saber que o Homero é um grande jogador. É um atleta, isso sim. Mesmo com todos os problemas, com todas as dificuldades que ele anda enfrentando, Homero está levando até o fim as nossas regras, o nosso espírito de competição. Todo mundo, quando sair aqui desta casa, vai rever os amigos, vai encontrar os parentes, vai comemorar. Mas com Homero vai ser diferente, minha gente.

Os participantes começam a olhar para Homero.

APRESENTADOR – Quando o Homero sair daqui, cruzando aquela porta, não é só felicidade que ele vai encontrar lá fora, não. Não vai ser só alegria, não, minha gente. A mulher do Homero está doente, não é, Homero? A mulher do Homero está muito doente. Uma semana antes de entrar na casa, o Homero descobriu que a mulher estava com câncer. E o que ele fez? Desistiu de jogar? Nada disso, ele honrou um compromisso, ele foi corajoso. Ele se despediu dela dizendo que vinha para o programa, vinha tentar ganhar os R\$ 400 mil pra pagar uma operação nos Estados Unidos. E nestas quatro semanas que estamos aqui, confinados nesta casa, este homem nunca desanimou, ele nunca sucumbiu ao desespero. Pense você que está aí em casa – você conseguiria ficar confinado numa casa, sem comunicação, sabendo que uma pessoa querida da família está muito doente? Pois este homem teve esta coragem, este homem beijou a mulher e veio para o programa tentar ganhar os R\$ 400 mil para pagar o tratamento dela. Quando ele me procurou para contar que a mulher dele estava doente, eu disse que ele poderia abandonar a casa, que todos iam ficar do lado dele. Mas ele preferiu lutar. Por isso, se ele cair hoje, minha gente, ele cai em pé. O Homero deixa o

programa de cabeça erguida, porque ele fez o que tinha de fazer. E é este o nosso espírito, é este o espírito do *Funil do Brasil* – competir, competir com honestidade e dar um exemplo de fibra para o nosso País. Continue votando, os números estão aí na sua tela. Ou também pelo *site*, www.funildobrasil.com. Eu não falei que esta seria uma eliminatória emocionante? De um lado, Gislaine, em busca dos R\$ 400 mil para dar uma vida confortável para uma criança que vai nascer; do outro, o Homero, lutando pelo dinheiro para poder salvar a mulher com câncer. Quem será o vitorioso de hoje? O voto é seu, que está em casa... (*Para Homero*) – Sua mulher está vendo o nosso programa, Homero? Quer dar um recado pra ela?

HOMERO (*quase chorando*) – Eu não sei como ela está, faz um mês que eu não tenho notícias dela. (*Pausa*) – Meu amor, se você está me vendo, não desanima, viu? Não desanima que eu estou aqui lutando. Mesmo que eu caia hoje, eu vou estar aí do seu lado daqui a pouco. Eu vou ficar com você, a gente vai enfrentar isso junto.

APRESENTADOR – Antes de irmos para o comercial, vamos ver... o quê? O diretor está me dizendo que está entrando um novo placar. Vamos ver, vamos ver... Gislaine caiu para 58% e Homero subiu para 42%. Não vá embora, no fim

do próximo bloco, o resultado final da votação. Noite de emoção aqui no *Funil do Brasil*. Três minutinhos e já voltamos.

Luz de *No Ar* se apaga.

Participantes agitados, gritos de uau ecoam pela sala. Regina é uma das mais eufóricas.

REGINA – Roberto, caralho, até eu quase caí no choro agora. Tu é bom mesmo, cara.

GISLAINE – Isso foi jogo sujo, Roberto. Você abusou legal.

APRESENTADOR – Queria que eu fizesse o quê, Gislaine? Que eu deixasse o lobo desabar? Desde o começo do programa que eu vinha falando que sua vitória não podia parecer tão fácil, que daí todo mundo em casa ia mudar de canal. Sabe o que tá passando na concorrência, né? O filme com aquele bichinha do Harry Potter. Quem tem de fazer magia para manter esta audiência em pé hoje sou eu, minha nega.

LAURO (*para Homero*) – Homerão, não fica assim, véio. Às vezes é melhor falar mesmo, abrir o jogo. Agora todo mundo sabe que sua mulher tá doente, meu. Tem que encarar o problema, quebrar o tabu, tá ligado? É meio caminho andado

pra cura, saca? O resto é com a comidinha macrô, pode confiar. E agora você precisa oxigenar este cérebro, véio, fazer esta energia circular.

TATIANA – Homero, olha pra mim, Homero. Você não viu? A votação começou a mudar, eu só quis te ajudar, cara.

HOMERO – Eu tinha prometido pra ela que não ia falar da doença pra ninguém. Agora o Brasil inteiro sabe que ela está com câncer. Você acha que vai ser fácil pra ela lidar com isso?

86 APRESENTADOR – Ê, não precisa fazer drama, né, Homero. Pior é ter câncer e ninguém ficar sabendo. Sofrer sozinho é que é duro. Agora você vai ver – amanhã vai ter um monte de repórter indo atrás da sua mulher, fazendo foto dela entrando no hospital, saindo do hospital, fazendo quimioterapia. Notícia, Homero, notícia... Não lembra daquela famosa lá que contou pra todo mundo que estava doente? O que deu de capa de revista, meu amigo! Um tempinho depois, pá, ela tava curada. Sair em capa de revista cura qualquer coisa, Homero. Amanhã você liga pra sua mulher e explica isso pra ela.

GISLAINE (*irritada com a mudança no placar*) – Quero só ver até onde vai isso...

Lauro se aproxima de Tatiana e a arrasta para um canto. Demais concorrentes estão relaxados em suas poltronas.

LAURO – Ô, Tatiana, você vai levar alguma coisa com isso?

TATIANA – Com isso o quê?

LAURO – Com esta história da doença da mulher do Homero. Ele não tinha contado pra ninguém e você espalhou pra todo mundo. É bem capaz de ele ganhar os 400 paus com isso, tá ligada? Pensei que você fosse pedir uns trocados se ele botar a mão nesta bufunfa.

87

TATIANA – Lauro, às vezes você me dá nojo, te juro.

Tatiana volta para o seu lugar. Lauro, sem jeito, retoma os halteres.

GISLAINE – E a minha gravidez, Roberto? Não esqueceu que eu tô grávida não, né? Pode pensar em alguma coisa pra me ajudar a manter meus votos.

IGOR – Ele te ajudou o programa inteiro, Gislaine. Deixa de ser fominha pelo menos uma vez na vida.

GISLAINE – O programa inteiro, uma ova. Ele começou a me ajudar há duas semanas. No começo do programa, era só de você que ele falava – Igor, o comissário de bordo negro, o rapaz que saiu da favela para ganhar as nuvens, a luta deste jovem negro contra o preconceito, contra o racismo. Quanta babaquice que foi aquilo, já estava dando no saco. Aposto que você nunca nem viu uma favela de perto.

IGOR – E se eu meter a mão nestes 400 paus, aí é que eu não vou ver mesmo...

88

GISLAINE (*para Roberto*) – Tá pensando em alguma coisa, Roberto? Eu não posso ser eliminada hoje, eu já estou ensaiando a cena do aborto.

APRESENTADOR – Agora é com o público, *my darling*. Estamos entrando no ar.

Luzes de *No Ar* se acendem

APRESENTADOR – Chegamos à reta final da eliminatória de hoje do *Funil do Brasil*. O País inteiro ligado, o País inteiro diante da televisão, um país inteiro com o poder de decidir quem vai sair da casa hoje e quem continua na luta pelos R\$ 400 mil. Gislaine, a grávida...Homero, o corretor de imóveis que está com a mulher doente. Os telefones continuam aí no seu vídeo. Se você

quer que Gislaine continue no programa, é só discar 0800-233334. Mas se você quer colaborar com o Homero, que precisa dos R\$ 400 mil para o tratamento da mulher, então ligue 0800-233335. Se preferir acessar o nosso *site*, o endereço você já sabe – www.funildobrasil.com Ligue, acesse, não deixe de dar o seu voto...Mas aja rápido, estamos chegando ao finalzinho do programa. E então, Gislaine, já pensou no nome da criança?

GISLAINE – Ainda não, é muito cedo, né, Roberto...

APRESENTADOR – Como é o nome da sua mulher, Homero?

HOMERO – É Lurdes.

89

APRESENTADOR – E a Lurdes está vendo o programa?

HOMERO – Ah, acho que está, ela disse que ia ver todos os dias.

APRESENTADOR – Olá, Lurdes, se você estiver vendo o programa, eu gostaria de dizer que o seu marido é um herói. Mesmo que ele seja eliminado hoje, Lurdes, você deve ficar orgulhosa do seu companheiro. Nós estamos aqui torcendo por você, viu, Lurdes? (*Pausa*) – Olha aí, entrando na tela mais um resultado parcial da votação –

54% dos telespectadores querem que Gislaïne continue no programa. E o Homero já tem 46% dos votos. Minha gente, que disputa apertada. Eu sabia que nós teríamos aqui uma noite de emoção, mas até eu estou surpreso. Gislaïne, não vá passar mal aqui, hein? Estamos ao vivo, para o Brasil inteiro.

REGINA – Ela está um pouco nervosa, Roberto. Mas esta mulher é uma fortaleza, não é, Gi?

GISLAÏNE – Jogo é jogo, Roberto. A gente veio pra cá sabendo que não ia ser fácil pra ninguém. Mas eu tenho fé em Deus

90

APRESENTADOR – Esta é a disputa mais apertada que a gente já teve aqui no programa. 54 a 46 – até eu estou nervoso. E nem é o meu futuro que está em jogo...

HOMERO – Eu queria fazer um pedido pra minha mulher. Amor, por favor, sai da sala. Eu não quero que você fique nervosa, você precisa descansar, ficar calma, qualquer resultado vai ser bom pra nós dois. Fica tranqüila.

APRESENTADOR – Eu invejo a sua calma, Homero. Faltando um minuto para acabar o programa e você ainda consegue pensar nos outros. Muito bom, Homero, muito bom. Você que está em

casa, não precisa mais ligar. Nossos computadores estão contando os últimos votos. Em alguns segundos o País inteiro saberá quem continua no *Funil do Brasil* e quem vai para casa. Os votos da internet também já estão computados. Atenção, atenção, o diretor do programa está dizendo que os números já vão aparecer aí na sua tela. Olha lá, olha lá, AQUI ESTÃO OS RESULTADOS – Gislaine, 52% dos votos. Homero, 48%. Que disputa, minha gente, que disputa. Uma final histórica para o *Funil do Brasil* – só dois pontos de diferença. Gislaine continua na casa. Homero deixa o programa.

Enquanto o apresentador fala, os participantes celebram o resultado. Regina abraça e beija Gislaine; Lauro dá um abraço forte em Homero. Tatiana e Igor se juntam ao grupo.

91

APRESENTADOR – Homero, parabéns, Homero, que virada, meu amigo. Você acaba de entrar para a história do *Funil do Brasil*. Você deixa o programa, mas não vai ser esquecido. Seus amigos estão lá, do lado de fora, esperando para abraçá-lo. A imprensa, toda a imprensa também está ali, do lado de lá daquela porta, esperando por um depoimento seu. Parabéns, campeão, parabéns. Pode pegar sua mala e sair para o mundo lá fora de cabeça erguida. Que final, minha gente, que garra tem este Homero...

Homero caminha silenciosamente até a mala. Ergue-a com a mão direita e começa a se dirigir à porta de saída da casa. Na metade do caminho, pára e coloca a mala novamente no chão.

HOMERO (*olhando para os participantes e dizendo em voz pausada*) – Eu não vou.

Deixa a mala no chão e volta a ocupar a poltrona onde permaneceu sentado durante todo o programa.

HOMERO (*aos outros*) Por que esta cara de espanto? Eu vou ficar.

92 Silêncio entre os participantes do programa. Apresentador olha, sem entender o que está acontecendo.

APRESENTADOR – O que é que foi, Homero? Você não está passando bem?

HOMERO (*Calmo*) – Não, ih, eu estou ótimo. Eu só disse que não vou. Eu não vou sair do programa.

GISLAINE – Como assim, não vai sair? Você acabou de perder, Homero. Sinto muito, quer dizer...a gente sente muito, por você, pela sua mulher, mas você tem de deixar o programa, meu querido. Eu ganhei. O público me escolheu.

APRESENTADOR (tentando manter a calma)
– Vamos lá, Homero, deixa de brincadeira. Rá-rá-rá... Foi boa essa, Homero, muito boa, muito espirituoso você. Pregou uma peça no Brasil inteiro, valeu, Homero, valeu. Mas agora é só pegar a mala e se dirigir para aquela porta ali, a saída da casa...

Homero permanece sentado no sofá, imóvel e calado.

APRESENTADOR – Homero, a mala, Homero, o programa já está acabando... Você que está aí em casa, você está vendo um momento histórico da tevê brasileira. Um competidor, um jogador da melhor estirpe que não consegue deixar o campo. O Brasil inteiro está vibrando com você, Homero. O País inteiro entende este momento, mas pode ir, campeão. É como eu disse – você entrou para a história do *Funil do Brasil*, Homero. *(Olha nervoso para o relógio)*
– Momentos finais do *Funil do Brasil*. Gislaine sobreviveu ao paredão e Homero está-se preparando para deixar a casa. As torcidas lá fora estão comemorando, a imprensa toda lá fora esperando para entrevistar o nosso herói da noite. Homero, o homem que lutou até o último segundo. E agora ele se prepara para deixar a casa. Não é, Homero?

HOMERO – Não, Roberto. Pode ficar falando à vontade aí, eu não vou embora.

Lauro, Tatiana e Igor levantam-se e se aproximam de Homero.

LAURO – Homero, gente fina, até que este seu lance é legal, campeão. Mas acho que agora melou, saca? Tu tem de ir. Eu até preferia que o Igor tivesse caído hoje, assim eu não ia mais precisar dividir a esteira com ele, mas hoje foi você... Semana que vem pode ser eu, regra é regra, bróda.

94

TATIANA – Homero, eu sei que é duro, eu revelei o problema da tua mulher pra te ajudar, pra você ficar mais no programa, mas não deu. De qualquer maneira, vai ter muita gente querendo ajudar você e sua mulher, você vai ver. Eu queria até fazer um apelo para o público que está vendo a gente agora...

APRESENTADOR – Calma, Tatiana, calma, a gente vai chamar outro comercial e, em três minutinhos, você aí de casa volta a acompanhar a final mais eletrizante da história do *Funil do Brasil*. Você não vai ser louco de desligar agora, vai? Então, até já...

Luz de No Ar se apaga.

APRESENTADOR (*urrando*) – Maravilha, maravilha! Passamos dos 60 pontos no Ibope. É a maior audiência do ano, Homero, o diretor já autorizou a gente a estourar o tempo em dez minutos. BELEZA, HOMERO, BELEZA. Yes, Yes, puta idéia, cara, matou a pau.

Uma mão entrega um celular ao apresentador.

APRESENTADOR – Alô? Doutor, como vai, doutor?..... Sei, sei, foi uma manobra de risco mesmo, doutor. Vi sim, doutor. O diretor acabou de me dizer pelo ponto eletrônico. Batemos nos 60 de Ibope....64!!!. Meu Deus. Sei, doutor, me desculpe, doutor. A direção do programa devia ter mesmo consultado o senhor, concordo. Mas a gente acabou de ter esta idéia, doutor. Não ia dar tempo de pedir autorização para o senhor..... Sim, doutor, a idéia foi minha, eu achei que podia estar colocando meu emprego em risco, sim. Mas eu combinei tudo com o Homero no último intervalo comercial..... Muito obrigado, doutor. Mais um bloco, claro, vamos levar isso mais um bloco..... Obrigado, doutor, fique tranquilo – da próxima vez que eu tiver uma idéia dessas, eu peço autorização antes de levar ao ar..... Boa-noite para o senhor também, doutor.

Devolve o telefone. Está eurófico.

APRESENTADOR (*dando socos no ar*) – YES, YES. Sabem quantas vezes o *homem* ligou para um apresentador, sabem? Nenhuma, nenhuminha, e hoje ele ligou pra mim. E me deu parabéns pela minha ousadia. Yes. Homero, saindo daqui nós vamos comemorar, Homero. Hoje eu te pago um jantar aonde você quiser...Estamos voltando ao ar, 30 segundos...

HOMERO – Você não vai precisar gastar comigo, Roberto.

96

ROBERTO – Vai ser um prazer, Homero.

HOMERO – Você não vai precisar gastar comigo porque eu não vou sair daqui, Roberto. Entendeu?

APRESENTADOR – No fim deste bloco você pica a mula, Homero. O chefão deu mais um bloco pra gente, e depois desaparece.

Luz de *No Ar* volta a se acender.

APRESENTADOR – Emoção, é só emoção no *Funil do Brasil*. Homero, que no último bloco foi desclassificado, se recusou a deixar a casa. Um capitão que não quer abandonar um navio, um médico que não quer deixar o seu hospital,

um atleta que não quer sair do campo... Assim é Homero. Um paulistano de 44 anos, um batalhador, um homem que deu um duro danado na vida para dar conforto e segurança pra mulher e pros dois filhos. Homero, hoje o corretor de imóveis mais famoso do País, vai deixar o programa, mas não vai sair tão cedo do coração dos brasileiros. O País inteiro quer ver você lá fora agora, Homero. Competindo, jogando, ganhando e emocionando o nosso povo como você fez aqui no programa. Quer se despedir dos seus amigos, Homero?

Homero levanta-se e caminha em direção ao telão.

97

HOMERO – Eu quero que o Brasil inteiro me ouça, quero que o Brasil inteiro me veja.

APRESENTADOR – E o Brasil inteiro está te vendo, Homero. Nós vamos levar uma multa por revelar a audiência, mas isso aqui é uma data histórica – 70% dos brasileiros estão vendo sua despedida do programa, Homero.

Homero volta para a poltrona.

HOMERO – Tst, que pena para eles, Roberto. Porque eu não vou sair do programa.

APRESENTADOR – Claro que não, Homero. Claro que não. Você já faz parte do nosso programa. Você nunca vai nos abandonar.

HOMERO – Ótimo, então pode encerrar o programa hoje. Amanhã a gente se vê por aqui de novo.

APRESENTADOR – E se vê mesmo. À tarde, na reprise desta final emocionante, o Brasil todo vai te ver de novo, Homero.

HOMERO – À tarde na reprise e à noite ao vivo...

98 GISLAINE – À noite, não, meu querido. O programa ao vivo de amanhã é só para quem ficou.

APRESENTADOR (*acabando de receber uma ordem pelo ponto eletrônico*) – Atenção, você aí de casa. Você que ficou com a gente até agora. Nosso tempo está esgotado, mas não vá embora. Fique por aqui que você vai ver, no *Jornal da Meia-Noite*, as cenas emocionantes da saída de Homero do *Funil do Brasil*. Continue ligado. No *Jornal da Meia-Noite*, um compacto com os melhores momentos deste verdadeiro show do Homero. Boa-noite aos participantes e muito boa-noite a vocês aí de casa, que estão vendo este momento histórico da tevê brasileira. A

qualquer instante, voltaremos com flashes aqui da casa do *Funil do Brasil*. Boa-noite, Brasil.

Luzes de *No Ar* se apagam.

APRESENTADOR (*irritado*) – Agora já deu, Homero. Chega, tá legal? O presidente da emissora ligou de novo. Ele falou pro diretor do programa que tinha me dado só mais um bloco para continuar com a brincadeira, um bloco só, entendeu? E que era pra gente acabar logo com isso...

HOMERO – Pensei que ele estivesse gostando... Ele não tinha ligado pra elogiar, pra falar que a gente estava dando 70 pontos no Ibope?

99

APRESENTADOR – Ele *estava* gostando, mas ele sabe o que faz. Se ele diz que é pra parar, é pra parar. Ele não paga ninguém pra discutir com ele. Se é pra parar, é pra parar, e pronto.

REGINA – Nem precisava o presidente ter ligado pra mandar o Homero parar com a palhaçada, ele tinha de ter ido embora quando saiu o resultado. Todo mundo sempre foi, por que que ele foi inventar de fazer graça, agora?

IGOR – Bom, ao menos você segurou as pontas legal, hein, Roberto? Puta idéia esta de mostrar a saída do Homero no *Jornal da Meia-Noite*, pensou rápido, meu velho.

APRESENTADOR – Não foi idéia minha, foi ordem lá de cima. O presidente ligou pro diretor e mandou ele me dizer isso...O homem disse que a gente estava brincando com fogo, Homero. Se esta sua palhaçada me prejudicar aqui na emissora, eu juro que saio na porrada, cara. Não vai ser a primeira nem a última vez que eu resolvo um enrosco na base do sapapo...

TATIANA (*se aproximando de Homero*) – Homero, você tem certeza de que tá mesmo tudo bem?

HOMERO – Tenho, tá tudo ótimo.

100 TATIANA – É que...esse seu lance aí de ficar no programa...é arriscado, companheiro, mas pode funcionar, viu? Homero, se por acaso rolar alguma campanha pra ajudar a sua mulher, se algum programa topar arrecadar dinheiro para a operação dela...

HOMERO – Sei, o que é que tem?

TATIANA – Sei lá, eu só estava aqui pensando... Na verdade, a idéia nem foi minha, foi do Laurro. Assim, se você quiser me ajudar depois, caso role alguma grana legal, nem precisa ser assim a metade... Só uma comissãozinha... poxa, a idéia da campanha foi minha, né....

HOMERO (*apontando para Roberto*) – Olha lá, acho que é o homem de novo...

Celular chega novamente às mãos do apresentador.

APRESENTADOR – Alô?.....Sei, sei, presidente, eu peço desculpas para o senhor..... Eu sei, doutor, mas a coisa fugiu um pouquinho do nosso controle...o Homero se empolgou e..... Não, não, eu garanto, a idéia foi minha, mas eu tinha combinado com o Homero que ia durar só uns dois ou três minutinhos, mas ele rompeu o trato, se empolgou um pouco, né?..... Como? Conversar com o superintendente amanhã??? Pode deixar, eu vou conversar com o superintendente amanhã. (*Fuzila Homero com os olhos*) – Não, doutor, eu não sabia...as outras emissoras, ah, é? Não, pode ficar tranqüilo, doutor. O Homero vai sair da casa e a gente passa tudo no *Jornal da Meia-Noite*, pode deixar, doutor, pode deixar...(cara de quem teve o telefone desligado abruptamente do outro lado).

101

APRESENTADOR (*para Homero*) – Você vai me pagar, seu putô. Eu nunca tinha sido chamado na superintendência, em dez anos de casa. O homem falou que já tem uma equipe pronta pra gravar a sua saída, pega esta mala e dá o fora daqui, sua anta.

HOMERO – O homem tá bravo, é?

APRESENTADOR – Tá, Homero, o homem tá putto. Eu nunca tinha visto o homem putto deste jeito. Sabe o que ele falou? Que os donos de duas emissoras já ligaram pra ele dizendo que era pra gente acabar logo com esta zorra. Sabe por quê, Homero? Porque eles já tão cagando de medo que a moda pegue. Se esta palhaçada aqui virar mania, ó, adeus *reality shows*, vai tudo pro saco, tá entendendo? Eles não querem ter nenhum mané imitando você nos programas deles.

HOMERO – Ele me chamou de mané?

102

APRESENTADOR – Chamou de coisa muito pior. Queria que ele te elogiasse? Você viu a confusão que acabou de armar aqui? Que que foi, Homero? Que que tá acontecendo, você ficou louco, cara? Você quer foder a vida da gente, é isso?

GISLAINE – A minha vida você não vai foder, Homero. Você vai pegar as suas coisas e cair fora agora, tá ouvindo? Eu ganhei de você no paredão, caralho...

TATIANE – Ela tá certa, Homero. É a regra do programa, quem perde cai fora. A gente tentou virar o jogo com a doença da sua mulher, mas não deu.

HOMERO – A imprensa tá toda lá fora, Roberto?

APRESENTADOR – Tá. E não pára de chegar repórter de tudo quanto é lugar. Já tem duas tevês que vão entrar ao vivo lá fora quando você sair...

HOMERO – Tá bom, a Gislaine, tem razão...Eu vou sair.

GISLAINE (*mais compreensiva*) – É, Homero, desculpa...é que não depende de mim, né, companheiro. Foi o povo que votou e...

HOMERO – ...eu vou sair e contar pra todo mundo que você está ensaiando a tal cena do aborto pra daqui a 15 dias...E vou aproveitar e contar pra eles também sabe o quê? Que vocês mexeram nos resultados da semana passada pra Regina ficar mais um tempo no programa e posar nua depois...

APRESENTADOR – Cala esta boca, Homero. Se você falar alguma coisa quando sair daqui, você tá acabado, cara. Eu juro por Deus que você tá acabado...

HOMERO – Então me deixa ficar, porque se eu sair, eu vou contar. Quero só ver depois se a cena do aborto vai dar audiência...quero ver também se a revista vai pagar pra Regina posar nua...

REGINA – Qualé, Homero? Eu nunca fodi com a sua vida, cara. Por que você vai querer foder com a minha agora, caramba?

APRESENTADOR – Homero, pela última vez, cara – você vai pegar esta mala e vai embora. Tá tudo pronto pra gravação, todo mundo aqui vai te abraçar e chorar na saída, tá combinado? Vai ser a despedida mais triste que esta casa já viu... Você já fez o seu showzinho, até nas outras tevês você vai aparecer. Mas agora dá no pé, cacete. O *Jornal da Meia-Noite* vai começar em meia hora e o dono da emissora exige, tá entendendo, exige a fita com a sua saída para mostrar no primeiro bloco do jornal...

104

HOMERO – Se eu sair, eu falo tudo.

APRESENTADOR (*aos berros*) – Fala o cacete, Homero. Você vai sair daqui é agora, e de boca fechada, tá entendendo? Você assinou um contrato, caramba. Sabe de quanto vai ser o processo, sabe?

HOMERO – Eu não tô nem aí com o processo...Se você não quer mais confusão, pode pensar numa maracutaia aí pra eu continuar no programa.

APRESENTADOR – Que maracutaia, porra?

HOMERO – Todas as maracutaiaas que vocês fizeram pra Gislaine ficar, pra Regina ficar, pro Guilherme cair. Pode fazer uma maracutaia pra mim também, Roberto. Eu também tô no programa, eu também quero maracutaia.

APRESENTADOR – Será que você não percebe que a sua maracutaia foi ter sido escolhido pro programa, ô, idiota? O programa precisava de um bundão, pra parecer democrático, entende? Pra não ficar tão na cara que todo mundo que está aqui tá de olho em outra coisa. Então o que a gente faz? A gente coloca um idiota qualquer que não vai ser modelo, que não vai ser ator, que não vai sair pelado em revista...pra equilibrar a situação, entendeu? Quem que ia se interessar por você, Homero? Faça-me o favor, cara. Você não é bonito, não é atlético, não sabe fazer nada além de vender umas quitinetes, é um bosta na vida. Entrou aqui só pra mostrar pra quem tá em casa que qualquer um pode aparecer na televisão, que a escolha é democrática. Mas pelo amor de Deus, Homero. Segurar você aqui mais tempo, pra quê? Cai fora, malandro. Só vai ficar no programa agora quem interessa pra emissora.

105

Silêncio entre os participantes.

REGINA (*conciliadora*) – Você não precisa falar deste jeito, Roberto. Ninguém aqui precisa ser

tratado na base da humilhação. Por que você não se coloca um pouco no lugar do Homero? Ele foi eliminado, a mulher dele está com uma doença grave. Caramba, isso mexe com qualquer um.

TATIANA – A Regina está certa, Roberto. A gente também não concorda com que o Homero tá fazendo, mas vamos resolver isso sem partir pra agressão.

GISLAINE – Com agressão ou não, a gente tem de dar um basta nisso agora. O Homero saiu e tem de deixar o programa, eu ganhei.

106 REGINA (*para Homero*) – Homero, meu querido. Eu acho que você só está deixando as coisas ainda mais difíceis. Se você sair agora, você sai por cima, sai de cabeça erguida. Por que comprar briga? Por que se queimar deste jeito, meu amigo?

LAURO – É, Homerão, nisso ela tá certa, véio. Você vivia metendo o pau na celulite dela, mas no fundo ela só quer o seu bem, cara.

REGINA (*caminhando até Homero e segurando suas mãos*) – Homero, meu lindo, pensa bem – o que que você vai ganhar se sair por aí contando a armação do programa para eu posar nua? Você só vai me prejudicar meu querido, e tenho certe-

za de que você não quer isso, não é? Se a revista não me chamar para posar nua, mais gente vai ficar na pior.

HOMERO – Quase que você conseguiu me enganar, hein, Regina? Achei que você estivesse mesmo preocupada comigo.

REGINA – E eu estou...

IGOR - Ô, dá até pena, tanta preocupação... Ainda mais agora, que você descobriu que ele falava da sua celulite.

HOMERO – Explica esta história, Regina. Quem vai ficar na pior se a revista não te chamar?

107

REGINA – Isso não vem ao caso.

HOMERO – Claro que vem ao caso. Quem é que eu vou prejudicar? Eu já disse que não quero ferir a vida de ninguém, só quero ganhar alguma coisa pra mim também

IGOR – Quem mais ele vai prejudicar, Regina? Além da gente, que ele já está prejudicando aqui...

REGINA – Eu não devo satisfação pra você, tá bom, Igor? Você entrou no programa por causa

da bosta daquele sorteio da revista. Não é justo. Todo mundo aqui foi testado, todo mundo passou pelos olheiros. Quem você pensa que é para vir tirar satisfação comigo. Só porque seu nome saiu na porcaria daquela urna, é?

GISLAINE – Nisso eu concordo com esta baranga. Eu acho que quem entrou na casa pelo sorteio da revista não devia ter os mesmos direitos que a gente. Eles tinham que aparecer menos, sei lá, um dia sim, um dia não...

108 IGOR – Pára de fugir do assunto, Regina. Toda hora você desenterra este lance do sorteio da revista. Todo mundo aqui quer saber quem mais o Homero vai prejudicar se sair por aí metendo a boca no mundo.

REGINA – Ele vai prejudicar a minha avó... Tá contente agora, tá?

GISLAINE – Sua avó? Que história é essa agora? Que que a sua avó tem a ver com você sair pedrada na revista?

REGINA – Não é da sua conta.

GISLAINE – Mas você acabou de falar que ele vai ferrar a sua avó.

REGINA (*para Homero*) – É que, sabe, Homero... eu vou posar nua junto com a minha avó.

TATIANA – O quê? Quem é o contato da sua avó, cacete? Eu não consegui nada pra mim até agora.

REGINA (*para Homero*) – Foi a condição que a revista impôs, Homero. Eles não querem mais filha posando nua com a mãe, irmã posando com irmã, não querem mais gêmeas peladas, nada disso...Eles falaram que ninguém mais agüenta ver estas dobradinhas, já saturou. Até agora, eles só não publicaram fotos de avó e neta peladas. Vai ser a primeira vez. Eles acham que vai estourar nas bancas...Por que que você vai foder com isso, Homero?

109

APRESENTADOR – Sua avó...sua avó...ela aceitou posar nua? Mas quantos anos tem a sua avó, meu Deus?

LAURO – A velha ainda dá no couro? Deve ter malhado a vida inteira, só pode. Quando eu falo isso, todo mundo dá risada. Tão vendo? Taí a prova.

REGINA – Vão ser fotos artísticas, caralho. Tudo na contraluz, tudo muito suave. Não vai ter nada de apelativo, viu? A revista me garantiu que

vai parecer até um vitral de igreja. Agora eu te pergunto, Homero – o que foi que minha avó te fez pra você acabar com este sonho dela? Ela já está com 71 anos, Homero, é a última chance que ela vai ter de posar nua, pelo amor de Deus, cara. Se você quiser falar da cena do aborto da Gislaine, tudo bem, vai e fala. Mas deixa o lance da revista fora disso.

GISLAINE – Porra nenhuma que ele vai deixar isso de fora. Se ele contar da minha cena do aborto, vai falar da sua avó pelada também. Se ele não falar, eu falo. Ou a gente sai disso por cima ou sai todo mundo por baixo. Eu não vou me ferrar sozinha.

110

APRESENTADOR – A questão aqui não é quem vai sair por baixo ou por cima. A questão é quem vai sair por aquela porta ali (*aponta*). E esta pessoa é o Homero. Eu estou saindo aqui do meu estúdio e vou aí pra casa com vocês. Eu faço questão de transmitir, pessoalmente, a saída do Homero. Você vai sair daí ao meu lado, Homero, nem que seja amarrado.

Apresentador retira o microfone da lapela e sai do enquadramento do telão.

Ar de inquietação entre os participantes do programa. Personagens olham para os lugares onde estão instaladas as câmeras.

IGOR – Será que ninguém está vendo a gente?

TATIANA – Acho que não.

IGOR – Nem na tevê a cabo?

TATIANA (*olhando para Homero*) – Graças a ele, acho que a gente está fora do ar. Homero, é isso que a gente ganhou por tentar te ajudar? Faz meia hora que a gente tá fora da programação, cara. Só por que você foi eliminado agora todo mundo tem de ficar fora do ar? Você acha isso justo?

IGOR (*irônico, para Regina*) – Aproveita e coloca uma blusa, querida. Você vai ficar mais gripada à toa, ninguém tá te vendo mesmo.

111

Homero caminha em direção a Lauro.

HOMERO (*para Lauro, que continua malhando*) – Ô, Lauro, será que você não poderia deixar estes halteres de lado um minuto?

LAURO – Melhor não. E se a gente entrar ao vivo de repente?

HOMERO – Entrar ao vivo de que jeito? O Roberto nem está no estúdio. Ele está vindo pra cá. (*Pausa*) – Viu o jeito como ele falou comigo?

LAURO – O cara tá estressado, Homero. Você aprontou uma que ele não estava esperando. Ele vai precisar correr uns dez quilômetros para eliminar toda esta raiva. O *big boss* ligou pra ele pra dar uma enrabada. Claro que ele ia descontar em alguém, né, meu véio?

HOMERO – Tudo aquilo que ele falou de mim... Sabe...o pior é que é tudo verdade. Tirando as quitinetes, que isso é mentira...o resto é tudo verdade. Logo logo eu vou tá batendo nos 50 anos e daí? A única coisa diferente que me aconteceu na vida inteira foi este programa aqui, foi a única vez em que as pessoas prestaram um pouco de atenção em mim...

112

GISLAINE – Não quero ser chata, mas acho que não prestaram tanta atenção assim em você, não...

LAURO – Dá um tempo, Gislaine.

HOMERO – Deixa ela. Vai ver que ela tá certa... Mas pra mim foi diferente, caramba. Foi a primeira vez que eu não tive de passar um mês inteiro falando sim, senhor, não, senhor...correndo pra baixo e pra cima pra mostrar um monte de apartamento com infiltração para uns coitados que iam se meter numa dívida pro resto da vida. Era pra esse mundo que eu não queria voltar,

você entende, Lauro? Aqui, meu nome saiu no jornal, na revista, eu apareci depois da novela, minha mulher me disse que o telefone de casa não parou de tocar este mês inteiro... Como é que eu vou passar sem isso agora, Lauro? Me fala, como é que a gente consegue voltar a ser um *zé-ninguém* de um dia pra outro...

LAURO – Mas você já mostrou sua cara, Homero. Agora vai ser diferente, vai pintar uma porrada de convite...

HOMERO – Convite pra quê? Pra sair no jornalzinho dos corretores de imóveis? Pra apresentar uma festa de peão de boiadeiro? Ninguém vai me entrevistar mais... Semana que vem, depois do outro paredão, ninguém vai mais nem lembrar que eu existo.

LAURO – Isso a gente nunca sabe. Tem gente que saiu daqui e gravou disco, escreveu livro, foi pra Ilha de Caras e agora passa o domingo inteiro nos programas de auditório. Dá pra se virar, véio. Só tem que ficar esperto. Não pode deixar escapar esta onda.

HOMERO – Antes de eu entrar no programa, sabe o que eu fazia de vez em quando pra me sentir importante? Apertava aqueles botões de semáforo para parar os carros.

LAURO – Quê?

HOMERO – Aqueles botões de semáforo, que a gente aperta e fecha o sinal pros carros. Eu fazia isso, às vezes passava horas fazendo isso, em várias ruas. Você aperta um botão e a rua inteira pára pra você poder atravessar... Parece que você é um príncipe, uma autoridade, sei lá... Todos os carros parando e você atravessando a rua... E eu atravessava bem devagar, encarando os motoristas para que eles vissem bem a minha cara. Era o jeitão que eu encontrei de impor respeito uma vez ou outra... Aquele botãozinho dá a impressão que você é alguém, Lauro.

114

Os participantes olham para a porta. O apresentador entrou segundos antes e ouviu parte da conversa entre Homero e Lauro..

APRESENTADOR (*ofegante*) – Aquilo ali fora tá uma praça de guerra. Já tem torcida brigando, repórter se estapeando pra chegar perto da casa. Eu tive que chamar quatro seguranças pra conseguir chegar aqui... Tá contente com o rebu que você armou, Homero? Eu vou ligar agora pro presidente da emissora. Acho que a gente não precisa esperar o *Jornal da Meia-Noite* pra mostrar a saída do Homero. É melhor a gente entrar ao vivo agora mesmo. Já combinei tudo

com a técnica. Umás câmeras mostram o Homero pegando a mala para ir embora, vocês todos chorando aqui, e umas outras transmitem aquela balbúrdia lá fora. Nem final de Copa do Mundo vai dar mais audiência do que a gente hoje.

Apresentador olha para Homero, curioso.

APRESENTADOR – Que papo era aquele de apertar botão de semáforo?

HOMERO – Nada.

APRESENTADOR – Sabe o que eu acho, de verdade? Que você devia procurar um psiquiatra, falando sério.

115

HOMERO – Já procurei.

APRESENTADOR – Ah, é? E o que foi que ele disse? Tem nome esta mania sua aí, de ficar andando nas ruas e apertando botão?

HOMERO – Não era ele, era ela. E ela disse que a culpa era minha.

GISLAINE – Quer saber, estava muito certa, ela. Você já fodia a vida dos outros antes de entrar no programa, acho que isso é uma obsessão, e das graves.

APRESENTADOR (*para Lauro*) – E você aí, Lauro, vê se fica esperto e pára de bancar o confidente dele. Foi ele quem quebrou a ergométrica.

LAURO – O quê?

APRESENTADOR (*para Homero*) – Já que você gosta tanto de desabafar com ele, Homero, aproveita e conta que você foi uma noite lá no quintal e arrebentou a correia da bicicleta.

LAURO – Ele tá brincando, né, Homerão?

HOMERO – Eu não agüentava mais o nhec-nhec daquela bicicleta o dia inteiro. Eu estava ficando louco.

116

LAURO (balbuciando atônito pela sala) – Ele quebrou a bicicleta, ele quebrou a bicicleta...

APRESENTADOR – Bom, e aí, Homero, pronto para dar o fora?

HOMERO – Que horas são?

APRESENTADOR – Vinte pra meia-noite.

HOMERO – Se vocês não repararem, eu vou deitar. Eu fiquei cansado com esta confusão toda. Amanhã a gente vê o que faz pra eu continuar no programa.

APRESENTADOR – Você vai dormir, sim, mas é lá na sua casa. Porque agora você vai pegar sua mala, atravessar aquela multidão que está lá fora, falar com uns 30 repórteres e depois você pode ir dormir até seu cu fazer bico.

HOMERO – Bom, pra quem fica, boa-noite.

Apresentador avança sobre Homero e o segura pelos braços.

APRESENTADOR – Escuta aqui, parece que você não está entendendo o que eu estou falando, não é? Daqui a 20 minutos nós vamos entrar no ar, no *Jornal da Meia Noite*, mostrando a sua saída da droga desta casa. Tá ouvindo? Compreendeu agora?

117

HOMERO – Quantos seguranças você chamou pra poder entrar aqui na casa?

APRESENTADOR – Quatro.

HOMERO – Pede pra eles virem me tirar daqui à força, então.

Homero se desvencilha do apresentador e dirige-se ao quarto.

APRESENTADOR – Caralho, este cara pirou de vez. Como é que eu vou tirar ele desta casa agora?

IGOR – Ele mesmo deu a idéia – chama os seguranças.

APRESENTADOR – Sim, claro, ele saindo daqui à força, empurrado por aqueles quatro gorilas, ia ser lindo. Com este bando de fotógrafos lá fora, este monte de repórteres daqueles programinhas de fofoca... eles iam explorar isso o resto do ano. O dono da emissora ia me mandar embora amanhã cedo.

IGOR – E se a gente chamasse a psicóloga do programa pra vir aqui falar com o Homero?

118 LAURO – Aquela saradinha? Putz! Chama ela, Roberto, chama, vai...

ROBERTO – Eu tenho de tirar uma pessoa desta casa, e não chamar outra.

LAURO – Mas ela é tão gostosinha, Roberto. Ela podia ficar só um pouco.

GISLAINE – Um pouco? Aquela lá nunca vem aqui pra ficar só um pouco.

TATIANA – É verdade. Da outra vez que o Igor deprimiu, vocês lembram? Ela veio aqui e ficou quatro horas trancada com ele no quarto. Eu nunca ouvi tanto gemido na minha vida. Queria

saber que método é esse que ela usa... E o pior é que dá resultado...

REGINA – Eu não tô dizendo que essa aí é uma recalçada? Basta alguém ficar no bem-bom que ela reclama...

Toca o celular do apresentador.

APRESENTADOR – Alô?É, é ele, sim. Quem tá falando?.....Juliana, que Juliana?Juliana Carrão? Como é que você conseguiu meu telefone, menina?..... Olha aqui, não interessa o que tá acontecendo aqui dentro.....Não, não vou dar depoimento, não vou dar entrevista, não vou falar com você agora, tá ouvindo?

119

Regina se aproxima do apresentador e diz:

REGINA (*baixo para Roberto*) – É alguém pedindo uma entrevista? Não vamos desperdiçar... Quer que eu fale alguma coisa? De que jornal é?

IGOR – Sossega, Regina, você já vai posar nua saindo daqui. Deixa que eu dô esta entrevista. Eu aproveito e falo que estou com a agenda livre, que ainda não assinei nenhum contrato...

APRESENTADOR (*com as mãos sobre o celular*) – Ninguém vai falar com a imprensa agora. Depois vocês tratam dos negócios de vocês, lá fora. (*Ao celular*) – Ô, Juliana, o negócio é o seguinte, garota – se você quiser saber o que tá acontecendo aqui, espere para ver o *Jornal da Meia-Noite*. Vão mostrar tudo lá.....
.....Escuta aqui, menina – você acha que pode ficar me ligando depois daquela merda que você escreveu ao meu respeito naquele seu jornaleco?..... Vira e mexe você desce o cacete em mim na porcaria daquela sua coluna. Qualé? Que que eu te fiz, garota? Isso é jornalismo, o cacete. O que você faz é perseguição. Você nunca me entrevistou, nunca me perguntou nada e fica falando mal de mim toda semana..... Bom, mas agora é que não vai entrevistar. Se eu fosse falar com algum repórter agora, não ia ser com você, minha linda. Eu ia falar com alguém de nome, alguém de peso, tá entendendo? Falar com você e nada é a mesma coisa. E dá licença que eu vou desligar.

120

Desliga o celular e o coloca no bolso.

APRESENTADOR – Não me faltava mais nada. Algum idiota deu o número do meu celular pra esta tontinha que queria me entrevistar a esta hora...

Regina se aproxima de Tatiana e a arrasta para um canto, de maneira insidiosa.

REGINA – Tati... desculpa aquilo que eu acabei de falar, vai... Tá todo mundo nervoso aqui na casa. Eu queria te perguntar se você sabe o que o Igor andou falando de mim para o Roberto.

TATIANA – Não sei e nem quis saber. Mas coisa boa é que não foi, né? Vem cá, Regina, na boa – eu não falei que a gente deveria ter se unido e mandado esse cara pro paredão? Por que você deu pra trás e votou no Homero?

REGINA – Eu sei que você tinha razão, mas é que é duro pra mim, caramba... Se ele cair fora, eu vou ficar na maior segura aqui na casa, percebe? O Igor é o único cara daqui que vale a pena... Além do...

121

TATIANA – Tá bom, já entendi. Agora chega, Regina.

Apresentador olha ansioso para o relógio e caminha até a saída para os quartos.

APRESENTADOR – Homero! Sai deste quarto, caralho. Agora você vai sair por bem ou vai sair de rabeção, você que escolhe.

TATIANA (*chamando Roberto para o canto*) – Beto, eu...

APRESENTADOR – Já te falei pra você não me chamar de Beto. É Roberto, tá entendendo? Ro-ber-to!!!

TATIANA – Não tem câmera ligada, ninguém tá prestando atenção nisso agora.

APRESENTADOR – Você vai acabar me chamando de Beto no ar, Tatiana, já tô vendo.

TATIANA – Tá bom, tá bom...Roberto, mas eu preciso falar sério com você.

122

APRESENTADOR – Agora? Que que é, ficou maluca também?

TATIANA – Não, não fiquei maluca, não. Preciso falar com você sobre isso que tá acontecendo aqui e sobre...sobre...

APRESENTADOR – Sobre o quê?

TATIANA – Sobre se isso vai prejudicar meus planos ou não. Eu estou nervosa. Eu queria discutir a minha carreira, Beto.

APRESENTADOR – ROBERTO!!!! ROBERTO!!! Ah, e você tá nervosa? E eu, por acaso eu tô calmo?

GISLAINE – Ele tá uma pilha, Tatiana, não tá vendo? Precisa incomodar ele com isso agora, que saco! (*Pausa*) – Viu, Roberto, eu estava aqui pensando – e se na cena do aborto a gente...

TATIANA (*interrompendo*) – A gente precisa combinar o que vai fazer...

APRESENTADOR – A única coisa que a gente precisa fazer é tirar aquele *filhodaputa* desta casa, só isso.

TATIANA – Não, eu estou falando de nós dois...

APRESENTADOR – Ai, caralho...ficou doida, Tatiana? Falar de nós dois a esta hora? Ah, dá um tempo...

TATIANA – Roberto, a gente já tinha combinado tudo. Eu quero que você me prometa que esta confusão que deu hoje no programa não vai me foder a vida.

APRESENTADOR – Não sei se esta confusão vai foder a sua vida, eu sei que a minha já está fodendo.

TATIANA – Você me prometeu que saindo daqui eu ia ter um programa infantil, caramba. Você me garantiu que eu ficaria conhecida aqui no *Fu-*

nil e que depois seria fácil descolar um programa pra criança. Roberto, eu até já pinteí o cabelo de loiro, caralho. Estou usando estas roupinhas ridículas há mais de um mês, toda hora eu falo no ar que adoro crianças...na minha cabeça já está tudo certo, Roberto.

GISLAINE – Tati, querida, se o seu programa infantil sair mesmo, assim lá para o ano que vem, a gente podia encaixar o meu bebê em algum quadro, hein? Não ia ser lindo?

TATIANA – Ah, faça-me o favor. Você acha que eu vou querer ter algum contato com você saindo daqui? Se toca, vai...*(Para Roberto, mais calma)* – E então, amor?

124

APRESENTADOR – Eu tenho um pepino que vai explodir nas minhas mãos em alguns minutos, Tatiana. Como é que eu posso ficar pensando na sua carreira de apresentadora infantil agora?

TATIANA – Faz quase um ano que eu te agüento. Você vem me enrolando com esta história de que vai conseguir um programa pra mim e até agora, nada. Sabe o que você conseguiu pra mim neste tempo todo, sabe? Uma pontinha no show daquele padre boiola que canta. *(Encaçando o apresentador)* – Eu juro, Roberto, se você não me prometer aqui e agora que eu vou

ter o meu programa infantil, o nosso namoro termina esta noite.

APRESENTADOR – Tatiana, quer saber de uma coisa? VÁ SE FODER!

TATIANA (*respira fundo e revida*) – BROXA!

REGINA – Então era isso? Agora tá explicado...

IGOR (*se aproximando de Roberto e segurando-o pelos ombros*) – Não encana com isso agora, Robertão. Uma vez ou outra isso rola com todo mundo, meu chapa. Vai ver que é muito trabalho, você vive tenso, cara.

125

LAURO – É, broda. Teve um fim de ano aí que eu rodei na São Silvestre e depois eu não dava mais no couro. Mas tudo isso é cabeça, viu? Você já ouviu falar de respiração tântrica? É assim, ó...

ROBERTO (*gritando*) – Vão à merda vocês dois!

Os demais participantes olham assustados para os dois. Homero volta do quarto.

HOMERO – Será que vocês não podiam escolher uma outra hora pra lavar a roupa suja? Eu tô tentando dormir.

Roberto volta a avançar sobre Homero, mas é detido por Igor e Lauro.

IGOR – Calma, Roberto. Você vai acabar tendo um troço deste jeito.

LAURO – É, véiã, baixa esta bola. Faz respiração profunda...

APRESENTADOR – Véiã é o teu pai, caralho.

Os dois soltam o apresentador, que olha nervoso para o relógio.

APRESENTADOR – A minha sorte é que o *Jornal da Meia-Noite* nunca começa antes da uma...

126

Deixa-se cair em uma das poltronas.

APRESENTADOR – É foda. Você tira um sujeitinho da merda, dá uma chance pra ele, deixa ele ficar um mês na televisão e, depois, como ele te agradece? Um belo dia este *filhodaputa* acorda e acha que é alguém na vida, que tem o direito de pensar, de escolher o que quer fazer...que deixou de ser pau-mandado. Acha que pode continuar num lugar de onde foi expulso. Não quer voltar a ser o desgraçado que sempre foi a vida inteira. Fica aí, acreditando que as mordomias e o sucesso foram feitos pra gente da laia dele.

Sabe o que eu descobri, Homero? Eu descobri que quem dá uma mão pro sujeito que tá na merda, acaba saindo sujo e fedido da história. Tua cagada tá respingando em mim, Homero.

A fala do apresentador é interrompida por gritos e vozes vindos do lado de fora.

APRESENTADOR – Que barulheira é esta, agora?

Batidas fortes na porta.

SEGURANÇA – Seu Roberto, o senhor tá me ouvindo, seu Roberto?

APRESENTADOR – Sou eu, o Roberto. Quem tá falando?

127

SEGURANÇA – Aqui é o Lima, chefe da segurança. A confusão tá feia aqui fora, seu Roberto.

APRESENTADOR – O que que tá acontecendo?

SEGURANÇA – Começou o maior pau nas torcidas, seu Roberto. A turma que torce pra gorda que ganhou o programa tá descendo a lenha em cima do pessoal do Homero. Já chamaram até a polícia. Não pára de chegar gente, isso aqui tá entupido de repórter.

IGOR – Repórter???

APRESENTADOR – Segura as pontas aí, Lima. A gente já vai resolver a situação.

GISLAINE – Quem é este *filhodaputa* que me chamou de gorda aí fora? (*Dirige-se à porta*) – Vem falar isso aqui dentro, seu corno.

Celular do apresentador volta a tocar.

APRESENTADOR – Alô? Boa...boa-noite, doutor. Sim, sim, quase tudo resolvido, doutor. O Homero já está quase saindo....Confusão lá fora? É, eu fui informado, as torcidas estão com o ânimo um pouquinho alterado, não é, doutor?O senhor não quer polícia na história?..... Claro, doutor, claro...não vai ter polícia. Eu sei, eu sei...o *Jornal da Meia-Noite* tá um pouquinho atrasado, não é, doutor? Sei, sei.....Doutor, posso perguntar uma coisa? Como é que tá a audiência da emissora? (*Tampa o celular e comunica aos participantes*) – Passamos dos 70 no Ibope. (*Volta a falar ao celular*) – Ótimo, ótimo, pelo menos isso, não é doutor? Estão fazendo chamadas para o *Jornal da Meia-Noite*?Sei, sei, não, não, já está chegando no final, o senhor vai poder dormir tranquilo.....Como?.....Não, doutor, eu não me esqueci da reunião amanhã na superintendência, estarei lá, sem falta.Boa-noite pro senhor também.

APRESENTADOR – Ouviu, né, Homero? Ouviu o que o segurança disse? O pessoal lá fora já está-se atacando. E tudo por culpa sua. Você vai deixar as torcidas quebrarem o pau? Vai deixar sair gente machucada desta história? Pensa bem, Homero...vai ser tudo culpa sua.

HOMERO – Eu não estou mandando ninguém brigar. Agora você vai me culpar até pelo arranca-rabo que está rolando lá fora?

APRESENTADOR – As pessoas que estão brigando lá fora têm um motivo, Homero – elas querem que o programa continue, a torcida da Gislaine tem todo direito de reclamar. Se você não sair daqui, vai ter gente machucada. Ouça o que eu estou dizendo.

129

HOMERO – Ô, Roberto, lembra do que você falou de mim há 15 minutos? Que eu era um bosta, um perdedor, que saindo daqui eu ia voltar para uma merdinha de vida? Pois então, por que que eu vou sair? Você está coberto de razão. Eu não quero mais aquela vida que está me esperando lá fora, não quero mais ficar mostrando apartamento pra quem não vai comprar, não quero mais ser um coitado, entende? Pensa bem, Roberto – no meu lugar, você sairia do programa? Você iria embora desta casa, assim na boa, só por causa de um bando de idiotas que não têm o que fazer telefonou pra te botar pra fora?

APRESENTADOR – Mas tua vida é lá fora, cacete. Não é aqui dentro, você foi eliminado.

TATIANA – E você precisa pensar na sua mulher, Homero. Onde já se viu? Ela está doente, ela precisa de você.

HOMERO – Faz 20 anos que ela me joga na cara que sabe se virar melhor sozinha. Ela que prove isso, agora.

APRESENTADOR – Ah, bonito. Então tudo isso não passa de uma briguinha de marido e mulher? Ela te encheu o saco por 20 anos e agora você vem descontar aqui em mim? (*Olha para o relógio*) – A gente tem menos de dez minutos...

130

Voltam as batidas na porta, mais altas e mais nervosas. Os gritos ficam mais intensos.

SEGURANÇA – Não dá mais pra segurar o povo, seu Roberto. Bota este homem pra correr, pelo amor de Deus. Já tem segurança apanhando aqui fora...

APRESENTADOR (*avançando sobre Homero*) – Agora chega, palhaço. Você vai sair daqui na base da porrada.

Homero avança sobre Gislaine e a toma como refém. Tira uma faca do bolso e aponta para o pescoço da grávida.

HOMERO – Se você der mais um passo, Roberto, eu juro que faço uma besteira.

GISLAINE – Me solta, seu puto. Ficou louco? O que que você tá fazendo?

APRESENTADOR – Joga esta faca no chão, Homero. Você tá maluco, cara? Você precisa se acalmar. Vamos conversar...solta a Gislaine. Me dá aqui esta faca.

HOMERO (*olhando para os participantes*) – Se alguém chegar perto de mim ela morre, eu não estou brincando.

LAURO – Homero, a mulher tá grávida, cara. Solta ela, véio.

131

REGINA (*cínica*) – Aproveita que você está com a faca e faz uma lipo nesta chata...

GISLAINE – Homero, vamos conversar...(Nervosa) – Eu não tenho culpa se o povo votou em mim, me solta, vamos. Isso é um jogo, cara. É uma brincadeira...

HOMERO – Pois é, mas eu gostei desta brincadeira. E não quero parar.

APRESENTADOR (*à porta*) – Lima, tá me ouvindo? Fala para a multidão aí se acalmar. Diz que

o Homero ficou louco. Ele está com uma faca ameaçando a Gislaine. Fala para o povo não invadir a casa que ele está ameaçando matar a mulher...Tá me ouvindo, Lima? Segura esta gente aí.

VOZ EM OFF DO DIRETOR – Roberto??

APRESENTADOR – Fala, diretor. Tá vendo o enrosco em que a gente se meteu aqui.

VOZ DO DIRETOR – Acabei de falar com o chefão. Ele mandou ligar as câmeras. Vamos mostrar isso para o Brasil inteiro. Não deixa este louco matar a mulher, que nós vamos entrar ao vivo. Tá preparado? 5...4...3...2...1...

132

Regina puxa seu top ainda mais para cima. Lauro corre em busca dos seus halteres.

APRESENTADOR – Boa-noite, Brasil. Voltamos ao vivo da casa do *Funil do Brasil*. Homero fez Gislaine de refém e está com uma faca apontada para o pescoço dela. Dá para dar um close? Homero, você pode chegar um pouquinho mais para a esquerda? Isso, isso... bem melhor agora. Vocês estavam fora de enquadramento... Bacana, melhorou. Vejam vocês do que é capaz um homem desesperado. Ele ameaça matar para não sair do programa. Do lado de fora as torcidas

estão loucas, elas ameaçavam invadir a casa. Eu quero fazer um apelo para as torcidas. Vocês, que estão aí fora me vendo pelo telão – tenham calma, por favor, tenham calma. O Homero está ameaçando a Gislaine com uma faca. Não façam nenhuma besteira. Não venham invadir a casa para tirar o Homero daqui porque ele pode fazer uma bobagem. Tenham calma.

Apresentador caminha em direção a Homero. Homero aproxima a faca ainda mais do pescoço de Gislaine

HOMERO – Eu não estou brincando, se alguém tentar alguma coisa, eu mato esta mulher. Eu sei que vou me foder, mas eu mato esta mulher. *(Falando alto e girando o pescoço para todas as câmeras instaladas na casa)* – Quem tá em casa me vendo agora, eu quero dizer que não pretendo fazer mal a ninguém. Quem me conhece sabe que eu não sou violento. Eu nunca machuquei ninguém na minha vida inteira. E também não quero machucar a Gislaine agora, eu sei que ela tá grávida e não quero fazer mal nem pra ela e nem pro bebê. Eu quero que o Brasil inteiro preste atenção numa coisa – eu não quero sair daqui, eu não quero voltar pra casa. Eu já falei isso para o Roberto. Ele me chamou de bosta e eu dei razão pra ele. Eu fui um bosta a vida inteira, mas agora cansei. *(Vai ficando mais*

nervoso) – Todo mundo, todo mundo aqui vai fazer alguma coisa quando sair do programa. A Regina vai posar nua com a avó dela...

REGINA (*gritando*) – Mentira, é mentira dele. Não está nada certo, foi só uma sondagem, é mentira deste louco.

TATIANA – Homero, pára por aí, Homero.

HOMERO - ... a Tatiana está dando pro Roberto há quase um ano, só porque ele prometeu que vai conseguir um programa infantil pra ela. Ela sempre foi morena, ela pintou o cabelo de loiro só para ser apresentadora...

134

REGINA – Isso é verdade, eu tô de prova...

APRESENTADOR (*interrompendo bruscamente*) – Alô, alô, problema técnico no estúdio, nós estamos perdendo o sinal...vamos sair do ar por problemas em nossos geradores. Continuem com a nossa programação, voltaremos a qualquer instante...

GISLAINE (*falando com dificuldade por causa da faca no pescoço*) – Como assim, sair do ar? Ficou louco, Roberto? O País inteiro vendo a gente e você tira o programa do ar? Eu achava que o único louco aqui era só o *filhadaputa* do Homero. (*Tentando olhar para ele*) – Me solta, caralho....

APRESENTADOR – O dono mandou parar a transmissão. As outras emissoras estão se divertindo.... Todas as tevês estão mostrando a merda que está dando aqui hoje.

IGOR – Todas as tevês? Como assim? A gente está em rede nacional?

TATIANA – Estava, né? Estava....por que que tinha de parar a transmissão?

LAURO – Pô, Robertão, só o presidente entra em rede nacional, véio... E você tira a gente do ar? Pisou, malandro, pisou feio...

SEGURANÇA – Seu Roberto, grita alguma coisa no telão de novo, acalma esta gente, eles já quebraram a cerquinha da casa.

APRESENTADOR – Solta a Gislaine, Homero. Você já tá ferrado. Você vai sair daqui direto pra cadeia.

HOMERO – Me deixa ficar mais uma semana no programa, Roberto. O que que custa? Esta porcaria nunca teve tanto lbope. Eu não mereço uma recompensa? Imagina só, amanhã isso vai estar em todos os jornais, todas as revistas vão falar de você, Roberto. E vão falar bem, você vai ver. Não lembra que nos últimos meses todo

mundo andou falando que sua carreira estava indo pro esgoto? É a sua chance de sair por cima, homem.

APRESENTADOR – Só teve uma idiota, está ouvindo bem, Homero, uma idiota que escreveu que minha carreira estava indo pro esgoto. Eu saio em tudo que é revista de gente famosa, minha moral nunca esteve tão boa. *(Pausa)* – Se bem que isso que você disse... até que pode ser uma boa... *(Indeciso)* – Não, não, nem pensar. O presidente da emissora não ia concordar com isso, nunca. Aonde já se viu? Ia acabar com a reputação do nosso programa, a gente não pode mudar as regras dos programas de uma hora pra outra.

136

SEGURANÇA – Socorro, seu Roberto, socorro. O povo chegou até aqui, agora eles vão invadir mesmo.

Porta do estúdio se abre bruscamente. Segurança entra em cena, esbaforido, e passa a segurar a porta com o corpo, para que as torcidas não invadam.

APRESENTADOR *(gritando ao diretor)* – Põe o programa no ar, põe logo o programa no ar, pelo amor de Deus, isso aqui vai acabar em sangue.

TATIANA – Meu Deus, vocês têm de decidir. A gente vai ficar no ar ou não? Ninguém agüenta mais esta tortura. Eu já nem sei mais que cara eu faço.

VOZ DO DIRETOR – Entrando no ar, em cinco segundos. 5...4...3...2...1...

REGINA (*apontando para Lima*) – Roberto, tem um sujeito no estúdio.

APRESENTADOR (*vendo Lima*) – Atrás do sofá, se joga atrás do sofá, caralho.

Lima obedece e se esconde atrás do sofá.

APRESENTADOR – Atenção, Brasil, estamos de volta. A tensão na casa está aumentando. O Homero continua mantendo a Gislaïne como refém, com uma faca no pescoço. O País inteiro está vendo estas cenas dramáticas....

Segurança surge com a cabeça por cima do sofá.

SEGURANÇA – O País inteiro está vendo? Até na Bahia? (*Eufórico*) – Jurema, acredita agora que eu trabalho na televisão, mulher?

Lauro pula sobre o segurança, abre a porta do estúdio e o empurra para fora. Arrasta uma poltrona para fechar a porta.

Homero aproveita a confusão para se trancar com Gislaine no banheiro.

APRESENTADOR (*correndo até a porta do banheiro*) – Homero, deixa a Gislaine sair. Vocês que estão em casa e pra quem está chegando agora – estamos ao vivo da casa do *Funil do Brasil*. Quase meia-noite e meia. O Homero acaba de arrastar a Gislaine para o banheiro. Ele está com uma faca apontada para o pescoço dela. Nós já vamos entrar com as imagens do banheiro, enquanto vocês aguardam nós vamos... (*Leva a mão ao ouvido para prestar atenção ao ponto eletrônico*) – Atenção, a técnica está me informando que não temos imagens do banheiro, as câmeras do banheiro foram danificadas, não temos como mostrar o que está acontecendo lá dentro...

138

GISLAINE (*gritando do banheiro*) – Foi ele, ele quebrou as câmeras. Roberto, ninguém está me vendo? Vocês só têm as imagens aí da sala, é isso? Todo mundo do programa está no ar? Menos eu e este louco? É isto que está acontecendo Roberto?

APRESENTADOR – Por enquanto, sim. Nós não temos as imagens de vocês, Gislaine.

GISLAINE – Homero, seu burro. A gente está fora do ar, ô anta. Tá contente agora, tá?

HOMERO – Nunca mais você vai me chamar de anta, tá ouvindo? Chega. Eu já engoli sapo demais nesta merda de vida.

APRESENTADOR – Calma, Homero, calma. É melhor você sair daí, vamos. Ou deixa a Gislaine sair, ela tá grávida, homem de Deus. Vamos trocar de refém, Homero?

Dezenas de batidas fortes na porta.

SEGURANÇA– Seu Roberto, socorro, me deixa entrar de novo. (*Gritando*) – Jurema, acorda o menino pra ele ver o pai na televisão. Ai, meu Deus, eles tão chegando...Socorro, seu Roberto, socorro...soc...

139

APRESENTADOR – A casa está sendo invadida. Atenção, Brasil, a casa do *Funil do Brasil* está sendo invadida. As torcidas querem tirar o Homero à força da casa, elas querem que o programa continue sem ele...O público exige o programa de volta, Homero...

GISLAINE (*gritando do banheiro*) – Não, Homero, não, não faz isso. Pelo amor de Deus, eu estou grávida. Não, Homero, não, não...NÃO!!!!

APRESENTADOR – Gislaine, o que está acontecendo aí? Homero, nós vamos arrombar a porta... Abre isso, Homero, ABRE.

A porta do banheiro se abre lentamente. Gislaïne sai lívida, tem uma pequena mancha de sangue no vestido.

GISLAÏNE (*balbuciando*) – Ele ficou louco...o Homero pirou gente... ele enfiou a faca na barriga, ele tá lá caído...

Segurança arromba a porta e entra novamente no estúdio. Lauro tenta avançar sobre ele, mas Roberto rapidamente o impede.

APRESENTADOR (*apontando para o segurança*) – Pronto, pronto, chegou o reforço. A situação está sob controle agora. (*Aos participantes*) – Vamos, vamos, por aqui pessoal, vamos socorrer o Homero. Ajuda a organizar isso aqui, Lima, deixa entrar só um de cada vez, não pode embolar senão as câmeras da casa não vão conseguir mostrar o Homero caído no banheiro...sem aglomeração, sem aglomeração. (*Para o diretor do programa*) – Diretor, como é que está a luz? Vocês aí de casa, ninguém imaginava o que ia acontecer aqui hoje. No *Jornal da Meia-Noite* vocês vão ver um compacto com os momentos mais emocionantes desta noite aqui no *Funil do Brasil*... Vejam só, os participantes estão tirando o Homero do banheiro. (*Participantes atravessam a sala a caminho da porta, carregando Homero nos braços*) – Isso, isso, muito bem...

Tatiana, você está dando as costas pras câmeras, querida...Lima, dá uma mão para ela... Você também está de costas, Igor, fiquem de frente para as câmeras, isso, de frente, assim... Agora eu queria pedir para as torcidas se acalmarem... Por favor, liberem a passagem, este homem precisa ser levado para o hospital, liberem a passagem... Lima, vai lá pra fora acalmar as torcidas...

Lima olha para as câmeras e não sai do estúdio.

APRESENTADOR – Pode ir, Lima, as câmeras lá de fora já estão ligadas, elas vão mostrar as imagens do lado de fora, com a saída do Homero da casa. Não era deste jeito que a gente queria ver você saindo, Homero. Não era deste jeito, campeão... Fiquem com as imagens do lado de fora da casa....

141

GISLAINE – (*esquecida num canto*) – Roberto, por favor, eu estou passando mal. Eu acho que estou perdendo o bebê, socorro, Roberto, socorro.

APRESENTADOR – Deixa disso, Gislaine. Quem é que vai prestar atenção nesta sua ceninha agora? O aborto só vai rolar daqui a 15 dias, na véspera do Dia das Mães. Esqueceu?

GISLAINE – É sério, Roberto, é sério, eu estou perdendo o bebê....

Luzes começam a diminuir enquanto Roberto sai da casa, transmitindo a saída de Homero. Gislaine continua pedindo por socorro. Entra uma trilha sonora . As luzes começam a diminuir, sem chegar à escuridão total. Depois de alguns segundos, uma voz em *off* anuncia –

VOZ EM OFF - ...Oito meses depois...

Os personagens voltam para o palco e começam a ser iluminados um a um, à medida que vão revelando ao público o que aconteceu com eles depois que o programa terminou.

142

GISLAINE – Eu fui para a final do *Funil do Brasil* e ganhei o prêmio de R\$ 400 mil depois de realmente ter abortado, sozinha na sala, enquanto todas as câmeras focalizavam a saída de Homero. Apareci em alguns programas femininos matinais. Engravidei novamente e no momento atravesso uma crise de depressão, porque o médico me recomendou repouso absoluto, longe de fotógrafos e badalações.

REGINA – Eu posei nua com minha avó e a revista alcançou uma tiragem recorde. Com o cachê, internei a velha em uma casa de repouso. Resolvi investir na carreira de atriz e comecei a namorar um polêmico diretor de teatro, muito chegado a pequenos escândalos, que até o momento não

me encaixou em nenhuma de suas peças. Criei uma linha de cosméticos cujas vendas diminuem semana após semana.

TATIANA – Voltei a ser morena depois que terminou o meu romance com o Roberto. No último carnaval, desfilei em quatro escolas de samba do Rio e sete de São Paulo. Nenhuma delas levou o título. Comecei a namorar um jogador de futebol que, após ser vendido para um time da Europa, resolveu pôr fim ao romance. Convoquei várias entrevistas coletivas para falar de meu piloto de programa infantil. Nenhum repórter apareceu, o que só fez aumentar meu horror por crianças.

IGOR – Pedi licença não-remunerada na companhia aérea em que trabalhava e tentei a carreira de modelo. Desfilei somente uma temporada. Apresento bailes de debutantes nos subúrbios do Rio e fui impedido pelos traficantes de fazer fotos para uma revista de celebridades na favela onde eu juro ter nascido. Os líderes do morro afirmam que eu não nasci lá coisa nenhuma. Mas que vou acabar morrendo lá se insistir nesta história.

LAURO – Trabalhei dois meses em um programa de televisão que vendia aparelhos para abdominais. Sem conseguir provar na Justiça a eficácia dos tais aparelhos, os produtores tiraram o pro-

grama do ar. Faço bico como *personal trainer* de duas atrizes de uma emissora paulista, que pagam por meus serviços por meio de notinhas em revistas de fofoca. Com pouco dinheiro, voltei a viver na casa dos meus pais.

ROBERTO – Lancei um livro de poemas para dar um lustre à carreira e continuo à frente do *Funil do Brasil*, que no mês que vem estréia uma nova edição. No momento estou gravando as chamadas com imagens dos próximos concorrentes. O programa virá com uma novidade – reportagens ao vivo de Juliana Carrão, a jornalista que, convidada a trabalhar no *Funil do Brasil*, abandonou no mesmo dia sua coluna de tevê naquele jornaleco que só publicava crimes e mulheres peladas na capa. Eu e Juliana já fomos vistos jantando juntos em um famoso restaurante de São Paulo. Mas eu juro que somos apenas colegas de trabalho. O assédio dos fotógrafos em cima de mim e da Juliana tem sido tão intenso que eu fui obrigado a contratar o Lima como meu segurança particular.

LIMA – Mas eu tô firme como segurança do estúdio também. De lá eu não arredo pé. Vai que surge outro arranca-rabo. Com o dinheirinho que o seu Roberto me paga, eu dei entrada num aparelho de videocassete e mandei pra Jurema. Ela já sabe – se eu aparecer de novo no programa, ela tem que apertar o *pray* e o *record* tudo junto.

HOMERO – Fui encaminhado à delegacia assim que tive alta do hospital. Respondo em liberdade a um processo por tentativa de homicídio. Minha mulher me abandonou no dia seguinte à minha saída do programa. Escrevi a toque de caixa um livro de auto-ajuda chamado *Mentir Para Subir*, que em duas semanas liderava a lista dos mais vendidos. Sou uma espécie de consultor permanente de vários programas sensacionalistas. Ao ver o meu sucesso, minha mulher pediu para voltar. E eu aceitei. Minha mulher nunca teve câncer.

FIM

(Agosto de 2003)

Andaime

Andaime suspenso, na fachada de um grande edifício, sobre o qual estão sentados os personagens José Mário e Claudionor. Eles têm entre 25 e 30 anos, vestem uniformes da companhia de limpeza e trabalham como limpadores de janelas. No andaime há baldes, vassouras, rodos e panos. Estão presos por cintos de segurança. Quando as cortinas se abrem, eles já estão em cena, realizando mecanicamente suas funções. Passa-se cerca de um minuto até que José Mário dá início ao diálogo.

MÁRIO (*observando, inquieto, o silêncio de Claudionor*) – O que é que você tem hoje?

149

CLAUDIONOR – Por quê?

MÁRIO – Tá quietão. Desde a hora que a gente começou aqui, taí assim, com esta bocona fechada.

CLAUDIONOR – Não foi nada.

MÁRIO – Parou no bingo ontem?

CLAUDIONOR – Não.

MÁRIO – Então é isso.

CLAUDIONOR – Isso o quê?

MÁRIO – Foi direto pra casa, ficou mais tempo com a mulher e agora está aí, com esta cara.

CLAUDIONOR – Quando eu cheguei, minha mulher nem tava em casa. Ela chegou bem depois. Agora deu de vender rifa no bairro. A gente nunca sabe que horas ela volta.

MÁRIO – Verdade?

CLAUDIONOR – Começou na semana passada. Já vendeu três cartelas.

MÁRIO – É rifa do quê?

150 CLAUDIONOR – A primeira era de uma panela de pressão. As outras eu nem perguntei. Mas eu acho que é tudo coisa assim: panela, jogo de copo, por aí. Eu sei que é coisa que tem de caber na sacola, porque ela mostra o produto pro freguês junto com a cartela. Foi isso que ela me falou.

MÁRIO – Será que é daquelas cartelas que têm nome de mulher?

CLAUDIONOR – Eu nem reparei. Por quê?

MÁRIO – Faz um favor pra mim. Se for daquelas cartelas com nome de mulher, vê lá se tem Magali? Se tiver, pode comprar uma pra mim.

CLAUDIONOR – E se não tiver?

MÁRIO – Se não tiver eu não quero. Você só compra se tiver Magali.

CLAUDIONOR – Podia comprar uma com qualquer nome, só pra ajudar.

MÁRIO – No mês que eu estiver mais folgado, eu compro. Este mês, só se tiver Magali.

CLAUDIONOR – Tá bom, vou ver.

Silêncio entre os dois, que continuam a limpar as janelas.

CLAUDIONOR – Por que Magali?

151

MÁRIO – Desde menino, sempre que eu vejo uma rifa com nome de mulher, eu só compro se tem Magali.

CLAUDIONOR – Que coisa mais boba.

MÁRIO – Boba por quê? Não tem gente que fala que tem um número da sorte, um santo padroeiro? Então, eu confio neste nome. Um dia, eu ainda vou ganhar alguma coisa jogando na Magali.

CLAUDIONOR – Você conheceu alguma Magali que te virou a cabeça?

MÁRIO – Nunca conheci. Mas este nome vai me dar sorte.

CLAUDIONOR – Então tá...

MÁRIO – Não esquece de ver, ainda hoje.

Mais alguns segundos de silêncio. A limpeza prossegue

MÁRIO – Você enrolou, enrolou e não falou.

CLAUDIONOR – Falou o quê?

MÁRIO – Por que você está com esta cara.

152

CLAUDIONOR – Ah...

MÁRIO – Não quer conversa? A gente já sabe que quando tem conversa, o dia passa mais depressa.

CLAUDIONOR – É, isso lá é.

Silêncio

MÁRIO – Bom, deixa pra lá. Eu não vou ficar feito um tonto puxando assunto se você não quer conversar.

CLAUDIONOR – Sabe o que é? Esta noite, eu tive um sonho esquisito. Não gostei nadinha.

Mário acena e sorri para alguém que está dentro do edifício.

MÁRIO – Olha lá, repara na roupa da Vilma. E depois me diz se ela não faz de propósito. Que safada! Ninguém me tira da cabeça que ela pergunta que dia que a gente vem aqui limpar o vidro. Não é possível. Ou será que ela usa roupa assim todo dia? Fala, se ela não provoca, fala.

Claudionor fica em silêncio.

MÁRIO – O que era mesmo que você tava dizendo? Ah, o pesadelo.

CLAUDIONOR – Ninguém aqui falou em pesadelo. Eu disse que tive um sonho esquisito.

153

MÁRIO – Não dá no mesmo?

CLAUDIONOR – Não.

MÁRIO – Tá bom, vai. Mas o que foi? Agora conta.

CLAUDIONOR – Eu sonhei que eu estava aqui no andaime, sozinho...

MÁRIO – Como sozinho? E eu?

CLAUDIONOR – Você não estava.

MÁRIO – Que gozado. Será que não era meu turno?

CLAUDIONOR – Sei lá se era seu turno. Posso continuar?

MÁRIO – Manda brasa.

CLAUDIONOR – No sonho, o andaime, em vez de descer, como a gente sempre faz, só subia. E eu nunca conseguia chegar no topo do prédio. Quanto mais eu subia, mais longe ia ficando do topo. E o prédio não ia afinando, como este aqui, ele ia ficando cada vez mais largo. Alargando pra cima, feito pé de abacate, já viu coisa mais maluca? Eu olhava para baixo e não conseguia enxergar mais nada, de tão alto que eu estava. E o mais engraçado é que no sonho eu estava descalço. E tudo quanto é andar tava vazio. Vaziozinho de tudo.

154

MÁRIO – Não tinha ninguém, ninguém? Em nenhum andar? Que engraçado, você não reparou se era primeiro de ano? Vai ver que era, porque no resto do ano sempre tem alguém, um ou outro sempre aparece para trabalhar...

CLAUDIONOR – Estava vazio de tudo, eu já falei. Não tinha gente e nem móveis. Então apareceu um bicho grande, um pássaro inteirinho preto, e começou a picar a corda.

MÁRIO – Corda?

CLAUDIONOR – É, não era cabo de aço, era tudo corda. O bicho picava certinho, sempre no mesmo lugar. Eu queria gritar, para ver se ele ia embora. Mas da minha boca só saía fumaça. Que nem aquela fumaça que sai da boca da gente, quando está muito frio aqui em cima. Então, a corda começou a desfiar e o andaime pendeu para um lado. O balde escorregou e caiu. Daí começou a cair pano, caiu o rodinho, estava tudo indo pro brejo. Eu já estava perdido, pendurado na corda, achava que era só mais uma bicadinha e a corda rompia. Quando o bicho foi dar esta última bicada o despertador tocou. Minha mulher falou que junto com o barulho do despertador eu dei um berro.

MÁRIO – Cacete, e você diz que não foi pesadelo?

CLAUDIONOR – Eu acho que não. Foi um sonho feio, mas muito certinho. Pesadelo, pra mim, é quando a gente quer correr e a perna não ajuda, ou quando a gente está se afogando e não consegue nadar, só vai afundando, afundando. Sonhar com morto também é pesadelo, mesmo que no sonho o morto ainda não está morto. Isto é que eu acho de pesadelo, né. Ou aqueles sonhos que a gente não entende nada,

que cada hora está num lugar, cheio de gente que a gente não conhece. Esse não, o lugar era muito conhecido. Era esse prédio aqui, com este andaime aqui... Mas, tem umas coisas que eu não entendo direito.

MÁRIO – O quê?

CLAUDIONOR – Assim, por que eu estava descalço?

Silêncio

CLAUDIONOR – Que é que foi?

156 MÁRIO – Nada, eu tô aqui, pensando no seu sonho. Esse pássaro preto. Urubu é que não era. Porque urubu já conhece a gente de perto, tem uns que logo a gente vai começar a chamar pelo nome. Urubu não ia querer o mal da gente, eu acho. Aqui em cima, a gente até serve de companhia pra eles. Por falar nisso, reparou que os urubus tão sumindo? Nossa, agora que eu percebi isso. Quase não tem mais urubu, que coisa... (Pausa) Bom, deixa pra lá. Mas o que me pega é esse negócio de roer a corda, eu acho que aí é que está o mistério. Tá descalço, acho que não significa nada.

CLAUDIONOR – Será?

MÁRIO – Claro. Roer a corda quer dizer alguma coisa. Sempre que um troço dá errado, o povo diz que roeu a corda, não é assim? Por mim, este sonho tá avisando a gente de alguma coisa que pode não dar certo. Vou contar este sonho pra minha sogra. Ela é metida com essas coisas de carta, de encosto, de trabalho feito. Acho que ela vai dar uma explicação boa.

CLAUDIONOR – O que que a sua sogra faz? É cartomante?

MÁRIO – Acho que não é bem cartomante. Não sei direito o nome do que ela faz. Aparecem umas mulheres lá, perguntando se os maridos vão arrumar emprego, se elas podem fazer prescrição no carnê, se o companheiro tem outra, essas coisas.

157

CLAUDIONOR – E ela acerta?

MÁRIO – Pior é que acerta. Lá no bairro, ela tem a maior fama. Todo mundo confia nela. Tem mês que ela tira mais do que eu, acredita?

CLAUDIONOR – Bom, pra tirar mais do que a gente, não precisa ser lá grande coisa. E, quer saber, se ela fosse boa pra falar do futuro, ela não ia deixar a filha dela casar com você. Não viu que você era um pé-rapado que trabalha de limpar janela?

MÁRIO – Na época, eu não era limpador, seu bosta.

CLAUDIONOR – Era o quê?

MÁRIO – Trabalhava num disk-pizza.

Ruído de sirene de bombeiro dificulta a audição de CLAUDIONOR – CLAUDIONOR – O quê?

MÁRIO – Tra-ba-lha-va num disk pizza. Ouviu agora?

CLAUDIONOR – Putz, quanta diferença. Acha que eu vou acreditar nesta velha? Não precisa contar meu sonho pra ela, porra nenhuma.

158

MÁRIO – Não quer que eu conte, eu não conto. Foda-se, para mim é um trabalho a menos. Até porque, nem precisa ser muito esperto pra saber por que você anda deste jeito, quietão, tendo uns sonhos de jerico. Desde o dia que falaram dos robôs que você anda com este cagaço, eu já percebi.

CLAUDIONOR – Larga mão de ser besta, cara. Quem ficou encucado com aquela história dos robôs foi você. Passou duas noites sem dormir, já esqueceu, já? Só falava nisso. Eu nem ligo, se eles botarem robô no nosso lugar, eu arrumo outro trampo. Eu conheço assim de gente...

MÁRIO – Pois pode começar a procurar outro trampo, então. Porque eu acho que daqui a pouco eles já vão comprar robô pra fazer isso que a gente faz. E quem é que você conhece?

CLAUDIONOR – Isso não interessa. Se a gente tem um costa quente, não pode espalhar, que corre todo mundo lá pra mamar. Além do mais, quanto você acha que custa um robô que limpa janela? Acho que se somar o nosso salário de um ano inteiro não dá pra comprar nem um robô. E quando chove?

MÁRIO – O que é que tem?

CLAUDIONOR – Que é que tem que a gente dá uma sacudida na roupa e já volta a trabalhar. Você já pensou, se entrar água de chuva dentro de um robô? Dá curto-circuito e eles pegam fogo aqui em cima mesmo. Você acha que, quem trabalha aqui nesta altura, ia ficar sossegado sabendo que, se chover, o robô pega fogo? E com as chamas espalhando no prédio inteiro... Nem com reza brava. Eles vão fazer abaixo-assinado pra não vir robô pra cá, tenho certeza. Lembra daquela vez que iam botar uma antena de televisão em cima do prédio, a barulheira que eles fizeram para ficar contra?

MÁRIO – Que antena de televisão? Não lembro de nada disso.

CLAUDIONOR – Ah, foi no outro prédio, eu confundi. Mas este povo que trabalha nestes escritórios é tudo igual, eles vão chiar aqui também quando descobrirem que os robôs podem pegar fogo.

MÁRIO – Você acha que a empresa não vai pensar nisso? Eles vão comprar robô que não pega fogo. Ou vão deixar alguém de plantão, pra recolher o robô, se começar a chover.

CLAUDIONOR – Mas, daí eles vão precisar contratar mais gente. Vão ter que deixar alguém de plantão só olhando pro céu, pra ver se vai chover. Esse até que era um emprego bom, se eu soubesse que ia abrir vaga pra isso, eu até que fico a favor de comprar robô.

MÁRIO – Pra falar bem a verdade, eu acho que a chuva nem é problema. O problema é o vento. Quando dá aquelas ventanias depois do almoço, o robô vai saber se equilibrar que nem a gente? Isso é que eu duvido. Agora você vê: começa a ventar, o sujeito tá passando lá embaixo, pensando na vida, nas contas pra pagar e, de repente, pumba: cai um robô bem no meio da cabeça dele. Imagine a multa que ele vai cobrar da empresa. Se o sujeito morre, aí então é que a empresa tá ferrada. É uma nota preta que eles têm de pagar pra família do morto.

CLAUDIONOR – Ô, seu idiota, você acha que o robô vai ficar solto? Se eles vão pagar uma nota pelo bicho, ele vai trabalhar bem amarradinho, pode ventar à vontade. A gente, que é a gente, que custa bem mais barato pra empresa, trabalha cheio de cabo de aço.

MÁRIO – Viu, no fundo, você concorda comigo. Robô só vai dar problema, eles vão continuar com a gente por muito tempo, quer valer?

CLAUDIONOR – Não sei, José Mário...

MÁRIO – Não me chama de José Mário, cacete. Custa falar só Mário?

161

CLAUDIONOR – ...já me falaram que no Japão tá cheio de robô fazendo isso...

MÁRIO – É, mas já me falaram também que no Japão eles dormem até no freezer. Você já viu alguém dormindo no freezer aqui? Eu vi uma vez na televisão que lá é assim: de noite, o lugar que era a cozinha, vira quarto. Eles apertam umas coisas lá, o fogão some e você dorme ali, onde é a cozinha. Agora, imagina: do jeito que japonês frita pastel, já pensou no cheiro de gordura que fica na gente? Deus me livre. No Japão teve bomba atômica, tudo lá é diferente. Você não devia dar trela pra essas coisas do Japão. Se a vida lá

fosse grande coisa, por que ia ter tanto japonês trabalhando nestes prédios que a gente limpa?

CLAUDIONOR – Você também já reparou nisso? Pensei que fosse só eu.

MÁRIO – Catzo, desde o primeiro dia. Mais a janela vai ficando limpa, mais japonês a gente vai vendo no escritório. A gente passa o rodo de comprido, e vê um japonês de pé. Passa o rodo deitado, e aparece um monte de japonês sentado.

162 CLAUDIONOR – Bom, de qualquer jeito, é melhor a gente ficar esperto com esta história de robô.

MÁRIO – E tem outra coisa que eu não gosto no Japão. Lá, agora já é amanhã.

CLAUDIONOR – O quê?

MÁRIO – É isso mesmo que eu disse: lá, agora já é amanhã. Tem um vizinho meu que foi trabalhar no Japão. Quando ele voltou, ele me falou que saiu do Japão num dia, viajou um tempão e chegou aqui um dia antes.

CLAUDIONOR – Antes do quê?

MÁRIO – Antes do dia que ele saiu de lá.

CLAUDIONOR – Nossa! Será verdade? Que troço mais maluco. Bom, pra falar a verdade, eu nunca achei graça em coisa do Japão. Eu gosto mais dos Estados Unidos. Lá é tudo mais seguro.

MÁRIO – Como é que você sabe? Você nunca foi pra lá.

CLAUDIONOR – E precisa ir para saber disso? É só ver na televisão. Repara nos filmes: eles viajam, viajam e, quando eles voltam, a chave da casa tá sempre debaixo do tapete. Nunca ninguém mexe em nada lá nos Estados Unidos. Eles podem passar um tempão fora, que a chave tá sempre lá. Experimenta você sair de casa e deixar a chave debaixo do tapete... quando você voltar, nem tapete mais tem.

163

MÁRIO – Agora que você falou isso, que me caiu a ficha. E não é que é verdade mesmo?

CLAUDIONOR – Claro que é. E tem outra coisa deles que é melhor ainda. Eles conseguem quebrar o ovo com uma mão só. Eu vi num monte de filme. Eles acordam cedo e vão fritar ovo. Com uma mão eles ficam mexendo na frigideira e com a outra eles quebram o ovo. Aqui a gente precisa das duas, e ainda deixa pingar a clara fora da panela. Eles estão muito mais adiantados que a gente, eu acho isso pelo menos...

Ouvem o barulho de um avião. Olham para o céu.

CLAUDIONOR – Sabe esta empresa de avião aí? Parece que faliu.

MÁRIO – É essa? Eu pensei que fosse a outra.

CLAUDIONOR – Parece que tem uma outra que faliu também.

MÁRIO – Bom, por mim, podia falir todas. Um barulho a menos na vida da gente. Dinheiro pra andar de avião eu não tenho mesmo...

164 CLAUDIONOR – Eu ainda tenho fé de andar de avião. Mas não pra fazer este caminho aqui, que a gente já conhece. Eu queria ir para um lugar bem mais longe, que não tivesse prédio, assim a gente esquecia um pouco do trabalho.

MÁRIO – Ué, se é por isso, por que você não volta lá pra aquele fim de mundo onde você nasceu? É bem longe e não tem prédio.

Segundos de silêncio. Os dois observam o trabalho feito.

MÁRIO – Meu lado já está limpo.

CLAUDIONOR – O meu também. Vamos pro de baixo?

Puxam os cabos e descem com o andaime para o andar de baixo. Luzes indicam mudança de cena.

MÁRIO – Claudionor?

CLAUDIONOR – Que é?

MÁRIO – Adivinha uma coisa que eu prestei atenção só agora.

CLAUDIONOR – É de comprar?

MÁRIO – Larga mão de ser bobo. É uma coisa sobre a gente, aqui em cima.

CLAUDIONOR (*depois de pensar um pouco*) – Sei lá.

165

MÁRIO – Veja se eu não estou certo. Quando eu peguei este emprego, eu pensei assim: caramba, agora vou poder olhar os bacanas por cima. O sujeito pode estar cheio da grana, ter carro importado, mulher bonita do lado, mas eu, ah, eu vou estar bem por cima deles. Muito por cima. Claro que é bobagem, mas que é engraçado, é. Mas sabe do que eu me dei conta hoje, hein, sabe?

CLAUDIONOR (*entediado*) – Nem imagino.

MÁRIO – Hoje eu me dei conta de que, mesmo estando por cima, a gente ainda precisa abaixar

a cabeça pra olhar para eles. Já percebeu isso? Se eu apontar pra você um chefão entrando no prédio, assim, olha lá, olha lá, pra ver o cara você vai precisar abaixar a cabeça. Mesmo estando aqui em cima. Ou seja, pobre é sempre pobre, pode estar no chão ou nas nuvens, que nosso destino é sempre abaixar a cabeça.

Claudionor fica em silêncio, o que deixa Mário visivelmente irritado.

MÁRIO – Você não vai falar nada da minha descoberta?

166 CLAUDIONOR – Falar o quê?

MÁRIO – Qualquer coisa. Falar que eu pensei numa coisa bacana, que você nunca tinha pensado nisso antes, que eu sou muito esperto para ficar aqui neste emprego, não sei, ué. Alguma coisa você tem de falar.

CLAUDIONOR – É, é bacana.

MÁRIO – Só isso?

CLAUDIONOR – Só isso, e já está bom demais.

MÁRIO – Inveja, você tem é inveja de mim. Fazia tempo que eu pensava isso de você, mas agora

eu tenho certeza. Você só sabe responder quando o assunto é besta, mas quando a gente fala uma coisa séria, uma coisa assim, de raciocínio, você não consegue falar nada, fica travado. E sabe o que é isto? É falta de preparo.

CLAUDIONOR – Quem tem falta de preparo é você. Aquela vez que o avião bateu naquele prédio, lá nos Estados Unidos, lembra o que eu falei, não lembra? Que se tivesse um limpador de janela no prédio, bem naquela hora, ele ia ser o primeiro a morrer. Ia morrer antes do piloto, dos passageiros, de todo mundo. Quando eu falei aquilo você ficou mudo feito uma porta. Aquilo sim foi inveja, porque você não conseguiu pensar antes de mim numa coisa tão inteligente.

167

MÁRIO – Mas isso não é coisa inteligente, isto estava na cara de todo mundo.

CLAUDIONOR – Estava na cara mas ninguém disse. Você ouviu alguém dizer? Na tevê, no jornal, nunca ninguém falou.

MÁRIO – Tá bom, vai. Aquilo foi muito inteligente.

CLAUDIONOR – Ah, custa admitir, custa?

MÁRIO – Mas o que eu disse de baixar a cabeça não fica atrás.

CLAUDIONOR – É, não tem assim a mesma força do avião, mas é uma descoberta boa também.

Passam alguns segundos em silêncio, concentrados na limpeza das janelas. Mário olha no relógio.

MÁRIO – Quanto falta no seu?

CLAUDIONOR (*olhando no relógio*) – Quinze segundos.

MÁRIO – No dez a gente vai...

168

MÁRIO e CLAUDIONOR – Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um... CIGARRO!!!!

Tiram os cigarros dos bolsos e começam a fumar, vagarosa e elegantemente, soprando a fumaça na direção das janelas. Cada um está ostensivamente encostado no cabo de aço do seu lado do andaime.

MÁRIO – Morram de inveja, engravatados!

CLAUDIONOR – Vão fumar lá na calçada, vão, suas loira aguada.

MÁRIO – Vão se trancar naqueles quartinhos pra ficar com cheiro de linguiça, vão...

CLAUDIONOR – Vão se esconder no banheiro, vão...

Os dois gargalham, enquanto dão longos tragos.

MÁRIO – Ah, a liberdade...

CLAUDIONOR – Ah, as alturas...

Vento forte. O andaime balança e eles apagam rapidamente os cigarros para se segurar nos cabos de aço

CLAUDIONOR – Bosta de vida.

Passagem de tempo. Agora, os dois podem estar em pé no andaime. Claudionor começa a cantarolar uma canção qualquer. Mário demonstra irritação.

169

MÁRIO – Sabe o que é?

CLAUDIONOR (*parando de cantar*) – Oi?

MÁRIO – Você canta muito mal

CLAUDIONOR – Eu não estava cantando pra você.

MÁRIO – Ainda bem. Mas o problema é que quem está aqui sou eu. O dia já não é fácil

quando tá tudo quieto, com você cantando fode mais ainda.

CLAUDIONOR – Eu ainda estou pra descobrir do que é que você gosta. Não vai ao bingo, não gosta de música, tem esta puta cara azeda.

MÁRIO – Quem disse que eu não gosto de música? Eu gosto muito. O que eu não gosto é de ver você cantando, que é ruim de doer. Ainda mais hoje, que o vento tá soprando pra este lado e traz esta sua voz desgraçada direitinho pro meu ouvido.

170 CLAUDIONOR – Ué, se o problema é este, a gente pode trocar de lado.

MÁRIO – Se a gente trocar de lado, você para com esta cantoria?

CLAUDIONOR – Vai, pode ficar aí mesmo. Tem dias que você torra o saco de qualquer um, cara. Perdi a vontade de cantar.

MÁRIO – Agora, vamos trocar de lado

CLAUDIONOR – Eu já disse que vou ficar quieto.

MÁRIO – Eu nunca te pedi nada aqui em cima. Vamos trocar de lado, cacete?

Os dois trocam de lado

CLAUDIONOR – Melhorou?

MÁRIO – O Juvêncio era outro que gostava de cantar. Mas, pelo menos, ele cantava bem. No começo, o pessoal do escritório estranhava. Viam aquela bocona perto da janela e achavam que ele tava passando mal, pedindo socorro. Lá de dentro eles não conseguem ouvir nada, então não sabiam que era música, achavam que o Juvêncio tava assim, gritando pra alguém socorrer ele. Mais de uma vez o povo da segurança apareceu pra perguntar se ele tava passando mal. Eu falava pro Juvêncio: larga mão de ser besta, homem. Eles ficam do lado de lá, olhando pra você, abrindo e fechando esta baita boca, parece que a gente tá num aquário. Por causa do Juvêncio que eu peguei bronca de quem trabalha cantando. Quanto menos micagem, melhor.

171

CLAUDIONOR – Você pensa muito em quem tá lá, do lado de dentro. Isso que eu já percebi. Vai perguntar se eles ficam pensando na gente, vai. Às vezes, a gente fica uma hora inteirinha limpando um andar e ninguém dá uma olhada pra gente. Parece que a gente nem existe.

MÁRIO – Eles também tão trabalhando. Você queria que eles parassem o serviço pra ficar dan-

do tchauzinho pra gente, é isso? Quantas vezes, a chefia já não falou que aqui ninguém pode misturar as estações? Quem tá do lado de fora não conversa com quem tá do lado de dentro.

CLAUDIONOR – Eu não tô pedindo pra ninguém conversar comigo. Mas não custava nada alguém dar uma olhadinha de vez em quando. Tem dias que eu volto pra casa achando que eu sou uma assombração, parece que ninguém me vê.

MÁRIO – Mas a Wilma sempre olha pra gente.

CLAUDIONOR – A Wilma não conta

172

MÁRIO – Por que não conta?

CLAUDIONOR – Porque ela é feia, caralho. Pra ver mulher feia a gente pode ficar lá embaixo, na calçada, que tá cheio de bagulho. Aqui em cima a gente podia ter uma compensação.

MÁRIO – Se quiser cantar um pouco...vai...tudo bem, mas baixinho, pelo amor de Deus.

CLAUDIONOR – Agora não quero mais. Se é pra cantar baixinho, eu canto em casa.

MÁRIO – Canta na altura que você quiser, eu presto atenção em outra coisa, tudo bem...

CLAUDIONOR – Não quero mais cantar porcaria nenhuma, passou a vontade.

MÁRIO – É que...depois eu me arrependi de ter pedido pro Juvêncio parar de cantar. Eu nem precisava ter pedido isso. Um dia, o Juvêncio me falou que ia trazer o menino dele aqui, pra conhecer o serviço. Eu falei: ué, pra quê? O que é que o menino vai ver? Mas ele disse que o moleque todo dia pedia isso, queria conhecer o trabalho do pai. E um dia ele trouxe mesmo, um catatauzinho assim, falante que era uma coisa. O mesmo cabelo arrepiado do Juvêncio. Ele parou com o menino lá embaixo, mostrou o prédio e falou: viu, é aqui que seu pai trabalha. Eu tava lá, do lado. Os olhos do menino cresceram, parecia que ele tava vendo sei lá o quê. Se tivesse terminado aí, tudo bem. Mas você sabe como é criança, elas nunca se contentam com nada. Daí o moleque virou pro Juvêncio e perguntou: mas em qual andar o senhor trabalha? Olha só que pergunta, em qual andar. O Juvêncio enrolou, enrolou e falou: ah, depende, cada dia em um. Tem dia que no 15, tem dia que no 20... varia muito. Se eu fosse o Juvêncio, já aproveitava para dar no pé antes que a coisa enrolasse mais. Mas o Juvêncio marcou bobeira e o menino pediu pra subir e ver a mesa do pai. Ele respondeu que não podia subir no prédio naquela hora. E o

moleque insistindo: por que não? Olha lá, quanta gente entrando. Vamos entrar também, só um pouquinho, só pra gente andar de elevador, vamos, pai. O Juvêncio falou que não podia, que não tinha nada lá pro menino ver, nadinha. Daí o menino ficou quieto, olhando um tempão para o prédio. Depois, olhou pra cara do Juvêncio e falou: então vamos embora, pai. Pegou na mão do pai e foram embora. Eu posso tá enganado, mas eu acho que depois daquele dia, o Juvêncio nunca mais cantou.

Mário volta a limpar as janelas com mais energia

174 CLAUDIONOR (*depois de alguns segundos*) – Hum... você viu o jornal ontem?

MÁRIO – Não, qual jornal?

CLAUDIONOR – O que passa depois da novela

MÁRIO – O que é que tem?

CLAUDIONOR – Apareceu um delegado falando que mais da metade do povo que some aqui na cidade diz que vai fazer uma coisa e não volta mais.

MÁRIO – Como assim? Que coisa?

CLAUDIONOR – Que coisa, que coisa? Sei lá, eles falam que vão fazer uma coisa e nunca mais voltam, dão no pé, entende? Viram fumaça.

MÁRIO – Será que é verdade?

CLAUDIONOR – Ué, se o delegado foi na televisão falar isso, é porque é verdade.

MÁRIO – E você acredita em tudo que delegado fala? Delegado não pode mentir também? Só porque é da polícia? Tá bom, vai bancando o tonto vai, acreditando em tudo que você ouve, ainda mais da polícia.

CLAUDIONOR – Caralho, hoje você tá foda. Se a gente canta, implica. Se eu conto uma notícia, implica.

175

MÁRIO – Não precisa perder a paciência, a gente só tá conversando. Eu falo porque eu acho que às vezes você acredita demais nas coisas...O que mais o delegado falou?

CLAUDIONOR – Falou isso que eu disse. Que mais da metade de quem some não foi bandido que levou, não morreu, não perdeu a memória, não tá no hospital, nada disso. Sumiu porque quis sumir mesmo. Fala que vai sair pra comprar cigarro ó, e babau. Nunca mais dá as caras. Esquece de tudo de propósito.

MÁRIO – Gente corajosa, né? Largar tudo assim, a família, vai ver que tem filho pequeno, a casa... Ir embora só com a roupa do corpo.

CLAUDIONOR – E some do mapa. A família nunca mais encontra, eles não telefonam, nada. Apareceu uma mulher contando que com o marido dela foi assim. Ele falou que ia comprar cigarro e já faz oito anos que não aparece mais. A mulher disse que se ele tivesse morrido era mais fácil, porque quando a pessoa morre você não fica mais esperando. Você sofre tudo de uma vez e pronto. Mas, com ela, não. Faz oito anos que ela acha que ele vai voltar... Coisa triste, né? Esperar assim, tanto tempo... Sabe que eu fui dormir pensando nisso? Eu fiquei com a cara daquela mulher na cabeça. Bonitona, ela, viu. Fala bem, tinha uma casa arrumada, destas mulheres que dá pena da gente largar. Agora, eu acho que quando ela pega o ônibus, quando ela anda na rua, sei lá, acho que ela fica procurando o marido em tudo quanto é lugar, não deve de ficar? Eu acho que fica.

MÁRIO – O problema é se aparecer um outro homem pra ela. O que ela vai dizer? Viúva ela não é. Vai falar que tá procurando o marido faz oito anos? Ninguém acredita, vão achar que é golpe dela dispensar homem...

CLAUDIONOR – Então, agora imagina se ela trabalhasse aqui, Mário, o desespero dela. Olhando pra baixo e achando que o marido dela podia ser uma daquelas cabecinhas lá em baixo. Ela não ia aguentar ver tanta gente assim, todo dia... era capaz de ficar louca. Eu dei razão pra ela depois, se a pessoa morre, morreu e pronto, você sabe onde tá o túmulo. Sumido é muito duro. Depois eu fiquei pensando no marido também. Será que quem vai embora não lembra mais de quem ficou? Não fica preocupado, querendo saber como é que tá de saúde, se vai indo bem, se tá sofrendo muito...

MÁRIO – É... Sabe o que é mais triste de tudo, que eu tava aqui pensando?

177

CLAUDIONOR – O quê?

MÁRIO – Se essa pessoa que larga tudo, que some do mundo dizendo que vai comprar cigarro e nunca mais volta... sei lá, já pensou se essa pessoa nem fuma?

CLAUDIONOR – É, pode ser. Quem é que sabe o que passa na cabeça dos outros, né?

MÁRIO – Deus me livre.

Os dois passam alguns momentos limpando as janelas em silêncio. Estão concentrados no tra-

balho. Realizam suas funções com precisão e agilidade. Claudionor começa a esticar o pescoço, tentando ver o que se passa no andar de cima. De repente, dá um pequeno salto para enxergar melhor, e faz balançar a estrutura do andaime.

MÁRIO – Você ficou doido? Quer matar a gente, quer?

CLAUDIONOR – Olha lá, já vai começar a ginástica. A professora chegou.

MÁRIO (*tentando disfarçar a raiva*) – Já?

178 CLAUDIONOR – Se eu não ficasse de olho, a gente ia perder o começo.

Os dois conduzem o andaime até o andar de cima

MÁRIO – Chega um pouco mais para lá.

CLAUDIONOR – Hoje tem pouca gente, por que será?

MÁRIO – Essa professora chega a cada semana num horário. Como é que as pessoas vão saber? A gente mesmo, se não ficar esperto, acaba perdendo a aula.

CLAUDIONOR – Quem ficou esperto fui eu. E você ainda reclama.

MÁRIO – Ficar esperto é uma coisa, quase matar a gente é outra.

CLAUDIONOR – Reparou numa coisa? Hoje, quase não tem homem, só aqueles dois ali do canto.

MÁRIO – Eu prefiro quando não tem muito homem, porque daí a professora não abusa tanto. Pra gente é difícil acompanhar.

CLAUDIONOR – Eu gostaria de saber que música ela coloca pra tocar. Você acha que é sempre a mesma?

MÁRIO – Eu acho que não, ela fica escolhendo o disquinho, olha lá. Xiii, chegou a gorda.

179

CLAUDIONOR – Saco, eu não gosto quando a gorda vem. Me tira a atenção.

MÁRIO – A professora dá muita atenção pra gorda, não sai do lado dela.

CLAUDIONOR – A gorda faz tudo errado, coitada. A professora tem de ficar em cima mesmo. Mas isso me atrapalha, porque tem uns movimentos que eu perco.

MÁRIO – Se eu fosse aluno lá de dentro, matriculado, eu reclamava. Acho que tem de dar

atenção igual pra todo mundo. Tem aquele ali, de barba, já reparou como ele sempre faz corpo mole? Quando a professora está do lado da gorda, ele para o exercício, fica enganando. Lembra na semana passada? Aquele exercício de levantar a perna ele pulou. E o tonto pensa que ninguém viu.

CLAUDIONOR – Eu também pulei aquele, tem coisa que a gente não consegue mais fazer. A gente começou a fazer ginástica muito tarde na vida.

180 MÁRIO – Olha a roupa da gorda hoje. Que que é aquilo, é amarelo?

CLAUDIONOR – Tá mais pra esverdeado, eu acho. Todo mundo vem de cor simples, só ela vem parecendo letreiro de churrascaria.

MÁRIO – Cala a boca, tá começando.

A partir de agora, Mário e Claudionor devem fazer uma série de exercícios, a maioria deles de alongamento, tentando imitar sempre o que a professora e os alunos estão fazendo no interior do prédio. Alongamentos de pescoço de um lado e de outro, contando até cinco. Alongamentos de braço, de costas. Os exercícios não podem

ser perfeitos, porque eles estão em um cenário desfavorável: têm de se preocupar com o equilíbrio do andaime, com os materiais de limpeza, os cabos de aço.

CLAUDIONOR – Vai um pouco mais pra lá, Mário.

MÁRIO – Você quer que eu caia? Vai você.

CLAUDIONOR – Eu já estou na ponta, não está vendo?

MÁRIO – E eu estou onde? No meio? Olha aqui, não tem mais nem um palmo de andaime. Estou quase com metade da bunda pra fora.

181

CLAUDIONOR – Cacete, olha lá. A gente precisa abrir os dois braços agora.

MÁRIO – Eu abro um agora e o outro eu abro em casa. O que eu não consigo fazer agora, eu faço depois, lá no quarto.

CLAUDIONOR – E você acha que ginástica funciona assim? Metade agora e metade de noite? Tem de fazer tudo agora, senão a gente fica com o corpo deformado.

MÁRIO – Olha lá, Claudionor, a gorda empacou. A professora está indo ajudar.

CLAUDIONOR – Eu tô vendo, não precisa me avisar de tudo que acontece lá dentro. A janela tá limpa e eu não sou cego...

MÁRIO – Depois você diz que o irritado sou eu?

CLAUDIONOR – Você fica falando e me faz perder a conta... Mas essa gorda é uma filha da puta, agora a gente vai perder o ritmo.

MÁRIO – Tudo bem que eu também não vou muito com a cara da gorda, mas você tem uma raiva dela.

CLAUDIONOR – E não é pra ter? Ela só atrapalha.

182 MÁRIO – Ah, esquece um pouco dela, vai... No fundo, se você quer saber, eu acho que encarava...

CLAUDIONOR – Eu tinha certeza que você encarava, acho que você encara cada coisa...

MÁRIO – Do que é que você tá falando?

CLAUDIONOR – De nada...

MÁRIO – Olha pra minha cara e responde, se for homem...

Claudionor, que está alongando o pescoço para o outro lado, demora um pouco a se voltar para Mário.

CLAUDIONOR – Oito, nove, dez... (*Voltando-se para Mário*) – Eu não tô falando de nada. Só que você encara muita coisa. Já encarava a Vilma, agora diz que encara a gorda. Acho que é por isso que você vive de cara amarrada. É muita mulher feia na cabeça, dá nisso...

MÁRIO – O cara de barba parou de novo. Eu vou bater no vidro pra avisar a professora, isso não tá certo.

CLAUDIONOR – Não vai bater merda nenhuma. A gente nem é aluno, vai arrumar confusão e depois a gente não pode mais fazer a aula. É a única coisa de graça que a gente tem neste trampo. Larga mão de ser esquentado.

183

MÁRIO – Mas eu acho que não tá certo um aluno só prejudicar a turma inteira. Pronto, a gorda pegou no tranco de novo.

Eles retomam a série de exercícios

MÁRIO – Hoje tá leve demais, não tá achando? Ela nem pegou os pesinhos ainda...

CLAUDIONOR – Foi só abrir a boca, olha lá, foi pegar os pesos no armário.

MÁRIO – Eu também não sou cego.

Os dois pegam cada um o seu balde e dão início a uma série de exercícios com peso. Trocam o balde de braço, alternam os exercícios. Estão concentrados e calados, mas sempre acompanhando a orientação da professora.

CLAUDIONOR – Se a gente tivesse de pagar, quanto será que seria?

MÁRIO – Sei lá, neste bairro aqui é tudo mais caro... No mínimo, uns cinquentão por mês.

CLAUDIONOR – Será?

MÁRIO – Sei lá, não tenho ideia. Tô chutando. Mas se lá onde eu moro já tá trinta e cinco.

184

CLAUDIONOR – Começou o de pular corda. Este não dá pra fazer. Por que é que a gorda vai pegar a corda? A gente já sabe que ela não vai pular. Quer ver?

Os dois aproximam o rosto da janela, com cara de expectativa.

MÁRIO (*gargalhando*) – Gorda mole. Tudo que é de pular ela não faz. Será que na cama ela reage?

CLAUDIONOR – Já deu por hoje, né?

MÁRIO – Pra mim também. Dá um ânimo, né, fazer ginástica...

Os dois sentam-se no andaime e começam a respirar longa e pausadamente, descansando.

CLAUDIONOR – Esta é uma hora boa, depois da ginástica, o corpo fica mais mole, mais macio... Eu acho que é uma coisa que todo mundo tinha de fazer, assim, umas duas vezes por semana, cuidar um pouco da saúde... Você ainda tem cigarro?

MÁRIO – Tenho.

CLAUDIONOR – Dá um?

Mário dá um cigarro para Claudionor e aproveita para acender um para si próprio.

CLAUDIONOR (*dando saborosas tragadas*) – Quando a pessoa quer cuidar da saúde, sempre arruma um tempo. Só não arruma quando é vagabundo, quando não tem vontade. Porque dinheiro não é desculpa. Olha a gente: aqui em cima e ainda arranja um tempinho para se cuidar.

Silêncio. Os dois fumam, aparentemente relaxados.

MÁRIO – Viu... a minha sogra ontem falou uma coisa que eu fiquei pensando também... Não foi só você com o seu sonho, não...

CLAUDIONOR – Aquela sua sogra que é cartomante?

MÁRIO – Eu só tenho uma sogra. Ela veio jantar em casa e começou a puxar conversa de trabalho, de futuro, essas coisas.

CLAUDIONOR – Se ela falou de coisa ruim que vai acontecer, pode calar a boca. Não quero saber. Isso não é conversa pra gente ter aqui em cima. Caralho, agora que a gente tá aqui, descansando depois da ginástica, não vem com assunto de tragédia.

MÁRIO – Não é assunto de tragédia, larga mão de ser tonto. Ela falou de uma coisa que ela pensou, de nós dois aqui em cima...

186

CLAUDIONOR – Que que tem nós dois aqui em cima? Não somos só nos dois. Tá cheio de prédio com gente fazendo o que a gente faz.

MÁRIO – Mas é disso que ela falou. Ela acha que a gente fica muito descoberto, por isso que a nossa vida não vai pra frente.

CLAUDIONOR – Descoberto como? Sua sogra queria o quê? Que a gente colocasse um toldinho aqui em cima do andaime? Que trabalhasse de guarda-chuva aberto?

MÁRIO – Bom, se é pra ficar aí discordando do que eu falo, então a gente nem precisa conver-

sar. Você nem conhece a minha sogra e já vem com esta implicância com ela. Você fala que eu tiro o dia pra ficar esquentado, mas você não fica atrás, não.

CLAUDIONOR – Eu discordo mesmo. E se não quiser contar, problema seu. Eu não tô nem aí mesmo pra o que sua sogra acha ou deixa de achar.

MÁRIO – Mas agora eu vou contar e foda-se. Se não quiser ouvir, tape o ouvido. Ela falou que a gente tá muito exposto, sim senhor. Sabe por quê? Porque toda vez que Deus olha pra baixo, pra distribuir os castigos, é sempre nós dois que ele vê primeiro. Daí ele manda pra gente castigo que era até de outra pessoa. Como a gente tá sempre aqui, dando sopa, ele aproveita e descarrega as coisas em cima da gente mesmo, assim fica mais fácil pra ele e ele já termina logo o que tem de fazer. Ele bota a carona para fora do céu e quem ele vê primeiro? Eu e você. E pronto: já manda as desgraças em cima da gente.

187

Claudionor fica um pouco em silêncio

CLAUDIONOR – Sua sogra falou isso?

MÁRIO – Falou. E agora não me sai mais da cabeça.

CLAUDIONOR – Pois sua sogra é uma tapada. Se fosse assim, nunca ia ter castigo em dia nublado. Pergunta isso pra ela. Quero só ver o que ela vai responder.

MÁRIO – Mas...

CLAUDIONOR – Não tem mas coisa nenhuma. Eu ainda vou desmascarar esta mulher. Que bosta de cigarro é este que você me deu, coisinha vagabunda...

MÁRIO – É o cigarro de sempre.

CLAUDIONOR – Mas hoje tá pior...

188

MÁRIO – Então não pede mais, cacete. Amanhã você compra mais pra você e para de filar os meus. Não tem nada demais com o cigarro, você ficou assim por causa do que minha sogra falou. Eu disse, mexeu comigo também. Eu entendo...

Claudionor joga o cigarro fora

MÁRIO – Isso, bacana. Cai na cabeça de alguém lá embaixo e daí fica bonito pra nós...

CLAUDIONOR – Que se foda, eles que vão se preparando. Hoje cai só um cigarro. Amanhã, quando cair um robô, vai ser muito pior.

MÁRIO – Viu só? Viu só como eu tinha razão? No fundo, é tudo por causa do robô. Maldita hora que vieram falar deste robô pra gente...

CLAUDIONOR – Vai voltar neste assunto de novo?

MÁRIO – Não.

CLAUDIONOR – Ainda bem, chega de falar de robô por hoje. Já me encheu.

MÁRIO – Mas que eu estou certo, isso eu estou...
(Pausa) - Olha pra cima...

CLAUDIONOR (*olhando para cima*) – Puta merda, tava demorando...

MÁRIO – Será que ele viu você jogando o cigarro?

CLAUDIONOR – Sei lá... Que hora será que ele chegou lá em cima?

MÁRIO – Meu medo é que ele tenha visto a ginástica também...

CLAUDIONOR – Se viu, a gente tá ferrado. Ele falou mais de uma vez que aqui não era lugar de ginástica. (Pausa) – Ele tá acenando ou é impressão minha?

MÁRIO – Tá. O que será que ele tá querendo dizer, meu saco?

CLAUDIONOR – A gente nem precisa ouvir pra saber que é bronca. Responde alguma coisa.

MÁRIO – Responder o quê, se eu não tô ouvindo o que ele diz...

CLAUDIONOR – Acena com a mão também, faz um positivo...responde qualquer coisa, caralho. Ele vai muito mais com a sua cara do que com a minha.

190 Mário começa a fazer sinais de OK e positivo para o alto do prédio, enquanto Claudionor, sussurrando, libera uma coleção de palavrões

CLAUDIONOR – Vai, filho da puta, tomara que caia um raio na sua cabeça, desgraçado. Ficar aí em cima com macaquice é fácil, desce aqui pra ver como é bom pegar no pesado...

MÁRIO – Cala a boca, Claudionor. O cara já tá indo embora.

CLAUDIONOR – O que que ele queria?

MÁRIO – Como é que eu vou saber? No mínimo, falar com a gente depois do serviço. Dar uma

dura, na certa. Quem mandou você ficar jogando cigarro na cabeça dos outros?

CLAUDIONOR – Fala a verdade: existe alguém no mundo que você deteste mais do que este chefe?

MÁRIO – Ah, sei lá...

CLAUDIONOR – Vai, responde, quero só ver. Não tem..Este cara é a pior praga que a gente já encontrou na vida. Um cagão. Sabe o que eu queria, de verdade? Que um dia ele estivesse lá em cima, igual hoje, e de repente chegasse um helicóptero e a asa cortasse a cabeça deste desgraçado.

191

MÁRIO – Helicóptero não tem asa.

CLAUDIONOR – Como é que chama aquilo que eles têm, que fica virando?

MÁRIO – Tá, eu sei do que você tá falando...

CLAUDIONOR – Então, que aquele negócio lá cortasse a cabeça do puto e a gente estivesse bem aqui, pra ver a cabeça dele cair, bem na nossa frente... E se esborrifar lá embaixo. Eu ia olhar pra baixo e assim, com o dedão apontado, ia gritar: ô, Paraíba, não sabe que não pode sujar a calçada? Quer perder o emprego, quer?

MÁRIO – Isso não está certo, ele nunca chamou a gente de Paraíba.

CLAUDIONOR – Não chamou porque vive se segurando. Vontade ele tem. Você não percebe quando alguém quer te chamar de Paraíba? Agora, falando sério, já imaginou se isso acontecesse mesmo? Desce o helicóptero e shuap no pescoço do filho da puta! E a cabeça começa a cair, rodando, rodando...com aquele olhão aberto de quem não tá entendendo nada do que tá acontecendo...

MÁRIO – Para de falar merda...

192 Claudionor fica em pé no andaime.

CLAUDIONOR – Vai, Mário, deixa de ser trouxa uma vez na vida. Vamos se vingar. Faz de conta que a cabeça dele tá caindo. Olha lá, já começou a cair. Você é o goleiro, fica de pé, vamos...Fica de pé que eu vou chutar a cabeça do puto e você agarra. Vai, igual jogo da Copa. Daí a gente se abraça e comemora.

MÁRIO – Não vou agarrar nada, senta aí, cacete.

CLAUDIONOR – Claro que não vai. Você é frangueiro, além de tudo. Mas não é pra agarrar mesmo, é, é melhor não agarrar. Tem que deixar a cabeça cair na calçada pra gente poder chamar

ele de Paraíba porco. Tem que fazer a maior sujeira lá embaixo. Tá pronto? Então, vamos lá...

MÁRIO – Senta, caralho...o andaime tá balançando...

CLAUDIONOR – Olha lá, Marião, a cabeça tá caindo, vem vindo, vem vindo...chegou!

Claudionor toma impulso para dar um chute

CLAUDIONOR – E lá vai bomba...

Claudionor desequilibra-se e cai. É contido pelo cinto de segurança e consegue se agarrar ao cabo de aço. Mário fica desesperado e salta para ajudá-lo

193

MÁRIO – Eu não falei pra parar com estas brincadeiras tontas? Olha só, seu desgraçado. Vai acabar se arrebitando lá embaixo e me levar junto ainda...Segura aí, segura firme, cacete.

Mário começa a puxar Claudionor para cima do andaime. Os dois estão tensos e esta operação deve levar alguns segundos...

MÁRIO – Dá esta mão aqui, seu putto...

CLAUDIONOR – Vai com calma, vai com calma... não tem perigo...

MÁRIO – Vai com calma o cacete. Dá aqui, dá aqui... põe o pé aqui, isso, isso... Segura aqui agora.... vai, dá um impulso.

Claudionor consegue subir novamente ao andaime. Mário, na outra ponta, está assustado e ofegante. Eles ficam um tempo quietos, cada um de um lado do andaime.

CLAUDIONOR – Perdi o chute. (*Pausa*) – Culpa sua, que botou zica.

Segundos de silêncio. Os dois agora estão quietos, limpando as janelas.

194 MÁRIO – Tem horas que eu fico assustado com você.

CLAUDIONOR – Foi só um escorregão, ninguém morreu. Todo mundo vive escorregando neste serviço

MÁRIO – Não é por causa do escorregão. Isso também me assustou, mas eu tô falando do seu ódio.

CLAUDIONOR – Quê?

MÁRIO – Parece que você tem ódio de muita coisa. Mesmo aquela hora ali, falando em chutar

a cabeça do chefe, às vezes, eu acho que é verdade. Que se você pudesse, você chutava mesmo a cabeça dele. E até de mais gente.

CLAUDIONOR – Ué, e você não?

MÁRIO – Eu não. Chutar por quê?

CLAUDIONOR – Se você não sabe, azar seu.

MÁRIO – A gente podia ter morrido...Na hora me veio na cabeça aquele seu sonho.

CLAUDIONOR – Eu não disse que no sonho eu tava sozinho aqui em cima?

195

MÁRIO – Por isso mesmo que eu fiquei com medo. Se você tava sozinho é porque era eu que tinha caído. É sempre assim, quem tá quieto acaba pagando.

CLAUDIONOR – Por que que você não sente ódio do chefe?

MÁRIO – Uai, ele nunca me fez nada...

CLAUDIONOR – Como não fez nada? Ele vive dando ordem, falando alto com a gente, olhando com uma cara de desprezo. Só por ele me dar ordem já é motivo de odiar.

MÁRIO – Se ele não desse ordem, a quem que a gente ia obedecer?

CLAUDIONOR – Ninguém

MÁRIO – E onde a gente ia tá esta hora se não obedecesse a ninguém? Eu só tô aqui porque me mandaram. Se não me mandassem, eu não ia subir aqui, que eu não sou louco. Por isso que precisa ter alguém que mande, senão ninguém faz.

CLAUDIONOR – Pois é disso que eu tô falando, você não odeia quem te manda subir aqui?

196 MÁRIO – Você para de me confundir a cabeça. Eu não quero ficar como você, com vontade de ficar chutando os outros..

CLAUDIONOR – Então, fala uma coisa que você odeia, que daí eu sossego.

MÁRIO – Não tem nada.

CLAUDIONOR – Tem que ter. Todo mundo odeia alguma coisa. Pode ir pensando...

MÁRIO – Tem coisas que eu não gosto, mas não é assim, deste seu jeito, de odiar...

CLAUDIONOR – Tá bom, serve. Fala o que é.

MÁRIO – Assim, por exemplo...Você já entrou em banheiro de shopping?

CLAUDIONOR – Já.

MÁRIO – Então, já reparou naquelas máquinas de papel de enxugar a mão? Em todas tá escrito assim: pega só duas folhas que tá bom. Tá bom bosta nenhuma. Não tá. A gente que trabalha com limpeza sabe que não tá. Duas folhas não dão pra enxugar a mão. Às vezes, nem três. Só de quatro pra cima, de cinco pra cima. (*vai se irritando*) Aquilo vai me dando nos nervos. Por que falar que duas folhas tá bom? A gente pega quanto quer. A gente já não tem um puto pra gastar no shopping e ainda vai no banheiro e tem de se contentar com só duas folhas? Um dia, eu tirei uma, tirei duas... não tinha ninguém no banheiro, eu falava assim: vai economizar folha no cu. E arranquei todas as folhas, todas, e joguei tudo no lixo. Eu falei bem alto: quero ver quem é o filho da puta aqui que vai me dizer com quantas folhas eu vou enxugar a mão...

CLAUDIONOR – Mas isso não é...

MÁRIO – Cala a boca que eu tô falando. E outra coisa que eu não gosto é quem fala nada contra. Eu ouço isso no ônibus todo dia. Alguém vai falar mal de...sei lá, um garçom. E daí começa assim:

nada contra garçom...e já começa a descer o cacete nos coitados. Se vai falar mal de mendigo, também fala assim: nada contra mendigo. E eu vejo na cara da pessoa que, por ela, podia morrer tudo. Disso eu não gosto, eu não gosto, entende? Por que que tem de falar nada contra? Fala logo o que acha e pronto. Eu tenho medo, de um dia, sei lá, Deus me livre. Mas se um dia eu entrar num banheiro de shopping e um desgraçado falar nada contra e depois pegar só duas folhas pra enxugar a mão...olha, se eu já tiver meio torto, eu acho que mato o filho da puta, ali no banheiro mesmo. Eu fico batendo a cabeça dele na pia e dizendo: fala nada contra agora, fala, desgraçado. E isso é pra você aprender a não pegar só duas folhas, que não dá, tá entendendo, duas folhas não dão pra enxugar a mão de ninguém.... (*Pausa e mais calmo*) Mas, tirando isso, o resto não me incomoda. Não tenho ódio, não....(*Olhando para o vidro*) – Seu lado tá mais limpo ou é impressão minha?

CLAUDIONOR (*confuso*) – Acho que tá igual, não tá?

MÁRIO – Deixa eu ver... é, acho que tá igual

CLAUDIONOR – Às vezes, eu não gostaria de tá no lugar deles

MÁRIO – Deles quem?

CLAUDIONOR – Deles, lá dentro. A gente limpa a janela pra eles e se eles chegarem até aqui, pertinho do vidro, o que é que eles vão ver? Este outro prédio aqui atrás, só tem dez metros de visão. Tanto faz se a janela tá suja ou tá limpa, dá no mesmo...

MÁRIO – Eu já não te falei que você se preocupa demais com quem tá lá dentro? Olha só, de novo pensando neles. A gente não tem que pensar no que é que eles vão ver. A gente tem de deixar a janela limpa e pronto. Se eles vão ver alguma coisa, o problema é deles. Se não quiserem ver também, oh, pra mim pau no cu deles.

199

CLAUDIONOR – Eu acho que você tem mais raiva na vida do que eu.

MÁRIO – Não tenho, você tem muito mais.

CLAUDIONOR – É você que tem. Eu tenho muito ódio de umas duas ou três coisas, muito ódio mesmo, mas de poucas coisas, dá até pra contar. Você, não. Você tem pouco ódio de muito mais coisas. Se for somar, oh, você ganha de longe. Credo, ô sujeitinho ruim que você é...

MÁRIO – A pior coisa deste emprego é a gente não poder sair prum cafezinho quando começa

a ouvir muita merda. Se a gente trabalhasse num escritório, sabe o que eu ia fazer, sabe? Ia deixar você falando sozinho. Eu ia falar assim: oh, eu vou até ali e já volto. E ia demorar muito pra voltar, muito mesmo, até esquecer desta sua cara. Aqui eu não tenho pra onde ir, por isso eu fico te ouvindo e só desaprendendo coisa. Só vendo minha vida andando pra trás. Se dependesse de mim, você ia ficar aqui, sozinho, falando pras paredes...

200

Novamente concentrados na limpeza, dando a entender, pelos gestos, que o dia de trabalho está terminando. Começam a colocar os panos dentro dos baldes, a recolher os rodos e, em silêncio, baixam o andaime até o chão. Descem do andaime e olham para cima, contemplando o trabalho feito.

MÁRIO – Vamos lá ver o que o chefe quer?

CLAUDIONOR – Não dá pra deixar pra amanhã?

MÁRIO – Vamos agora. Se for comida de rabo, melhor levar quando o dia termina do que quando o dia começa...

Apanham os baldes e os rodos.

CLAUDIONOR – Ah, me lembra que depois eu tenho uma coisa pra te perguntar...

MÁRIO – O nome da rifa, né? Achou que eu ia esquecer? É Magali.

CLAUDIONOR – Não, disso eu lembro. O que eu queria saber é que fim levou o Juvêncio...

MÁRIO – Caramba. Ele trabalhou mais uns 15 ou 20 dias depois que trouxe o moleque aqui e aí sumiu. Falou que ia ver outro emprego e nunca mais apareceu por aqui. No começo, a gente até estranhou, nem veio pra se despedir...Mas depois, sei lá...deve de ter se arranjado por aí.

CLAUDIONOR – Vai ver que ele foi comprar cigarro...

201

MÁRIO (*rindo*) – O Juvêncio nem fumava...

CLAUDIONOR – Então, é isso que me preocupa...

MÁRIO – Bom, vamos lá ver o que o homem quer...

CLAUDIONOR (*dando uma última olhada para o prédio*) – Tomara que não chova de noite... Tá uma joia....

MÁRIO – Se chover também, não vai ser a primeira vez. Daí amanhã é só tirar as mancha.

CLAUDIONOR – É...só as mancha...

Saem de cena.

FIM

Andaime, prêmio Funarte de Melhor Texto para Teatro Adulto em 2005, estreou em março de 2007 no Teatro Vivo, em São Paulo, com direção de Elias Andreatto e cenário e figurino de Gabriel Villela. No elenco, os atores Cássio Scapin e Cláudio Fontana.

Abre as Asas Sobre Nós

PERSONAGENS – Enfermeiro – Paulo Preto (o homem dos passarinhos), Bárbara (travesti), Galega (travesti operada, que divide um quarto com Bárbara), Xalé (cafetão de Bárbara e Galega)

CENA 1

Sala de espera de hospital. Ambiente frio e pouco acolhedor. PAULO PRETO está sentado em uma das cadeiras; mostra-se impaciente. Ameaça, por duas vezes, abordar um enfermeiro que passa pela sala. Dirige-se a ele somente na terceira vez.

PAULO – Moço, por favor, eu...

ENFERMEIRO (*cruzando a sala, sem desviar os olhos de um prontuário*) – Só um momento.

Enfermeiro sai de cena. Paulo levanta-se, dá alguns passos pela sala e volta a se sentar. Enfermeiro retorna.

ENFERMEIRO – Pois não.

PAULO – Boa-noite, é que...eu queria saber como está a moça que veio comigo, faz uma hora mais ou menos... Será que o senhor poderia dar uma olhada?

ENFERMEIRO – Como é o nome dela?

PAULO – O nome? Eu...eu não perguntei...

ENFERMEIRO – Que nome ela deu na recepção?

PAULO – A gente não passou na recepção.

ENFERMEIRO – Não?

PAULO – Ela chegou machucada. Um outro enfermeiro pôs ela numa cadeira de rodas lá fora e veio pra cá, direto. Até agora ninguém veio me falar nada. (*Apontando*) – Ele entrou com ela por esse corredor aí e me mandou esperar aqui. Depois ele não apareceu mais. Ela é... ela é uma moça alta, tem assim o queixo comprido...

206

ENFERMEIRO – Eu vou lá dentro dar uma olhada. O senhor é o que dela?

PAULO – Não sou nada.

ENFERMEIRO – O senhor não sabe o nome dela e nem é parente...

PAULO – Eu atropelai ela...

ENFERMEIRO – Ah... Um instante só. Vou ver se encontro ela na emergência. O nome do senhor é...

PAULO – É Paulo. Paulo Preto

ENFERMEIRO – Me dá um minuto.

Enfermeiro dirige-se ao interior do hospital. Paulo volta a andar pela sala. Enfermeiro retorna depois de alguns minutos.

ENFERMEIRO – Ela estava no raio-X, já vai poder ir embora.

PAULO – Não foi nada grave? Não quebrou nada?

ENFERMEIRO (*irônico*) – Pra falar a verdade, teve uma fratura, sim.

PAULO – É coisa séria?

207

ENFERMEIRO – Pra ela deve ser. Quebrou o salto.

PAULO (*envergonhado*) – Sei...

ENFERMEIRO – Ela disse para o senhor não esperar, não. Ela quer ir embora sozinha. Já vão dar alta pra ela.

PAULO – O senhor não viu se ela não precisa de nada?

ENFERMEIRO – Não sei. Ela só pediu pra eu falar que o senhor pode ir.

PAULO – Bom...nesse caso...se está tudo bem...
Eu vou indo, então. O senhor diz a ela que eu
fui, por favor?

ENFERMEIRO – Claro, pode deixar.

PAULO – Muito obrigado, então...

Paulo começa a deixar a sala. Enfermeiro o
chama.

ENFERMEIRO – Seu Paulo.

PAULO (*voltando-se para enfermeiro*) – Oi?

ENFERMEIRO – Bárbara. O nome dela é Bárbara.

208

CENA DOIS

Noite de São Paulo. Bárbara está vestida com
roupa de programa. Saia justíssima e curta, top
minúsculo, sapatos de salto. Movimentos de
Bárbara indicam que ela está em uma área de
muita circulação. Bárbara para em um canto
do palco, entediada, e coloca fones de ouvido.
Paulo aproxima-se, a pé, vagarosamente. Traz
uma caixa nas mãos. Bárbara não o reconhece.

PAULO (*observa-a de longe, por alguns instan-
tes*) – Bárbara.

Bárbara não o ouve. E ainda não o viu. Ele chega
mais perto.

PAULO (*um pouco mais alto*) – BÁRBARA – Bárbara o vê e não esboça reação. Paulo se aproxima um pouco mais e fica em silêncio, a poucos metros dela. Ela o mede de cima a baixo com certo desprezo, e diz.

BÁRBARA – Focofe!

Paulo continua no mesmo lugar. Ele a observa com ar curioso.

BÁRBARA (*bem mais alto*) – FOCOFÉ!!!

Ao ver que ele não reage, Bárbara retira os fones de ouvido.

BÁRBARA – Caralho! É surdo ou é burro?

209

PAULO – Eu não entendi essa palavra aí...

BÁRBARA – Fóqui-ófi. Quer dizer foda-se, cai fora, se manda, dá no pé, vaza. Entendeu agora?

Paulo continua parado. Imóvel.

BÁRBARA – Se quer alguma coisa, diz logo. (*Exibe os fones de ouvido*). Você tá atrapalhando minha lição de inglês.

Bárbara recoloca os fones de ouvido e passa a ignorar Paulo. Depois de alguns segundos, mostra-se incomodada com a presença dele.

BÁRBARA – Escuta aqui. Tá vendo aquele poste ali? Se você não tem o que fazer, você pode ficar do poste pra frente, tá legal? Não quero ninguém olhando pra minha fuça aqui. *(Para o que está dizendo, olha para Paulo com mais cuidado)* – Você não é? Ca-ra-lho! Chega aqui mais perto da luz. Você é o cara que quase me matou no mês passado, não é? Que que é agora, malandro, veio aqui terminar o serviço?

PAULO – Eu achava que você ia mesmo se lembrar.

210 BÁRBARA – Claro que eu lembro. Não é todo dia que a gente é atropelada. Não por um carro, pelo menos.

PAULO – Como assim?

BÁRBARA – Esquece.

PAULO – Desde aquele dia lá, do atropelamento, que eu ando te procurando.

BÁRBARA – Se sumiu alguma coisa do seu carro, não fui eu.

PAULO – Não, imagina. Não sumiu nada, não.

BÁRBARA – Então pode se mandar.

Bárbara não está atenta à conversa. Olha para a rua, mais preocupada com os clientes que pode estar perdendo.

PAULO – É que... eu fiquei um pouco preocupado depois. Queria ver se tava tudo bem, se não tinha sido coisa séria.

Bárbara desfila na frente de Paulo, equilibrando-se desafiadora no meio-fio.

BÁRBARA – E sem muletas. Quer ver com uma perna só agora?

Volta ao seu ponto e ameaça recolocar os fones.

BÁRBARA – E aí, tá satisfeito?

PAULO – Eu passei várias noites lá naquela rua... na esquina do acidente... não te achei mais lá. Comecei a te procurar pelas outras ruas, até que hoje...

BÁRBARA (*irônica*) – Mudei. Gostou do novo ponto? O CEP aqui é mais fácil de decorar. Tá assim de zero. Tem padaria por perto, farmácia, escola pras crianças, a vizinhança é ótima e quase não tem assalto... (*Aproximando-se de Paulo*) – Escuta, valeu pela visita, tá legal? Se eu soubesse que você vinha, eu tinha trazido uns salgadinhos

pra gente comer aqui na sarjeta. Se você queria me ver, já viu. Agora já deu, né?

PAULO (*entregando-lhe a caixa*) – Isso aqui é pra você.

BÁRBARA (*sem pegar o objeto*)

Pra mim? O que que é, agora?

PAULO (*colocando a caixa nas mãos dela*) – É, é pra você. Pode abrir.

212 BÁRBARA (*relutante, segura a caixa, mas não abre*) – Tá vendo aquela loira ali, do outro lado da rua? Aquela que tá olhando pra cá?

PAULO – Tô

BÁRBARA – Você não quer ir até lá pedir para ela abrir?

PAULO – Por quê?

BÁRBARA – Por nada... Se for uma bomba, a concorrência aqui no pedaço diminui.

Paulo fica em silêncio. Bárbara demora um pouco, mas abre a caixa e retira dela um par de sandálias. Examina-o.

BÁRBARA – Fazia tempo que eu não ganhava um chaveiro. (*Coloca as sandálias de volta na caixa e a devolve para Paulo*)

PAULO – Chaveiro? Não, é um par de sandálias. O enfermeiro me disse. Você estragou a sua no acidente.

BÁRBARA – Que número é essa coisa?

PAULO – Trinta e oito

BÁRBARA – Trinta e oito, para mim, é chaveiro. Dá uma olhada no meu pé, vai, dá só uma olhada.

213

PAULO – Era a maior que tinha na loja

BÁRBARA – Por que você não faz uma coisa? Deixa seu telefone comigo. Quando aparecer por aqui uma microtraveca, que calce 38, eu te ligo e você traz a sandalinha pra ela. (*Impaciente*) – Olha aqui, valeu aí pela atenção, mas agora você tem de se mandar mesmo, tá ligado? Isso aqui pra mim é trabalho. E, no trabalho, não é pra conversar que eu uso a boca, saca? Vai dando no pé, vai.

PAULO – Olha, fica com a sandália, quem sabe...

BÁRBARA – Quem sabe o que, cara? Tá maluco? O que que eu vou fazer com esta merda? Olha só o movimento de carro. Cada motorista destes daí pode ser grana no meu bolso, grana que eu tô perdendo se você continuar aqui.

Paulo começa a se retirar de cena e vai até o canto do palco. Volta.

PAULO – Quanto de grana?

BÁRBARA – Depende de quanto você continuar empacando minha vida...

214 PAULO (*observando o trânsito*) – Olha aquele motorista ali, do carro vermelho. Quanto você acha que ele daria para ficar com você?

BÁRBARA – Se você tá procurando trampo de cafetão, chegou tarde. Eu já tenho um.

PAULO – Cinquenta?

BÁRBARA – Por cinquenta eu não ando daqui até a janela do carro.

PAULO – Eu acho que eles não gostam de você. No fundo, eu acho que não gostam, não.

BÁRBARA – Eles quem?

PAULO – Os motoristas. É só olhar pra cara deles.

BÁRBARA – Eu não estou preocupada com a cara deles. O que eu quero deles fica do umbigo pra baixo.

PAULO – Sei...

BÁRBARA – Eu tô falando do bolso.

PAULO – Por que você me mandou embora do hospital?

Bárbara não responde. Paulo retira as sandálias da caixa e senta-se no chão. Começa a brincar com as sandálias, manipulando-as com as mãos, fazendo um delicado sapateado. Bárbara aproxima-se para ver. Fica ao lado de Paulo, atenta e aparentemente carinhosa. De repente, chuta as sandálias para longe.

BÁRBARA (*ríspida*) – Cai fora.

Paulo recolhe as sandálias e as coloca novamente na caixa.

PAULO – Eu poderia trocar, mas não tem número maior. Eu gostei da cor. A moça da loja me ajudou a escolher. Eu fiquei o tempo todo pensando: se ela me perguntar para quem é, o

que eu vou responder? Mas ela não perguntou nada. Às vezes, a gente se preocupa à toa.

BÁRBARA – Você podia ter dito que era pra mãe dela, se ela perguntasse. É o que eu respondo quando vou comprar roupa.

Bárbara se afasta novamente e, desta vez, coloca os fones de ouvido. Paulo volta a se aproximar. Diz, gesticulando:

PAULO – O que você escuta aí?

Bárbara não responde. Paulo insiste, agora afastando um dos fones do seu ouvido.

216

PAULO – O que você escuta aí?

BÁRBARA (*cedendo*) – Outra língua. Eu não vou morrer na bosta deste país. Uma hora dessas eu vou embora.

PAULO – Eu também vou.

BÁRBARA (*demonstrando interesse*) – Vai? Pra onde?

PAULO – Não sei. Eu acho que querer ir embora já é uma decisão muito grande. Saber pra onde ainda, sei lá, acho que isso já é pedir demais de uma pessoa.

Paulo fica parado, ao lado de Bárbara, olhando os carros.

PAULO – Você acha que eles também pensam em ir embora?

BÁRBARA – Vai lá e pergunta. Diz que você trabalha numa firma de pesquisa. O povo que trabalha com pesquisa vive fazendo pergunta besta.

PAULO – Qual palavra que você gosta mais nesta língua aí que você tá aprendendo?

BÁRBARA – Aquela que eu te falei, focofe. É a única que eu sei mais ou menos. Mas me falaram que com ela a gente já se vira bem lá fora, pelo menos no meu ramo.

217

PAULO – Deve se virar mesmo. Pelo que você me falou naquela hora, serve pra tanta coisa, né? Às vezes, eu vou usar também, focofe.

BÁRBARA – Viu, eu não te mandei embora do hospital coisa nenhuma.

PAULO – Não? O enfermeiro falou que mandou.

BÁRBARA – Aquilo foi coisa da cabeça dele. Eu comi ele depois, com o pé enfaixado mesmo.

CENA 3

Quarto de Bárbara e Galega. Vários pôsteres de artista encobrendo as paredes. Galega está passando esmalte nas unhas dos pés quando Bárbara chega, com a caixa das sandálias nas mãos.

BÁRBARA (*olhando para os pés de Galega*) – Não é a mesma cor de ontem?

GALEGA – É.

BÁRBARA – E por que isso? Pintar da mesma cor.

GALEGA (*dando de ombros*) – Pra esperar o sono. O pé é meu.

218

BÁRBARA – Caiu de nariz de novo?

GALEGA – De nariz, de boca e um pouquinho de cu também, quando já tava acabando.

Bárbara caminha até a porta do banheiro.

BÁRBARA – Você não disse que ia chamar alguém pra consertar esta privada?

GALEGA – Disse.

BÁRBARA – E por que não chamou?

GALEGA – Porque eu lembrei que você foi a última a cagar. Você que chame.

BÁRBARA (*olhando para a mesa*) – Sobrou alguma coisa?

GALEGA – Humpft! O que sobra toda noite: saudade. O Xalé passou aqui, duas vezes.

BÁRBARA – Que que ele queria?

GALEGA – Como assim, que que ele queria? Tá louca agora? Ele tava atrás do caixa 24 horas dele, querida, você. Saiu daqui mais puto do que nos outros dias.

BÁRBARA – Como se fosse possível...

GALEGA – Ele falou que passou assim de vezes lá no seu ponto e não te viu. Chegou aqui pilhado. Daqui a pouco, ele volta, quer apostar?

BÁRBARA – Você não tinha nada pra dar pra ele?

GALEGA – Tinha pó, mas ele tava procurando grana.

BÁRBARA – E por que você não deu?

GALEGA – Ah, vá se foder. Você acha que eu tinha algum comigo? E se tivesse também não ia dar. O filho da puta cheirou uma semana inteira de trabalho aqui.

BÁRBARA – Por isso que ele sai puto daqui. Você deixa o cara se acabar no pó.

GALEGA – Ele saiu puto daqui porque ficou te procurando mais de três horas e não te achou. Quem tá no vermelho com ele é você, querida. Não eu. Dei grana pra ele ontem.

BÁRBARA – Eu também dei.

GALEGA – Bom, eu não tenho cara de tesoureira, tenho? Você que se acerte com ele (*Olha para a caixa que Bárbara trouxe*). Pelo jeito, a noite rendeu, hein. Fez até compra.

220

Galega para com o esmalte e pega a caixa das mãos de Bárbara. Retira as sandálias.

GALEGA – Que troço é esse? É pra algum despacho?

BÁRBARA – Eu ganhei

GALEGA – Eu sempre falei que você tá cheia de inimiga. Pelo jeito, já tão começando a se vingar. Você mesma joga fora ou quer que eu jogue?

BÁRBARA (*apanhando a caixa*) – Me dá aqui isso, é meu presente.

Bárbara põe o par de sandálias na caixa e a coloca num canto.

BÁRBARA – Tem alguma coisa pra comer?

GALEGA – Só, se sobrou de ontem. Hoje, eu não comprei nem pão. É o dia da minha dieta.

BÁRBARA – Que dieta? Desde quando você resolveu fazer dieta?

GALEGA – Desde hoje. Um dia por semana eu só vou consumir coisa pelo nariz. Até desintoxicar o organismo.

221

BÁRBARA – Meio cara esta sua dieta, né?

GALEGA (*apontando a vagina e depois o nariz*) – Eu ganho aqui por baixo e gasto aqui por cima. Tô fazendo girar meu capital.

BÁRBARA – Lembra daquele cara que me atropelou? Ele que me deu a sandália.

GALEGA – Vocês ficaram amiguinhos?

BÁRBARA – Eu tinha até esquecido a cara dele. Hoje ele apareceu lá, veio me trazer este presente aí.

GALEGA – Que será que este cara tem contra você? Primeiro te atropela, depois aparece com este ebó.

BÁRBARA – Ele disse que ficou esse mês inteiro me procurando pela noite.

GALEGA – Poderosa! Eu nem me lembro da última vez que um homem ficou me procurando um mês inteiro, acho que nem traficante. Teve aquela vez que eu sumi com o dinheiro do Xalé, mas ele me achou três dias depois e me deu um cacete, lembra? Fazer um homem seguir a gente por um mês é coisa de profissional, viu.

222

BÁRBARA – Não sobrou nada de pó mesmo?

GALEGA – Eu acho que, quando travesti muda de ponto, devia pôr uma placa informando: comunicamos aos nossos clientes e amigos que estamos atendendo em tal lugar... Como as firmas fazem, sabe?

BÁRBARA – Sobrou pó?

GALEGA – Pensando bem, não é bom colocar placa, não. Assim, a gente fica imaginando que o bofe que a gente tá esperando só não apareceu ainda porque não sabe onde a gente tá. Porque se soubesse, já estaria lá, doido atrás da gente.

Avistava a gente na esquina e já começava a passar lubrificante. Anima mais pensar assim.

BÁRBARA (*irritada*) – Galega!

GALEGA – Fala, porra. Precisa gritar deste jeito?

BÁRBARA – Acorda, Galega. Cadê o pó, minha filha?

GALEGA – Eu já falei que acabou, não falei?

Bárbara começa a procurar pelo quarto, revirando os poucos móveis.

GALEGA – Caralho, você não escutou o que eu falei? Acabou o pó.

BÁRBARA – Se você sabe que o Xalé vai voltar, você guardou um resto pra ele. Onde tá?

GALEGA – No meu cu, vem aqui cheirar, vem.

BÁRBARA – Vai, Galega, cadê este pó, sua puta?

GALEGA – Teu macho cheirou tudo, eu já disse.

BÁRBARA – Duas carreirinhas só, vai.

GALEGA – Nem uma. Não tem mais.

BÁRBARA – Duas carreirinhas, uma pra mim outra pra você. Tá bom assim? (*Brincando com Galega*) – Hein, Galeguinha, hein... oh, snif, snif e pronto. Rapidinho. Daí eu falo que você tem a xoxota mais bonita aqui do centro.

GALEGA – E tenho mesmo. E nem precisa você me dizer isso. Todo mundo que já visitou sabe que eu tenho.

BÁRBARA – Claro que tem. Então manda ver.

GALEGA – Você não vale nada, puta desgraçada.

224 BÁRBARA – A última palavra sempre é de quem tem pau. Bota uma presencinha aí na mesa.

Galega retira um papelote de cocaína de baixo da peruca e despeja o pó sobre uma mesinha. As duas começam a cheirar.

GALEGA – Não sei por que, mas é o único lugar que aquele puto do Xalé nunca procurou. Viu... e a hora que ele chegar, hein? Quero só ver se já tiver acabado tudo isso aqui.

BÁRBARA – Foda-se o Xalé.

GALEGA – Quero ver você falar isso na cara dele. Quanto você faturou com o cara da sandália?

Acho que foi uma nota, você ficou lá quase a noite inteira.

BÁRBARA – Não é da sua conta.

GALEGA – Hummm, se apaixonou, Luis Carlos?

BÁRBARA – Venha ver o Luís Carlos aqui no meio das minhas pernas, vem.

GALEGA – Fala, Bárbara, quanto o cara te deu? Quero ver se eu preciso atualizar meus preços ou se ainda tô na tabela.

BÁRBARA – Você não acabou de dizer que não era tesoureira? Que que deu, agora?

225

GALEGA – Desde quando uma faz segredo com a carteira da outra, aqui? Quer ver só, oh: ontem eu fiz 180. Hoje, eu não fiz nada porque fiquei aqui, brincando de autorama com o nariz. Tá vendo só: eu conto tudo pra você. Agora abre aí. Se a grana for boa, dá tempo de a gente sair e comprar mais desta porcaria aqui.

BÁRBARA – Eu não quero mais sair por hoje, nem por meio quilo de pó.

GALEGA – Tá cansada? Por meio quilo de pó eu ficaria uma semana de cavanhaque. Mas não enrola, com quanto o cara morreu?

BÁRBARA – Me traz uma cerveja que eu conto tudo.

GALEGA – Tá pensando que tá onde? Levanta e vai buscar.

BÁRBARA – Pega uma cerveja pra mim, racha.

GALEGA – Não pego, não sou garçoneite.

BÁRBARA – Bom, então não conto mais nada.

GALEGA – A sua sorte é que eu sou uma mulher muito curiosa. Senão, você tava perdida nesta casa.

226

Galega sai de cena para buscar a cerveja.

CENA 4

Flashback. Apartamento de Paulo Preto. Bárbara está parada, em pé, segurando a caixa de sandálias na mão. Observa o ambiente. Paulo volta do interior da casa, trazendo uma latinha de cerveja nas mãos. *É importante deixar claro este movimento: Galega sai para buscar cerveja e quem volta com ela é Paulo.*

PAULO (*dando a latinha a Bárbara*) – Você deu sorte. Era a última.

BÁRBARA – E você, vai beber o quê?

PAULO – Eu não ligo.

BÁRBARA – Pega um copo aí. Eu te dou metade.

PAULO – Não, pode beber. Dá a caixa aqui.

Paulo retira a caixa com a sandália das mãos de Bárbara e a guarda. Bárbara senta-se em uma poltrona.

BÁRBARA – Mora mais alguém aqui?

PAULO – Não. Por quê?

BÁRBARA – Achei que morasse.

227

PAULO – Mas não mora.

BÁRBARA – Eu sei, eu escutei. Mas esta é uma pergunta que a gente faz sempre que vai na casa de alguém pela primeira vez.

PAULO – Vai ver que eu não tenho ido muito na casa dos outros ultimamente. (*Observando um certo incômodo em Bárbara*) – O que foi?

BÁRBARA – Que cheiro é esse?

PAULO – Vem lá da área de serviço. É dos canarinhos.

BÁRBARA – Você cria canarinhos aqui?

PAULO – Nove. Uma vez por semana eu fecho as janelas do apartamento e solto todos. Eles voam uma tarde inteira aqui dentro. Depois, eu pego um por um, com uma toalha, e levo de volta pro viveiro. Ontem, foi o dia que eu soltei, por isso que o cheiro ainda está um pouco forte... é do cocô deles, me desculpa

BÁRBARA – Soltar pra prender depois? Pra que isso? Eles não se arrepentam aí na janela?

228

PAULO – Não, já tão acostumados. No começo era difícil pegar eles de volta, mas agora é tranquilo. Tem alguns que parece que até voam direto pra toalha. Acho que eles já aprenderam que não dá para ser livre o tempo inteiro, chega uma hora em que você tem que voltar pra alguma gaiola... Bom, deixa pra lá... Você quer escolher um CD?

BÁRBARA – Eu não gosto de música.

PAULO – Eu não acredito. Todo mundo gosta de música.

BÁRBARA – Mas eu não gosto. Música faz a gente dizer aquilo que não está com vontade de dizer, ou que não deve dizer, manja? Depois,

quando a música termina, a gente fica com cara de besta, mas então já é tarde e não dá mais tempo de voltar atrás, porque já disse tudo que não devia. É por isso que as pessoas gostam de conversar escutando música, uma atrás da outra, sem parar. Assim, não dá tempo de ninguém se sentir muito estúpido. (*Pausa. Olha em volta*). Onde estão os CDs?

PAULO – Ali, em cima daquele móvel.

BÁRBARA – Bom lugar para eles.

PAULO – Mas você não quer mesmo...?

BÁRBARA – A casa é sua, se você quiser ouvir, pode ouvir. Mas eu não vou prestar atenção. Pode fumar aqui?

229

PAULO – Pode, claro. Eu vou buscar um cinzeiro lá dentro.

Enquanto sai para buscar o cinzeiro, Bárbara começa a se despir. Está sem a blusa, quando Paulo volta. Ele para na entrada da sala e a observa.

PAULO (*de longe*) – Olha aqui o cinzeiro...

BÁRBARA – Traz aqui.

Paulo se aproxima e coloca o cinzeiro perto dela.

BÁRBARA – Meu cigarro acabou. Você tem um aí pra me dar?

PAULO – Eu não fumo.

BÁRBARA – Bom, sem cigarro, só uma latinha de cerveja. A gente vai precisar fazer alguma coisa para passar o tempo, não?

PAULO – Você... você cobra por hora?

BÁRBARA – Você tá vendo algum taxímetro aqui? (*Movendo-se*) – O quarto é por aqui?

230

PAULO – Eu queria...

BÁRBARA – Eu também. Onde é o quarto?

PAULO – Não... eu queria dizer que você se parece muito com a minha mulher

BÁRBARA – Sua mulher também é traveca?

PAULO – Não, não... O jeito dela, eu quero dizer, você lembra muito o jeito dela. Desde aquela noite, do atropelamento, que começou a acontecer uma coisa engraçada comigo.

BÁRBARA – Coisa engraçada? Tá. O que eu faço agora? Sento aqui e começo a rir?

PAULO – Antes, eu me lembrava da minha mulher todo dia, toda hora pra falar a verdade. O rosto dela vinha na minha cabeça o dia inteiro, eu podia estar fazendo qualquer coisa. Eu continuo me lembrando dela, é claro. Só que agora, se eu quero me lembrar da cara dela, eu tenho de pegar uma foto, porque desde aquela noite que... que quando eu penso nela, ela aparece com o seu rosto.

BÁRBARA – Ah, vá se foder. (*Começa a vestir a blusa*) – Você me viu por dez minutos naquela noite, que porra. Me dá aí trinta paus pro táxi. Vai, me passa uma grana. E tomara que um destes canarinhos fedorentos entre no seu rabo, com bico e tudo. Lembrar a sua mulher? Cacete! Olha bem pra mim. Eu lá tenho cara de mulher de babaca?

231

PAULO – Não, fica aí. Eu não vou fazer nada.

BÁRBARA – É por isso mesmo que eu tô dando o fora. Já vi que você não vai fazer nada, me dá a grana do táxi, vai...

PAULO – Fica, eu tô pedindo. Termina a cerveja, pelo menos.

BÁRBARA (*virando a lata de cerveja no chão*) – Esta porra tá quente.

PAULO – Eu pego outra

BÁRBARA – Você me disse que era a última.

PAULO – Não era. É que eu não queria que você ficasse bêbada. Eu não gosto de conversar com mulher bêbada, elas ficam revirando os olhos e esfregando a mão no pescoço, isso me irrita. A geladeira tá cheia de cerveja. Tem de latinha, garrafa, um monte de marca.

BÁRBARA – Enfia tudo no cu, começando pelas garrafas.

232 PAULO – Fica, Bárbara. Eu... eu... você é a primeira mulher que coloca os pés aqui nesta casa depois da minha mulher.

BÁRBARA – Escuta, você sabe bem o que tá dizendo, né? Quero ver se consegue me chamar de mulher quando eu tirar esta saia.

PAULO – Eu vou buscar outra cerveja

BÁRBARA – Não vai porra nenhuma. Você me trouxe até aqui pra quê?

PAULO – Eu já estava indo embora quando você me chamou. Foi você que se ofereceu pra vir junto.

BÁRBARA – Faz parte do meu trabalho. Se não queria, era só ter dito. Foi me procurar lá por que, então?

PAULO – Quando ela ficava nervosa, a minha mulher, ela também fazia este negócio assim com a boca, este bico...Só que ela tinha a voz diferente, a voz dela era bem diferente da sua...

Bárbara avança sobre Paulo e o segura pela camisa. Tira uma faca da bota.

BÁRBARA – Ainda falta um pouquinho pra eu ficar nervosa, mas tô chegando lá. Tô bem perto de ficar nervosa. (*Ameaça-o com a faca*) – De qual lado da cara você gosta mais? Hein, de qual lado, seu idiota?

233

PAULO – Para com isso, Bárbara.

BÁRBARA – Para você, seu idiota. Tá achando que eu tiro a noite pra ouvir história de maluco?

PAULO – O dinheiro tá na minha carteira...

BÁRBARA (*mais calma, ainda com a faca*) – Onde?

PAULO – No bolso, no bolso de trás.

BÁRBARA – Pega pra mim, sem fazer graça.

Paulo retira a carteira do bolso.

BÁRBARA – Joga ali, em cima do sofá.

Paulo obedece. Bárbara reluta um pouco, mas o solta. Caminha até o sofá, com a faca na mão. Apanha a carteira. Conta o dinheiro.

BÁRBARA – Vou levar tudo... pelo estresse.

Paulo continua parado. Passa a mão pelo rosto, onde estava a faca. Bárbara se aproxima de onde jogou a cerveja no chão.

234 BÁRBARA – Esta meleca de cerveja já tá azedando. Pelo menos o cheiro é melhor do que o de bosta de passarinho, não é?

PAULO – Ela já morreu...a minha mulher.

BÁRBARA (*irônica*) – Ah! Jura? Do jeito que você fala dela, você acha que eu tava pensando o quê? Que ela tinha te posto um corno no meio da testa? Claro que a santinha já morreu.

PAULO – Ela me ajudava com os passarinhos. Foi ideia dela, soltar uma vez por semana...

BÁRBARA – Coitada. Bom, uma louca a menos no mundo, não é. Morreu de que, ela?

Paulo não responde.

BÁRBARA – Ô, tá surdo? Morreu de que? Se engasgou com alpiste?

PAULO – Ela caiu da cadeira.

Bárbara olha-o espantada por alguns segundos. E depois começa a rir. O riso vira uma gargalhada incontrolável.

BÁRBARA (*rindo muito*) – Puta, cara, essa é muito boa. Caiu da cadeira... Caiu da cadeira, jura? Ai, caralho, que porra é essa? A santinha era anã? (*Devolvendo a ele uma nota de dez*) – Toma, pega aí, pega dez paus aí... fica pela piada.... Pega seu cachezinho aqui.

235

PAULO – Ela não aguentava mais os gritos. Então, uma noite, ela trouxe a cadeira até aqui, na frente da janela, e caiu.

BÁRBARA (*controlando o riso*) – Gritos? Ela ouvia gritos?

PAULO (*na janela, de costas para o público*) – Todos nós aqui ouvimos os gritos. Alguns aguentam mais, outros menos. Naquela noite, ela não aguentou mais. Acho que, pra muita gente, deve ser difícil mesmo. Conviver com os gritos, eu que-

ro dizer. Ela não foi a primeira a desistir. E eu sei também que não vai ser a última... A qualquer hora, eu sinto que outra pessoa vai colocar as mãos nos ouvidos e ir embora...

BÁRBARA (*aproximando-se da janela*) – Os presos gritam?

PAULO – A noite inteira, às vezes.

BÁRBARA (*cautelosa*) – Em noite de rebelião?

PAULO – Em qualquer noite.

236 BÁRBARA – Fica frio, vão demolir isso tudo, já ouvi dizer. Vai acabar.

PAULO – Será?

BÁRBARA – Vão. Logo logo tudo isso vai vir abaixo.

PAULO – Que vão demolir eu sei, mas será que vai acabar? Daí eles vão gritar em outro lugar.

BÁRBARA – Mas aí não vai ser mais problema seu, que se foda.

Bárbara sai da janela e caminha pela sala. Senta-se no sofá.

BÁRBARA – Isso aí foi a primeira coisa que eu vi, quando cheguei em São Paulo.

PAULO (*interrompendo-a*) – Você veio de onde?

BÁRBARA – Não te interessa. O cara que me trouxe, um motorista de caminhão, coitado... acho que ele pensava que era guia de turismo. Quando a gente tava chegando, ele me acordou pra mostrar o tamanho da cidade, ainda de longe. Parou a carreta no acostamento e me falou: olha lá, pra onde você tá indo. É isso mesmo que você quer pra sua vida? Eu tava vindo de Palmas, tá satisfeito?, sacolejando naquela cabine apertada, quase dois dias. Eu lá ia ter saco pra ficar olhando paisagem naquela hora? Virei de lado e peguei no sono de novo. Dali um tempinho o cara me acordou de novo. Sabe onde a gente tava desta vez? Acho que em uma dessas ruas aí embaixo, sei lá. Ele me mostrou essa porra de prédio e falou: tá vendo isso aqui? É o Carandiru. Vai ser o seu endereço em São Paulo se você pisar na bola. Botou meus troços na calçada e foi embora. Acha que isso é lugar prum filho da puta deixar alguém que tá chegando na cidade? Na frente do Carandiru? Fiquei torcendo pra que ele enfiasse o caminhão no próximo barranco.

237

PAULO – Você é de lá, de Palmas?

BÁRBARA – Ninguém é de Palmas. Conhece alguém de Palmas? Nem eu. Por que que você veio morar nesta bosta de lugar? Palmas também é uma bosta de lugar, mas pelo menos é longe.

PAULO – Você fala muita bosta.

BÁRBARA – Foda-se. Ninguém me paga pra dar palestra.

PAULO – Não, desculpa, eu quis dizer que você fala muito a palavra bosta, e não que você só fale bosta, eu.. eu... eu me expressei mal.

238 BÁRBARA – Você tem certeza que sua mulher não era louca? Não tô ouvindo porra de grito nenhum.

PAULO – Tem noites que fica tudo quieto. Se você quer saber, eu não sei o que que é pior.

BÁRBARA – Caralho. Vai reclamar também quando os caras ficam quietos lá embaixo? Tá querendo o quê?

PAULO – De madrugada, quando tá tudo apagado lá embaixo e fica aquele silêncio...Eu olho pra aquele monte de pavilhão e fico pensando em quantos caras estão lá, com medo do sujeito que tá deitado na cama do lado. Com medo de

levar uma facada no pescoço. Com medo de que aquela noite seja a última noite deles. Que se eles virarem de lado, vão encontrar a morte, ali na cara deles. Nestas noites de silêncio, sabe qual é a impressão que eu tenho? É que estou olhando prum cemitério, onde todo mundo que foi enterrado lá ainda está vivo.

BÁRBARA – Tô começando a dar razão pra sua mulher. É melhor falar bosta do meu jeito do que falar bosta do seu.

PAULO – Como é que era o motorista de caminhão que te trouxe?

BÁRBARA – Ele dirigia.

PAULO – Eu sei, mas...

BÁRBARA – Não tem mais porra nenhuma, ele dirigia e só. Não tirava o olho da estrada, nem quando enfiou a mão aqui nos meus peitos. Você já reparou nos meus peitos? Não acha que pegar neles é melhor do que ficar pegando canarinho?

PAULO – Bárbara... essa faca aí que você carrega...

BÁRBARA – Que é que tem? Você quer saber se é de verdade? Por um tantinho assim naquela hora você ia saber se era de verdade ou não.

PAULO – Você já usou ela de verdade, em alguém?

BARBARA (*demorando a responder*) – O último Natal que eu passei em casa, eu tinha 15 anos. Em Belo Horizonte. Que se você quer saber, também era uma bosta. Tava todo mundo na mesa, esperando pra jantar. Não tinha essa babaquice de ceia, a gente chamava de janta mesmo. Daí, antes de a gente começar a comer, minha mãe disse que tinha um presente, um presente pra família inteira. Todo mundo ficou curioso. Menos minha irmã mais velha, que ficou com aquela cara de bosta... É claro que ela já sabia. Minha mãe foi lá pro quarto e voltou com uma mala. Parou na cabeceira da mesa e falou, na frente de todo mundo, que filho dela não ia ter peito. Ela me entregou a mala, com tudo que era meu lá dentro, e me botou pra fora de casa. O presente era esse: daquele dia em diante, a família tava livre de mim. Sabe que depois eu ri muito? Foi meu primeiro Natal com peito. E eu passei no sereno. Não é uma história engraçada? Até hoje eu não sei direito se foi por distração ou de propósito que minha mãe botou esta faca na mala, junto com as minhas coisas.

PAULO – Essa faca aí, que você carrega. Você já usou ela de verdade, em alguém?

BÁRBARA – Você precisa aprender uma coisa. As facas não matam, cara, elas só tiram o excesso. Eu gosto desta frase... Não é minha, é da Galega, que mora comigo. Um dia, ela me disse que, quando ela era pequena, ela achava que havia muito dela nela mesma...

Luz em Galega, que se aproxima da frente do palco.

GALEGA – Quando eu era pequena, eu sempre achava que havia muito de mim em mim mesma. Que eu não precisava de tudo aquilo para viver, e que, por isso mesmo, eu podia dispor de alguma coisa. Às vezes, eu me escondia no fundo do quintal de casa só pra poder ficar olhando as veias azuladas dos meus pés, debaixo da minha pele branca. Um dia, eu furei uma daquelas veias com uma agulha, pra poder me esvaziar um pouco. O sangue que jorrou era muito, mas insuficiente. No dia seguinte, eu furei outra veia, do outro pé. Minhas veias eram tão saltadas, tão na superfície da pele, que parecia que elas pediam pra ser violentadas. Eu olhava para elas e ficava me perguntando por que o meu sangue tinha de correr assim, tão na vista de todo mundo. Por que ele não podia cumprir o destino dele um pouco mais escondido. Depois de furar as veias com agulhas, eu passei a cortá-las com gilete. Eu criei uma técnica que nunca falhou. Eu sabia

direitinho o tamanho do corte a ser feito, para que eu mesma pudesse estancar o sangue sem ter de sair por aí aos berros, como os moleques que sangravam jogando futebol. Foi a maneira que eu encontrei de ser mais corajosa que eles – eu perdi o medo do sangue. Quando eu acordei da operação, eu senti que, finalmente, eu tinha encontrado o meu tamanho certo, e podia parar de me reduzir. Nunca mais furei veia nenhuma dos meus pés. (*Pausa*) – Se os homens gostam do resultado? Alguns gostam, outros odeiam. Mas já era assim antes, e vai continuar sendo assim para sempre. Quem é que pode dizer que entende, assim com precisão, o gosto dos homens? A diferença é que, agora, eu caibo em mim. É por isso que eu acho que as facas não matam, Bárbara, elas só tiram o excesso.

CENA 5

Apartamento de Bárbara e Galega. Volta do flashback. Galega está contando dinheiro. As duas têm a voz um pouco pastosa, efeito da cocaína.

GALEGA – Setenta paus.

BÁRBARA – Tá bom, não tá? Pra quem não precisou nem tirar a calcinha...

GALEGA – Não sei. Podia ser oitenta, se você não tivesse dado dez paus pro cara...

BÁRBARA – Antes de eu sair de lá, ele me devolveu os dez paus. Era só o que ele tinha na carteira, setenta. Ficou sem nada, eu vi.

GALEGA – Você acha que eu engordei?

BÁRBARA – Por que isso agora?

GALEGA – Acha ou não acha?

BÁRBARA – Sei lá, parece igual. Por quê? Quem falou que você tá gorda?

GALEGA – Ninguém falou. Eu tô indo tomar sol lá em cima e percebi que o vidro de bronzeador tá durando cada vez menos.

243

BÁRBARA – E o que que tem isso?

GALEGA – Se o bronzeador tá durando cada vez menos, é por que tem mais corpo pra espalhar.

BÁRBARA (*apontando a cocaína*) – Você anda usando demais essa porra aqui...

GALEGA (*andando pela casa, procurando as palavras*) – Eu acho que você pisou na bola. Falou demais, falou o que não devia.

BÁRBARA – Tá puta por que eu falei de você? Grande coisa. Você conta esta história aí das

veias pra todo mundo... Parece que tem orgulho de ter passado a vida inteira furando o pé.

GALEGA – Não vem bancar a esperta pro meu lado, não. Você sabe bem do que eu tô falando. Se em vez de trepar você resolve sair por aí e passar a noite inteira conversando, falando das merdas que você já aprontou na vida, é problema seu. Seu e do Xalé. Mas me deixa de fora das suas histórias. Por que é que você tem de me botar no meio dos seus rolos? Da próxima vez, eu...

244

Xalé chega ao apartamento e vê que as duas estavam cheirando. Galega para de falar.

XALÉ – Da próxima vez o quê, Galega? (*Segura Galega pelo braço, ameaçando torcê-lo*) – Da próxima vez você vai parar de mentir pra mim, vadiazinha? É isso que você ia falar, não é? Não disse que tinha acabado o pó?

BÁRBARA (*entediada*) – Para com isso, Xalé. Você deve tá com uma hemorroida desse tamanho depois de tudo que já cheirou hoje.

XALÉ (*soltando Galega*) – O cu é meu.

BÁRBARA – Bom proveito

XALÉ (*apanhando os R\$ 70 que estavam sobre a mesa*) – E por falar em cu, anda cobrando barato pelo seu, não é? Só isso? Setenta pilas?

GALEGA – E ainda é muito, pra quem nem usou. O cu, eu quero dizer.

XALÉ (*para Galega*) – Com você eu falo depois. Da próxima vez que você falar que não tem mais pó, eu viro esta casa aqui de ponta-cabeça. E reze pra que eu não ache.

GALEGA – Ué, e se achar? Vai fazer o quê? Cheirrar, grande merda.

XALÉ – Experimenta. Experimenta esconder de novo que você vai ver o que eu faço.

245

GALEGA – Ih, qualé, Xalé? Pisou na bosta vindo pra cá?

Bárbara e Galega gargalham.

GALEGA – Foi boa essa, hein, Bárbara.

BÁRBARA – Claro, você usou minha palavra predileta. Tudo fica bom quando a gente fala bosta no meio. (*Para Xalé*) – Dá minha parte desta grana aí.

XALÉ (*colocando todo o dinheiro no bolso*) – Passou a noite onde?

BÁRBARA – Pega a tua metade da grana aí e me deixa ir dormir.

GALEGA – Dormir? Ficou louca? Quem é que vai dormir nesta casa, hoje depois desta caralhada de pó?

XALÉ (*para Galega*) – Tem alguém aqui falando com você?

GALEGA – Vá tomar no seu cu. Eu moro aqui e falo o quanto eu quiser. Mesmo que ninguém me pergunte nada eu respondo.

XALÉ – Passou a noite onde, Bárbara?

246

BÁRBARA – Ô, Xalé, pra quem diz que é o dono do negócio, você anda entendendo pouco das regras, meu nego. O lance é o seguinte: eu tenho que voltar pra casa com grana, certo? Por onde eu andei pra conseguir a grana é problema meu. Já viu ladrão que pergunta pra vítima de onde veio o dinheiro que ele tem na carteira? Nunca viu, né? Então não vem lançar moda por aqui. Agora dá minha parte aí que o meu dia, por hoje, acabou.

XALÉ (*ameaçador*) – O seu dia, Bárbara, não tá nem começando. O seu dia e o desta outra aí começam e terminam quando eu quiser, sacou?

Você passou a noite inteira fora do ponto, me aparece aqui com setenta pilas e quer dar uma de idiota pra cima de mim. Galega, pega a bolsa dela. Vê quanto tem aí.

GALEGA – Não tem nada, é só estes 70 paus mesmo.

BÁRBARA – Quem falou que eu fiquei a noite inteira fora do ponto? Você é que ficou a noite inteira com teu nariz neste bagulho aqui, Xalé.

XALÉ – Onde eu ponho o meu nariz não é problema seu. Eu quero saber por onde é que você andou botando este teu pau a noite inteira pra me aparecer aqui com esta gorjetinha de merda. Fala logo.

BÁRBARA – Quer saber de uma coisa? Fica aí com esta grana toda, tô cagando.

XALÉ (*tirando um revólver do bolso*) – Escuta aqui, sua cadela. (*Aponta o revólver para Bárbara*) – Nesta vida, nesta vida aqui, tá entendendo, você não me passa pra trás. Você morre antes. Onde você passou a noite e pra quem você anda dando grana?

BÁRBARA – Você acha que eu tô dando grana pra quem, Xalé? Pirou agora? Eu já tenho você

que me esfola, cara. Não preciso de outro homem pra me foder, não. Se é este o seu medo, pode sossegar. O que você botou aí no bolso é o que eu fiz a noite inteira. Não tem mais nenhum puto nem pra uma caixa de fósforo.

XALÉ – É pouco. É pouco, cacete. Pra quem ficou a noite inteira fora, isso aqui não vale uma merda.

GALEGA – Baixa esta porra, Xalé. Ela passou a noite na casa de um doido aí, um tal que cria passarinho. É verdade. Tá vendo aquela caixa de sapato ali? Ele deu de presente pra ela. Pode ir lá ver. Pronto! Até que a noite não saiu só por 70 paus. Saiu por 70 paus e mais a sandalhinha. Se você for dividir os lucros, eu quero minha parte em grana. A sandalhinha é o demo. Você tem mãe, Xalé? Deve ter, né? Cafetão também nasce de buceta. Dá a sandalhinha pra ela, quem sabe a velha não curte e sai pra dar pinta com a gente...

Xalé dá um murro em Galega com a mão do revólver. Galega cai. E começa a rir.

GALEGA (*rindo desafiadora*) – Vai, Xalé... Aproveita pra bater. Aproveita pra bater na gente mesmo. Daqui a pouco, querido, você também vai estar levando porrada. E vai saber como é

bom dar o cu várias vezes por dia. E sem grana, Xalé, sem grana. Pra onde a gente vai, você vai ter de dar de graça, se é que já não deu...

Bárbara vai até Galega e tenta ajudá-la a se levantar. Galega recusa.

GALEGA (*para Bárbara*) – Sai pra lá. Você bota a gente na merda e quem leva na cara sou eu.

BÁRBARA – Cala a boca, Galega.

XALÉ – Do que que ela tá falando?

BÁRBARA – Do que fala todo mundo que passa a noite bebendo e cheirando. De bosta nenhuma. Ela não tá falando de bosta nenhuma, como todo mundo aqui nesta casa, Xalé. Ninguém tá falando de bosta nenhuma. Agora pega a sua grana e dá o fora, vai.

249

GALEGA – ...e leva a sandalhinha...

BÁRBARA (*irritada*) – Cala a boca, porra.

GALEGA – Cala, você, sua puta. Eu já falei pra ele e vou repetir pra você. Eu moro aqui nesta porra e vou falar o quanto eu quiser.

BÁRBARA – Vai dormir, Galega. Depois você pode falar até ficar rouca.

GALEGA – Xalé, ela contou tudo pro cara do passarinho. Nós tamos fodidos. Fodidos. Se ele abrir a boca, daqui a pouquinho a gente vai ter de mudar de endereço. A gente vai morar num lugarzinho assim... quanto mede aquilo lá, Bárbara, aquele lugarzinho pra onde você vai mandar a gente? Uns dois por três? Ô, Xalé, você que é tão fudidão, que manda e desmanda, vê se descola pra mim uma celinha que bate sol, pode ser? Meu cabelo fica muito oleoso na cadeia...

XALÉ – Tem nada mais nojento que mulher bêbada.

250 GALEGA – Ah, tem, ô, se tem. E a gente vai descobrir logo, viu. Pode começar a contar, é questão de dias. Acho que até de horas.

Bárbara larga Galega no chão e vai até Xalé.

BÁRBARA – Vamos embora daqui, Xalé. Hoje é daqueles dias que ela vai precisar babar por umas três horas até ficar boa de novo.

XALÉ – Ninguém sai daqui até você me dizer onde passou a noite e o que é que você anda armando.

BÁRBARA – Vamos conversar em outro lugar. Não tá vendo que ela tá atacada hoje?

Bárbara começa a arrastar Xalé em direção à porta.

GALEGA – Vocês vão sair? Se a polícia aparecer eu falo o quê? Que vocês foram tomar uma média na padaria e já voltam?

XALÉ (*segurando Galega pelo pulso, irritado*) – Que papo é esse de polícia? Do que que você tá falando agora?

BÁRBARA – Vamos sair daqui, Xalé. Que merda, para de dar trela para esta puta.

GALEGA – Ela contou, Xalé. Ela contou pro homem dos passarinhos que ela matou aquele cara.

XALÉ (*para Bárbara*) – Que que é isso que ela tá dizendo?

BÁRBARA – Nada, porra, ela não tá dizendo nada. Vamos sair daqui, Xalé.

GALEGA – Ela pediu pro homem soltar os passarinhos. Ele não queria, porque era de noite. Ele nunca tinha soltado os passarinhos de noite. Mas você conhece a Bárbara, Xalé, ela consegue o que ela quer dos homens. Não consegue, Bárbara? Eles ficam loucos quando ela mostra essa porra de moranguinho que ela tem tatuado na

bunda. Você sempre falou que ia comigo, que ia me levar pra fazer um moranguinho na minha bunda também. Nunca me levou, cadela. Bom... o que era mesmo? Ah, claro. Daí o homem soltou tudo, de noite mesmo. E aqueles passarinhos todos começaram a voar no apartamento. Conta você, Bárbara, você sabe contar melhor que eu.

Xalé e Bárbara ficam em silêncio.

252

GALEGA – Não vai contar? Não faz mal, eu conto. Daí aqueles passarinhos todos começaram a voar no apartamento, dando com a carinha no vidro da janela, não é Bárbara? Como é o barulhinho que eles faziam, quando davam com a cara no vidro? Tuc-tuc-tuc-tuc...E no meio desta alegria toda, Xalé, com merda caindo do céu e o barulhinho de tuc tuc tuc tuc, a Bárbara contou que matou o homem de terno cinza que tinha empurrado ela pra fora do carro naquela noite, lá na marginal. Eu não condeno ela, Xalé. A cena é tudo, parece até cinema, não parece? Passarinhos voando de madrugada, cocô caindo e a Bárbara confessando que era assassina. Só faltou a música, mas a Bárbara não gosta de música. Ele até falou pra Bárbara escolher um CD, mas ela não quis. Sabe o que ela contou depois? Que a gente ajudou ela a se esconder e dar um jeito no corpo do gordo do terno cinza. *(Pausa)* Sabe, Xalé, aquela merda toda agora vai cair bem aqui,

na nossa cabeça. (*Rindo*) Como é, Bárbara? Faz o barulhinho pro Xalé, faz. Tuc-tuc-tuc-tuc...Bate mais na minha cara, Xalé. Quero ver até quando, até quando.

BÁRBARA (*caminhando até Galega*) – Por que, Galega? Por que, porra?

GALEGA – Eu te falei, não falei? Era bonito demais pra eu não contar pra ninguém. Quem manda você ter tanta sorte na vida?

CENA 6

Apartamento de Paulo Preto. Toque de campainha. Paulo Preto abre a porta. Entra Bárbara.

253

PAULO – O que foi?

Entram Xalé e **GALEGA** – **BÁRBARA** – Eles quiseram vir, não tive como...

XALÉ (*irônico*) – A gente achou que era um desperdício, tanta cerveja na geladeira, não é Bárbara? A gente decidiu vir pra cá, continuar a festinha. Paulo Preto, certo? A Bárbara andou falando uma coisinha ou outra de você.

GALEGA – Você arrasou com a história dos passarinhos, fiquei maluca. Ela também já deve ter falado de mim. Eu sou a Galega. Não sei o que

ela falou, mas pode apostar que eu sou muito pior. Este é o Xalé. Xalé, você já reparou que nunca se apresenta. Ninguém é obrigado a te conhecer, não.

Xalé observa o ambiente. Galega, Bárbara e Paulo estão parados, no centro da sala.

XALÉ – O que tanto você gostou daqui, Bárbara?

BÁRBARA – Xalé, fala logo o que você tem pra falar e vamos embora.

GALEGA – Ah, por que tanta pressa? Sozinha você ficou um tempão aqui... (*Para Paulo*) – Você não vai servir nada pra gente? A Bárbara disse que você recebe tão bem as visitas... Pergunta até se a gente não quer escutar música...

254

PAULO – Eu não estava esperando ninguém.

XALÉ – Ô, Galega, eu falei, a gente devia ter marcado hora aí com o moço. Que mancada, hein. Sabe o que é, ô, Paulo Preto, a gente costuma ser bem informal, entende? Bem sossegado. A gente aparece sem avisar, faz rapidinho o que tem de fazer e se manda, sacou? A gente odeia dar trabalho pras pessoas, não odeia, Bárbara? Cada um de nós três tem de fazer o seu serviço direitinho, sem erro, sem marcação, pra não sobrar

pros outros. Se algum de nós dá uma mancada, o que os outros fazem? Vão lá e corrigem. Porque a gente é quase uma empresa. E na empresa todo mundo tem de falar a mesma língua.

BÁRBARA – Xalé, chega de graça, tá bom? (*Para Paulo*) – Sabe o que é? Eles ficaram preocupados com a história que eu contei.

XALÉ – Preocupados? Preocupados? Que palavra chique! Você está preocupada, Galega?

GALEGA – Eu? Imagina, nem um pouco. Você está, Bárbara? Preocupada com a história do cara que você matou? Eu não tô nadinha preocupada, eu tô é puta.

255

PAULO – Olha, eu já sei o que vocês estão querendo aqui. Eu já desconfiava que uma hora dessas vocês iam aparecer. Só não pensei que fosse tão cedo...

XALÉ (*aproximando-se de Paulo*) – Por que deixar para amanhã, se é tão fácil resolver tudo hoje mesmo, não é?

BÁRBARA (*para Paulo*) – Eles só querem ter certeza que você não vai abrir a boca pra ninguém, só isso. Garante isso pra eles que a gente vai embora.

PAULO – Se é só por isso, pode levar seus amigos embora. Eu não vou abrir a boca com ninguém.

GALEGA – Acho que você não costuma receber muitas visitas por aqui, não é? Parece que não sabe lidar direito com as pessoas, fica incomodado...Engraçado, é este mesmo o cara, Bárbara? Ela falou que você era tão gente fina, não tô vendo nada disso aqui.

Xalé dirige-se ao interior do apartamento.

PAULO – Bárbara...

BÁRBARA (*nervosa*) – Vamos embora, Xalé.

256

GALEGA – Calma, Bárbara, a gente acabou de chegar. Você falou que o Paulo gosta tanto de conversar que ficou aqui falando da mulher dele com você, não ficou? Mas agora ele está tão quieto. Seria tão bom se você continuasse assim quieto, Paulo, por muito tempo. Muiiiiiito tempo. O silêncio vale ouro, dizem.

Xalé volta à sala. Traz um canarinho nas mãos.

XALÉ – As coisas morrem tão depressa aqui, Galega. (*Abre a mão e exhibe o pássaro morto*) – Eu fui apertando de leve, só pra ver se ele abria o bico e, quando eu percebi, já tinha morrido.

Abriu o bico e morreu. Que coisa, hein? Será que é algum sinal?

Xalé joga o pássaro morto em um canto. Paulo tenta avançar sobre ele. Bárbara o detém.

BÁRBARA – Deixa quieto, vai por mim, deixa quieto. (*Para Xalé*) – Ninguém aqui é burro, Xalé. Ele já falou que não vai entregar ninguém, merda. Para de fazer terror. Tá putto? Desconta em mim, cacete. (*Aproximando-se de Xalé*) – Dá uma aqui na minha cara igual você deu na cara da Galega.

GALEGA – Podia dar uma mesmo, Xalé, só pra variar um pouco.

257

XALÉ – Vai lá pegar uma cerveja pra mim, Galega.

GALEGA (*alterada*) – Você nunca bate nela, seu putto. Nem quando ela pede.

XALÉ – Vai, porra.

Galega dirige-se à cozinha. Xalé caminha até a janela.

XALÉ (*irônico*) – Custou mais caro o apartamento, por causa da vista? Ver rebelião de camarote, ler aquelas merdas que eles escrevem nos len-

çóis, ver refém ser espetado... O que são aqueles gatos-pingados andando lá no pátio?

Ninguém responde

XALÉ – Eu te fiz uma pergunta, mano.

PAULO (*relutando*) – É o banho de sol, dos que tão jurados de morte. Eles só saem no sábado...

Galega volta com a cerveja e entrega a XALÉ – XALÉ – Por dentro de tudo seu amiguinho, hein, Bárbara. Sabia, Galega, que quem tá jurado de morte sai pra tomar sol de sábado cedo? (*Abre a latinha e começa a tomar*). Vem ver.

258

Galega aproxima-se da janela.

GALEGA – Que mixaria, só tem isso aí jurado de morte? Pensei que tivesse uma porrada.

XALÉ (*juntando Bárbara e Galega*) – Vêm cá as duas, aqui assim, uma do lado da outra. (*Para Paulo*) – Tá vendo isso, Paulo? Tá vendo o material que eu tenho? Fala sério: há quanto tempo você não via duas mulheres tão tesudas, assim na sua frente? Olha bem pras pernas delas, pros peitos, repara bem nestas bocas. Deve ter um monte de mulher de verdade que daria qualquer porra pra saber fazer tão bem

o que elas fazem... Agora eu pergunto uma coisa pra você: não é uma judiação mandar essas duas lá pra baixo? Fazer elas tomarem sol só de sábado, trancar as duas numa celinha fedorenta... Elas não sabem viver sem luxo, sem os produtinhos delas... em pouco tempo, elas iam ser só um punhado de maquiagem borrada e uma peruca sebenta vagando por aquela podridão toda.

BÁRBARA – E você não ia ser muito diferente de nós.

XALÉ – GALEGA – Isso não ia mesmo. Sem falar que a gente já tá acostumada a fazer o que os presos vão fazer com a gente lá embaixo. Você é que vai ter de aprender na marra.

259

XALÉ – Mas ninguém vai precisar aprender nada. Porque o nosso amigo aqui já esqueceu tudo que ele escutou esta noite, não esqueceu?

PAULO – O que a Bárbara falou aqui, morreu aqui. Eu não tenho nada que ver com a vida de vocês, eu já falei.

XALÉ – Nós vamos embora, sim. Mas eu não quero que você fique pensando mal dos meus serviços. Mercadoria que eu prometo, eu entrego.

PAULO – Eu não tô pensando nada de ninguém.

XALÉ – Calma, calma rapaz. Cliente satisfeito é cliente que volta. Quem paga pra mim, leva. *(Para Bárbara)* – Vamos lá, Bárbara.

BÁRBARA – Do que que você tá falando agora, caralho?

XALÉ – Ele te deu 70 paus sem você fazer nada. Não quero que você fique mal-acostumada. Chupa ele. Tá dentro do preço.

BÁRBARA – Ah, vá se foder, Xalé.

260 XALÉ – Chupa ele, Bárbara. Nesta vida aqui, não quero ninguém ganhando dinheiro fácil. *(Para Paulo)* Senta ali, que agora ele vai fazer o serviço.

PAULO – Para com isso, eu que falei que ela não precisava fazer nada. Ela ia fazer o serviço dela, eu que não deixei.

XALÉ – Mas agora você vai ganhar uma cortesia. Senta ali, anda. Faz tempo que eu não vejo a Bárbara em ação, de vez em quando a gente precisa olhar de perto como andam os negócios.

BÁRBARA – Eu não vou fazer porra nenhuma, Xalé. Você já ficou com a grana toda, o cara

aí não vai abrir a boca, vamos cair fora daqui, caramba.

XALÉ – Muito rebelde, Bárbara, você anda muito rebelde. Será que eu vou ter de dar ouvidos pra Galega, hein? Será que eu vou precisar mesmo, de vez em quando, te encher a cara de porrada...

GALEGA – Eu falo isso faz tempo...

XALÉ (*para Paulo*) – Tá fazendo o quê em pé, ainda? Senta ali, senta ali e tira a porra deste pau pra fora. E você, Bárbara, não é de dinheiro que a gente tá falando aqui, tá me entendendo. De dinheiro eu manjo bem e não preciso que ninguém venha me ensinar nada. Nós tamos falando aqui é de trabalho, é de cada um fazer a sua parte para que o negócio continue andando direito. Às vezes, é bom a gente lembrar de qual é a nossa função aqui no pedaço, entende?

261

BÁRBARA – Eu já entendi, Xalé. Tá certo, você tá certo, você tá sempre certo, Xalé.

XALÉ – Então vai lá e faz a sua parte

BÁRBARA – Xalé, não precisa, eu...

Xalé tira o revólver do bolso.

XALÉ – Todo mundo aqui tá querendo ir embora, não tá? Mas a gente só vai sair daqui quando você terminar de trabalhar. (*Aproximando-se de Bárbara, ameaçador*) – Eu quero ver você com a boca ocupada, Bárbara. Eu quero ver você com a boca bem cheia pra que você nunca mais fale além da conta.

Xalé aponta o revólver para Paulo Preto, obrigando-o a sentar-se e tirar o pênis para fora.

XALÉ (*para Bárbara*) – Eu não preciso mandar você fazer o que você já sabe. Vai lá.

262 Bárbara caminha vagarosamente até a poltrona onde está Paulo Preto. Ajoelha-se diante dele e leva a boca em direção ao seu pênis. Começa a chupá-lo. Paulo tem as mãos estendidas ao longo da poltrona, não toca no corpo de Bárbara.

XALÉ – Tá vendo, Galega? Se ela tem trabalho pra fazer, ela não pensa besteira. O problema da Bárbara é que ela não pode ficar desocupada.

Xalé caminha até os dois. Começa a passar o cano do revólver pelas costas de Bárbara, num movimento erótico. Com a outra mão, começa a se masturbar. Galega senta-se em outra poltrona. Observa as unhas.

GALEGA (*ausente*) – Eu poderia ter trazido o meu esmalte...

XALÉ (*masturbando-se energicamente e apontando o revólver para a cabeça de Paulo*) – Termina o seu trabalho, Bárbara, que daí eu termino o meu.

Bárbara pega as mãos de Paulo Preto e leva-as até suas coxas, deslizando-as por elas, num profissional jogo de sedução. Então conduz a mão direita de Paulo até o interior de sua bota, onde está a faca. Aperta a mão de Paulo até que ele sinta o objeto. Paulo apanha a faca e segura-a forte. Xalé continua se masturbando, próximo do gozo. Com um golpe rápido, Paulo levanta e enfia a faca no peito de Xalé. Xalé atira, e o disparo atinge a parede.

263

GALEGA – Xalé!

Paulo arranca o revólver das mãos de Xalé. Xalé cai.

XALÉ (*respirando com dificuldade, rosto no chão*) – Esta casa fede muito... tudo aqui fede muito, Galega.

GALEGA – Xalé, Xalé. Filhos da puta, Xalé, acorda Xalé. (*Para Bárbara*) – Faz alguma coisa, sua puta, chama alguém, o Xalé tá morrendo.

BÁRBARA (*prostrada, ao lado do sofá*) – Chamar quem, Galega? Chamar quem?

GALEGA – Chama um médico, chama a polícia, sei lá, porra, chama alguém pra ajudar a gente aqui. Xalé, não morre, caralho, Xalé, acorda, porra. Bárbara, chama alguém. Se mexe, sua vadia.

BÁRBARA – Ninguém vai ajudar a gente, Galega. Pode esquecer. Ninguém nunca mais vai ajudar a gente.

PAULO (*em pé, com a faca nas mãos*) – Foi assim, Bárbara, foi assim que você matou o homem de terno cinza?

264

GALEGA – Você é uma cadela, Bárbara. Você é uma grande cadela, juro por Deus que você me paga.

Os três sentam-se ao redor do corpo de Xalé.

GALEGA – Isso não tá certo, o que que a gente vai fazer agora? Ele nunca te encostou a mão, sua desgraçada.

Bárbara levanta-se e caminha até a janela. Observa por alguns segundos e volta a se sentar.

BÁRBARA – Esta noite eles não gritaram, gritaram?

PAULO – Não. Nem um pio. Eu nunca gostei deste silêncio. Quando eles ficam quietos, pra mim é a pior noite.

Galega está imóvel, observando hipnotizada o corpo de Xalé.

GALEGA – Xalé, você vai me deixar sozinha aqui com eles, caralho? Não apronta assim comigo, seu puto.

Luzes começam a baixar.

GALEGA – Faz um favor pra mim, Paulo Preto. Solta os canarinhos. Eu também quero ver cair merda do céu.

265

FIM.

Abre as Asas Sobre Nós, Prêmio Shell de melhor texto teatral de 2006, estreou em outubro de 2006 no Espaço dos Satyros Dois, com direção de Luiz Valcazaras. No elenco, os atores André Fusko, Emerson Rossini, Rodrigo Gaion e Valmir Pinto. A montagem carioca deste texto estreou em janeiro de 2008 no Teatro Posto Seis, com direção de Francis Mayer.

Índice

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Apresentação – José Serra | 5 |
| Coleção Aplauso – Hubert Alquéres | 7 |
| O Encontro das Águas | 11 |
| O Funil do Brasil | 53 |
| Andaime | 147 |
| Abre as Asas Sobre Nós | 203 |

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Nunes

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Verfssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas
no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

*O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia*

Alcides Nogueira

*O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro*

Ivam Cabral

*O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma*

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

*O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida*

Samir Yazbek

*Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena*

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do

Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movidada pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 288

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Teatro Brasil

| | |
|--|-------------------------|
| Coordenador Geral | Rubens Ewald Filho |
| Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica | Marcelo Pestana |
| Projeto Gráfico | Carlos Cirne |
| Editor Assistente | Felipe Goulart |
| Editoração | Fernanda Buccelli |
| | Fátima Consales |
| Tratamento de Imagens | José Carlos da Silva |
| Revisão | Dante Pascoal Corradini |
| | Sarvio Nogueira Holanda |

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Roveri, Sérgio

O teatro de Sérgio Roveri : O encontro das águas; O funil do Brasil; Andaime; Abre as Asas Sobre Nós / Sérgio Roveri – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

288p. – (Coleção aplauso. Série teatro Brasil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-792-8

1. Dramaturgos brasileiros 2. Teatro brasileiro 3. Teatro – História e crítica I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Título: O encontro das águas. IV. Título: O funil do Brasil V. Título: Andaime. VI. Título: Abre as Asas Sobre Nós. VII. Série.

CDD 792.092 81

Índices para catálogo sistemático –

1. FBrasil : Teatro : Biografias 792.092 81

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Paulista de Jundiá, jornalista de formação (foi durante muitos anos redator, repórter e editor do Jornal da Tarde), **Sérgio Roveri** já colaborou como autor da Coleção Aplauso com as biografias de Gianfrancesco Guarnieri e Tatiana Belinky. Mas Roveri tem se consagrado também como uma das maiores revelações de dramaturgia da última década.

São mais de 15 peças escritas, das quais foram selecionadas pelo autor, quatro das mais famosas, passando por diversos gêneros, do drama a farsa.

O Encontro das Águas teve duas encenações e até adaptação para a televisão. É a história de Marcelo e Apolônio, dois rapazes que se conhecem ao acaso quando passavam por uma ponte. Em 2006, Roveri foi convidado pelo ator e produtor André Fusko para transpor para o palco o conto *Bárbara*, de Drauzio Varella, que deu origem à peça *Abre as Asas sobre Nós* (vencedora do Prêmio Shell), mostrando a vida de Bárbara, fora do Carandiru. *Andaime*, vencedor do prêmio Funarte de Dramaturgia, é sobre dois operários que trabalham num andaime.

O Funil do Brasil, que teve leitura dramática dirigida por Paulo Autran, é definido pelo autor como uma sátira aos *reality shows*: *meu texto mais leve e descompromissado, em que me guiei apenas pelo prazer de brincar com esta era de celebridades em que vivemos.*

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, no registro e resgate da memória cultural do Brasil.

ISBN 978-85-7060-792-8



9 788570 160792 8